

Prólogo

A base já aparece no radar. A primeira em Marte. Agora sim, pode dizer-se que há marcianos. São cerca de trinta, de sangue muito humano, nascidos e criados na nossa casa, a Terra. Digam o que disserem, e seja lá o que o futuro nos reserva, será sempre esse o nosso lar. São na maioria cientistas, pioneiros, gente de coragem. A sua missão principal será estabelecer uma base permanente, com condições de habitabilidade. Coisas básicas que, na Terra, tomamos como garantidas: ar, água, comida, roupa, casa. Afinal de contas o planeta Marte é completamente inóspito para nós e para qualquer outra forma de vida. A prová-lo está o facto de nunca ter sido encontrado nenhum organismo vivo na sua superfície, em todos estes anos de observação e exploração, muito embora se tenha comprovado ter havido vida em Marte em épocas passadas. Décadas atrás pensava-se que Marte poderia vir a ser uma espécie de estância de férias do sistema solar. Uma estância de férias com uma temperatura média de sessenta graus Celcius abaixo de zero. Seria um pouco como ir passar férias ao Pólo Sul da Terra, mas sem o ar nem a água. A ideia de Marte foi evoluindo, aproximando-se de algo mais realista, embora ambicioso: ser uma base de construção naval. Ideia estranha, talvez, tendo em conta que os oceanos de Marte há muito se evaporaram. Mas faz sentido, se o oceano for o Universo, e o planeta vermelho uma das nossas primeiras praias. A ideia é usar o posto avançado de Marte, em vez da Terra, para construir naves de exploração espacial. Uma equipa de seis, escolhida entre os melhores técnicos formados na Terra, realiza os preparativos para o contacto com a superfície: a trajetória de aproximação à base está calculada para mais seis horas. Têm como missão colocar na base o equipamento necessário à instalação daquilo a que se chamou “casa das máquinas”, e iniciar a sua entrada em funcionamento. Uma primeira linha de montagem de reatores de fusão nuclear e velas solares. A nave em órbita está atulhada em equipamento. Terão de regressar a esse ponto orbital várias vezes, para montar o pretendido na superfície. Isso e um batalhão de robots, esses curiosos camaradas que fazem a maior parte das coisas, procurando sempre manter o moral dos humanos elevado. Da base vem a mensagem de que se aproxima uma pequena tempestade de areia. Nada de preocupante. São normais a esta latitude e quase sempre pouco intensas, dada a atmosfera rarefeita.

Seguimos na trajetória prevista. Obviamente que seis técnicos, trinta investigadores e um punhado de robots não vão conseguir construir todo um estaleiro de naves interstelares em Marte. As primeiras equipas irão apenas consolidar a base de estabelecimento da vida humana no planeta, e iniciar o processo de produção. Muitas mais missões se seguirão, cada vez mais rotineiras, construindo e ampliando a base, até um dia poder desse local partir a primeira nave interstelar com seres humanos a bordo.

O computador comunica que a órbita da nave de carga segue conforme planeado, retornando ao mesmo ponto daí a vinte e duas horas, dezassete minutos e trinta e quatro segundos. Embora em nenhum momento do procedimento de contacto com a superfície seja suposto ter o interior da cabine exposto à atmosfera de Marte, toda a tripulação veste os fatos espaciais. É um dos standards de segurança, felizmente nunca tornado necessário. Estes fatos, aliás, são agora muito mais leves e práticos do que os dos primeiros exploradores de Marte. Esses eram tão pesados quanto os astronautas que envolviam, gerando uma dose adicional de problemas. Mobilidade reduzida, ineficientes no estabelecimento das condições higró-térmicas internas e vulneráveis à perfuração. Duas mortes por sufocação e outra por perfuração enterraram os designs anteriores, dando aos engenheiros a real responsabilidade de produzirem um fato que protegesse o ocupante com conforto e segurança, permitindo-lhes efetuar, à superfície, as inúmeras tarefas delicadas que lhes eram requeridas.

Os astronautas encontram-se, agora, todos sentados na torre de controle do módulo vaivém, capacetes fechados e cintos postos. O colega da base, em bom humor marciano, comunica que não vê nada, mas que podem aterrizar na mesma. O computador confirma as condições favoráveis ao contacto.

Trinta e seis minutos e dezassete segundos de tempo estimado para a descida. Os sensores visuais mostram, lá em baixo, uma nuvem de poeira do tamanho de uma cidade. A trajetória continua OK, os horários cumpridos. Os robots de bordo procuram manter a moral elevada. “Não tarda nada estamos todos a abrir umas minis geladas”. Também há quem participe na tentativa de aliviar a tensão: “Não se preocupem. Se esta geringonça rebentar, sempre temos os fatos. O pior que pode acontecer é não conseguirmos tirar macacos do nariz durante umas horas”. A cinco minutos do contacto, e com a tempestade sem sinais de abrandar, todos se calam. Foi aí que perderam o contacto com a base, e

quando o computador perdeu o controlo sobre o vaivém. Já em pleno interior da nuvem de areia, potentes descargas elétricas mandam os sistemas abaixo, momentaneamente, durante o procedimento de aterragem. Pilotar um vaivém manualmente não é tarefa fácil num dia normal, mas é quase impossível no meio de uma tempestade de areia. Sem o auxílio do computador, o piloto opta por terminar o procedimento de aterragem já iniciado. A alternativa seria gastar o resto do combustível numa difícil travessia aérea da tempestade, sem auxílio do computador, sob o risco de perder o controlo da nave, os tripulantes e a carga. Os sensores de distância descalibram-se, à medida que a superfície é varrida por partículas heterogéneas de solo. A visibilidade é nula. O piloto falha o ponto de aterragem por umas dezenas de metros, e entra numa superfície desnivelada. A combinação do desnível com o vento lateral errático faz tombar o vaivém. Na queda desamparada, em terreno acidentado, partem-se vigas de suporte na parte inferior da nave. Uma delas espeta-se no casco. O desequilíbrio faz a nave rodar sobre si mesma, de tal forma que o rombo aberto fica exposto ao vento, carregado de partículas rígidas. Na cabine de comando, soam gritos por entre o pânico dos rostos, luzes piscam por cima da sirene de emergência. O computador continua em baixo, só funcionando os sistemas puramente automáticos. O depósito de nitrogénio líquido, armazenado em segurança no interior da nave, está agora exposto, sendo fustigado por partículas que o aquecem por fricção. Não há tempo sequer para tirar os cintos antes da explosão. O casco quebra-se em três e o incêndio que imediatamente deflagra carboniza os ocupantes. Acaba tudo em menos de um minuto.

Só duas semanas depois, com o dissipar da tempestade de areia, é que os residentes encontram os corpos ainda presos às cadeiras, agora quase totalmente enterradas na areia. A equipa de salvamento fez o reconhecimento do local, desenterrando todos os corpos e equipamentos com a ajuda de robots programados para o rastreio e catálogo das peças e acontecimentos. O estado de espírito durante as operações era de tristeza e desalento, embora mantivessem o cumprimento estrito dos protocolos de crise: nada passava sem registo, nada era tocado até compreendidas as causas do evento, exceto componentes específicas que necessitassem de ser analisadas em laboratório. Toda a informação deveria ser enviada para a Terra, tão detalhada quanto possível. Em termos oficiais, seria apenas mais um acidente, mais um enumerado de vítimas e danos materiais. Em termos emocionais, todos sabiam, era mais um abalo no já fragilizado tecido psicológico, mais

perda, luto e lágrimas. Na primeira base marciana, a única até à data na estória do Universo, lá colocada por mãos terrestres, os responsáveis pela equipa de salvamento colocaram no placard especial da base um objeto particular. Um objeto retirado do fato de uma das vítimas do acidente, um dos poucos tecidos ainda reconhecíveis após o desastre. Porque todo o ser humano tem um nome, e esse nome é uma porta de entrada para as recordações, logo ao vasto leque de emoções humanas. Foi em honra dessa pessoa que nunca conheceram, mas com quem partilhavam uma história comum e uma visão do futuro, que penduraram esse pedaço de tecido no placard à frente de toda a gente. O nome era, simplesmente: “P”.

Capítulo I

L levanta-se da cama e vai aos esses até à casa de banho. Faz o chichi da manhã sem sequer abrir os olhos. Sente o frio nos pés e no rabo, sentada na sanita. O computador diz qualquer coisa que não percebe, mas em todo o caso não deve ser importante. Vai até à cozinha. [Raios, onde estão os flocos? Depois destes anos todos a comer flocos, como é que ainda é possível andar à procura deles?]. P ainda dorme. [Aquele homem...É claro, fica a queimar as pestanas à noite, de manhã está todo reventado]. Se calhar foi o sexo que lhe tirou o sono, pensa, esboçando um meio sorriso. Mastiga lentamente os flocos, os olhinhos a abrir devagar.

- Só para saberes: hoje vai estar sol, vinte e quatro graus de máxima e vento fraco.

- Budgie, agora não, desculpa...

- Dizes isso todos os dias.

Deixa-o a falar, agora com um sorriso maior. Volta para a casa de banho. [A questão é: o que faço hoje? Essa é que é a questão]. Esfrega os dentes com um semblante introspetivo, as rastas a ondular suavemente pelas costas. Coça a virilha. [Vou para o atelier. Ver no que dá aquela ideia do holograma]. Regressa ao quarto em passos leves, e cobre-se com o vestido branco das alças. [Hoje pareço um anjinho]. Sente uma mão à volta da cintura.

- Volta para a cama.

- Só se vieres comigo – diz P, de olhos fechados. L volta-se devagar, beijando-lhe os lábios ao de leve. Empurra-o na direção da cama. Ele deixa-se tombar como um choupo, de costas.

- Vou para o atelier. Aparece lá mais tarde, se quiseres – Entretanto ele já se voltara para o outro lado, aparentemente a dormir. [Vivo com um sonâmbulo].

- Budgie, bicicleta ou casulo?

- Casulo, com este sol?...vais para o atelier de bicicleta – O computador começa a traçar rotas, calcular tempos e prever os obstáculos no caminho até ao atelier.

- Budge, como normalmente não te dou ouvidos e hoje estou bem-disposta, vou então de... casulo!

- Quê?... Piadas novas?!

- Naa... tens razão, bicicleta.

- Vá, diverte-te. Depois diz-me o que queres para o jantar, para eu ir preparando as coisas.

- Tu estragas-me com mimos – L sai para rua, fechando a porta devagar, enquanto faz um nó atrás da cabeça com duas das rastas. Afinal, não parece estar assim tão pouco vento como isso e ela vai numa bicicleta de pedais, das antigas. De mochila às costas e vestido solto, avança por ruas preenchidas com árvores. Ouve-se o chilrear dos pássaros. Também se ouve o zunido suave dos casulos, circulando em várias direções, alguns a voar. Lá do alto, a cidade parece uma espécie de jardim com edifícios. Há gente nas ruas, algumas conversam, outras leem, não parecem ter pressa. Tudo normal no planeta Terra. Passa junto ao centro local de recursos, em direção ao atelier. Alguém lhe acena lá de dentro. Ela responde com um largo sorriso e mais uma forte pedalada, para não ficar parada no meio do cruzamento. Junto ao atelier, desmonta da bicicleta, energicamente, limpando uma gota de suor que lhe escorre pela testa. Lá dentro, o espaço é amplo, com um pé-direito enorme, quase sem janelas. Segundo ouviu dizer, era um antigo estúdio de televisão, na altura em que havia empresas a fazer televisão. Ainda sobram algumas coisas no interior que remetem para essa época: tomadas trifásicas, cabinas escuras, algumas carcaças de câmaras de filmar, esquecidas nos armazéns da cave. De resto, trata-se de um grande volume vazio, pintado de preto, o mais despido possível de adornos e cor possível, perfeito para a criação artística. Está, de momento, dividido em quatro partes, a sua e as correspondentes a outros três artistas. Um deles faz esculturas voadoras. Enormes seres alienígenas que pairam sobre as nossas cabeças. Se algum dia formos visitados por extraterrestres, é possível que se reconheçam em alguns daqueles drones tecno-orgânicos. Outra, juntamente com uma equipa de três e alguns robots ajudantes, constrói ambientes. Ambientes que sentem, que se manifestam e interagem com quem ou o quê neles possa entrar. Máquinas evolutivas, sensitivas, quase empáticas, refletindo as ações e sensações dos ocupantes. L faz imagens. Porventura uma forma antiquada de manifestação artística, pelo menos comparando com os colegas de atelier. Mas ela não concebe que existam uns formatos melhores que outros. A arte surge por todas e quaisquer vias. Presentemente, experimenta com hologramas. Uma tecnologia assumidamente obsoleta, mas segundo L pouco explorada, tanto na época em que foi inventada, como desde então. De momento

reúne os equipamentos de projeção e experimenta com imagens de arquivo. Tenta projeções com vários tamanhos. Traz consigo uma ideia, desde tenra idade, de representar complexidade. Níveis dentro de níveis, estruturas dentro de estruturas. A beleza imbuída no próprio tecido da Natureza. Desde criança que nutre um fascínio pela complexidade.

- L, tens uma chamada. É P – ouve-se a voz de Budgie, o seu computador pessoal, a partir da chapa de comunicação.

- Pergunta-lhe o que ele quer. Estou a trabalhar.

- Ele está a desafiar-te para almoçar.

- Quê, que horas são?...

- Quase duas da tarde. É tão típico de ti esqueceres-te do almoço...vou passar o P.

Soa pela sala a voz de P, divertida, do outro lado da chamada.

- Alô Cabeluda...almoças hoje? – Ela levanta-se e esfrega as mãos depois de, finalmente, conseguir arranjar a ligação entre dois cabos, resolvendo uma fonte de ruído nas imagens holográficas.

- Bom, tenho de parar, mesmo... - murmura para si própria.

- Não te ouvi bem – ela ainda não pegara na chapa, estava de pé a olhar para a instalação, a uns três metros da mesa.

- OK! Vai ter ao Massas dentro de vinte minutos! – deixa transparecer um ligeiro tom de impaciência, que não passa despercebido.

- Certo...tens a certeza? Olha que não há cri... - Ela interrompe.

- 20 minutos! Vá, até já...

- ‘Té já, Cabeluda – P desliga. Budgie faz um som de aclarar a voz, numa tentativa de desanuviar o ambiente.

- Já sei o que vais dizer, Budge. A resposta é que isto é entre nós.

- Okie, dokie. Bom almoço – Budgie desliga a chamada.

Ela põe o sistema de projeção em modo de espera e pega na mochila. São dez minutos a pé até ao Massas. Passa pelas hortas do lado direito da rua. Incrível que ainda se cultive ali

como há cem anos atrás. De galochas e de sacho. A única diferença é que agora algum desse trabalho é feito por agribots. Todos a trabalhar com afinco. Passa também por uma loja. As pessoas ainda lhe chamam loja, mas trata-se de uma reminiscência linguística. Já nada se compra nem vende ali. É uma espécie de centro local de recursos, mas mais pequeno. Só para o bairro, digamos. Entra na loja, ainda tem uns minutos. Estava a precisar de umas microbaterias para o seu aparelho contraceptivo. Põe a chapa em modo de recursos, para que o sistema possa contabilizar as entradas e saídas de material, vai à prateleira das baterias e traz um par. São, basicamente, comprimidos, cada um contendo uma microbateria equipada com identificadores moleculares. São os identificadores que permitem às baterias viajar pelo corpo e encontrar o aparelho contraceptivo, na verdade constituído por duas minúsculas válvulas alojadas à entrada das trompas. Estas válvulas não precisam de muita energia para funcionar, daí a necessidade de engolir estas baterias, apenas duas vezes por ano. Um pequeno sacrifício para uma total eficácia.

Chega ao Massas e P está sentado cá fora com os braços cruzados sobre o peito e olhos fechados, a apanhar sol. Apercebe-se da presença de L quando a sombra da sua cabeça passa sobre a dele.

- “P” de...palimpsesto – Era um jogo que mantinham. Ao que ele responde:

- “L” de...lavadeira.

Sorriem. Por cordialidade, ele levanta-se. Ela ignora o gesto e senta-se à sua frente, de costas para o Sol.

- Já pediste? – Ela olha à volta, à procura de alguém ou de um bot.

- Nope. Em todo o caso, não vou variar muito. Vou pedir o costume.

Entretanto aparece um homem largo com braços de halterofilista, todos tatuados, e um amplo sorriso.

- Olá, traga, por favor, uma massa de cogumelos para mim. Para ele é o costume. Bebemos os sumos da época, o que tiver – ele ainda olha para P, a tentar lembrar-se do que será o costume, mas rapidamente lhe ocorre e aponta no bloquinho.

- É para já – dá meia volta e volta a entrar no edifício.

P estica as pernas pelo lado de fora da mesa. É um homem alto. Facilmente colocaria o queixo em cima da cabeça de L, sem se pôr em bicos de pés. Encara-a com os seus olhos grandes, azulados, enquanto aquece ao sol os lábios espessos.

- Como estão as coisas no atelier?

- Comecei as experiências com os hologramas. Para já estou apenas a ligar o equipamento e a organizar o material de arquivo.

Ele volta a cruzar os braços sobre o peito e fecha os olhos, a sentir o rosto banhado em luz.

- E tu, que fazes hoje?

- Tenho de ir ao laboratório. Estamos a fazer uns testes e eles precisam de mim – diz P, sem abrir os olhos.

- Ainda tem a ver com os anéis de fusão?

Ele acena com a cabeça. Recolhe as pernas e inclina-se para a frente, abrindo bem os olhos. Encara a mulher que agora lhe é familiar, embora esta permaneça um mistério para ele. Ela é ...diferente. Olhos amendoados e um pequeno nariz, encaixados num rosto oval, envolvido por uma grande juba de rastas. Pelo canto do olho repara no homem do restaurante, que vem com a comida. Ambos recolhem os braços de cima da mesa, para dar lugar aos pratos. P agradece-lhe.

- Conta-me lá um bocado mais sobre essa coisa dos anéis de fusão.

- Aquilo funciona por confinamento magnético. É uma tecnologia com mais de cem anos, mas só agora estamos em condições de produzir um reator que consiga acelerar uma nave de tamanho razoável até velocidades próximas da luz.

Leva uma garfada à boca, suspirando de prazer no primeiro embate com o sabor. Embora magro, gosta imenso de comer. O Budgie diz-lhe que ele deve ter o estômago furado, pois com o peso em comida que ingere, a sua massa corporal, o exercício que pratica, os seus hábitos sexuais e velocidade metabólica, deveria ter três quilos a mais, em média.

- Ouvi dizer que isso pode rebentar com a nave, com a potência que tem e as temperaturas a que opera. É verdade?

- Bem, o risco existe sempre, mas os problemas do início do desenvolvimento da tecnologia agora já não se colocam – bebe um golo do seu sumo de maçã – ahh ...tão refrescante este sumo, a sério...

- Continua... - Ela vai mastigando, fixando-o com toda a atenção.

- Sim, pois...no início o problema nem era assim tão severo, pois as potências envolvidas eram baixas. Com a escalada na potência, no sentido de conseguir impulso suficiente para a aceleração das naves até velocidades próximas da luz, o problema agravou-se.

- Mas então é verdade? Qual é o risco associado, afinal?

- Foi de facto um problema durante muito tempo – Esta parte saiu-lhe com a boca cheia – mas desenvolvimentos mais recentes, na área dos escudos térmicos e no confinamento magnético, reduziram significativamente esse risco.

- Ok, mas continua a morrer gente e a perderem-se toneladas de material nas missões a Marte – o semblante dela contrai-se com a preocupação.

- Também me dói, acredita. Mas estes problemas não estão relacionados – contraem-se as iris dos seus grandes olhos azuis, no ajuste à luz intensa – Em Marte, os desafios têm sido à volta das condições locais, e no facto daquele planeta ser tão hostil à vida humana.

- Eu quero muito que tudo isto aconteça. Como tu. Mas o desconhecimento geral dos pormenores técnicos e as más notícias que volta-e-meia nos chegam, deixam as pessoas preocupadas ...como eu.

O homem do restaurante regressa e pergunta se ficaram satisfeitos e se precisam de mais alguma coisa. Ambos viram a cabeça na sua direção e dizem, ao mesmo tempo, que está tudo OK. Voltando novamente a cabeça, P olha em frente, pensativo. L continua.

- E com essa preocupação vem o descrédito. E com o descrédito, a desmobilização. E com a desmobilização os centros de recursos começam a deixar de contribuir – a voz sai-lhe com intensidade e revolta.

- Pois ...- P não tem respostas – Pois, mas eu é mais fusão nuclear, transferência térmica, confinamento magnético ...não sei nada dessas coisas.

Vendo que já tinham terminado, o homem do restaurante perguntou-lhes se queriam tomar uma sobremesa num dos quartos do primeiro andar – Muito confortáveis – disse, com um grande sorriso e um brilho maroto no olhar.

- Eu ainda tenho algum tempo – lança P, em tom de provocação.

- Andas maníaco...

- Maníaco, não – pausou, pondo a sua mão sobre a dela – Tu é que és demais, mulher...

Ela sorri, mas acaba por retirar a mão do sítio. Está preocupada com outras coisas. Ele fica um pouco apreensivo, mas não dá grande importância ao acontecimento. Afinal, ainda na noite anterior tinham estado juntos.

- Tenho de voltar ao atelier. E eles lá no laboratório também devem estar a precisar de ti não tarda – L faz um gesto para se levantar. Ele responde, diplomata.

- Certo, Cabeluda. Sem stress. Vou para o laboratório. Vemo-nos em casa logo à noite – Levanta-se também, esticando os braços para a abraçar. Ela deixa-se envolver, mas não faz grande questão. Beija-o ao de leve nos lábios.

- ‘Té logo, P.

Mal deu pela tarde passar. Embrenhou-se profundamente no trabalho. A holografia revelava-se mais difícil do que parecia. Ainda para mais aliada à representação de formas não realistas, como Atractores de Lorentz e outras figuras matemáticas estranhas. Não era especialista em Matemática, mas a imagética associada à complexidade era algo que definitivamente queria desenvolver. Queria perceber como as relações matemáticas se manifestavam visualmente, dinamicamente, ao vivo e a cores. Sentia uma grande potência interior, e às vezes era até assustador o processo de a trazer cá para fora. Quando era criança inventara todo um mundo de seres fantásticos aos quais chamara “complexos”. Não que estes seres fossem mesmo complexos, ou complicados, mas eram selvagens e poderosos, fruto da sua intensa imaginação precoce. Desenhava-os, pintava-os, contava histórias com eles e elas, as “complexinas”. Imaginava-os a construir cidades, ou a destruí-las, usando capacidades incríveis e proporções físicas titânicas. Através deles, e sem disso se aperceber, já procurava expressar o seu poder, a borbulhar no interior do seu corpo franzino. Desse mundo viajou até ao presente a ideia, nunca concretizada, de penetrar mais

profundamente na complexidade. Também daí terá surgido a motivação para tatuar um dos “complexos” sobre a sua omoplata esquerda. Nessa tatuagem, o complexo olha para trás sobre o seu próprio ombro, tal como ela tem de se voltar para o espelho para conseguir ver a tatuagem.

A meio caminho de casa, em cima da bicicleta, o Budgie diz-lhe que a mãe de P está no apartamento.

- Não consegui deixar a mulher na rua, L.

- Mas o que é que ela quer? – Fala mais consigo própria do que com Budgie – Terá vindo certificar-se que o seu menino está bem alimentado?

Encosta a bicicleta à frente do prédio, ainda a remoer o facto da mãe de P ter ido lá a casa. [Nada contra, note-se, mas porque virá ela tantas vezes cá?] Não sabia bem porquê, mas era um atentado à sua independência. Sobe os degraus para o segundo andar, de dois em dois, e abre a porta. Não há necessidade de chaves quando já não há necessidade de roubar. A mulher está sentada na sala.

- M, como está? – L cumprimenta-a com um ligeiríssimo travo irónico.

- Bem, obrigado. O P não veio contigo? – Entretanto, L poisa as suas coisas, e dá indicação ao Budgie para tratar do jantar para as duas.

- Teve de ficar no laboratório até mais tarde – Descalça-se com nítido alívio, sentada na beira do sofá. Detesta formalidades.

- Vim cá só para saber como estavam as coisas. O P disse-me que ia para Marte daqui a seis meses. Estou certa que já sabias.

- Sabia só que ia, mas ainda não tenho datas. De qualquer maneira, aqui em casa está tudo tranquilo. O P tem-se portado muito bem – L mantém o discurso protocolar, mas por dentro há uma irrequietude que lhe acelera os movimentos e lhe torna o sorriso mais rígido.

A senhora remexe-se no sofá. Sentia sempre um certo desconforto na presença de L. Talvez fosse aquele ar selvagem, de uma independência subliminarmente agressiva.

L desculpa-se para ir à casa de banho. [Se a minha mãe me fizesse visitas deste género, dava comigo em doida. Raios, ele tem quarenta anos, mas para ela ainda é um menino. Um menino mimado]. Vai ruminando os pensamentos sentada na sanita, cabeça apoiada nas mãos, a olhar para o espaço aberto entre os joelhos. Sai da casa de banho e vai ao quarto vestir algo mais confortável, uma estratégia para evitar a mulher durante mais alguns minutos. Entretanto repara que M está a conversar com P.

- Mas está tudo bem, querido? – Com a chapa encostada à orelha, não se ouviam as respostas dele – Aquilo de ires para Marte deixou-me mesmo preocupada – pausa – Sim, eu sei que falta imenso tempo, mas tem havido tantos problemas...deu-me assim um pânico.

L torce o nariz e a boca, mudando de direção para a cozinha.

- Já tenho o jantar pronto, L. Sessenta e dois por cento do conteúdo do frigorífico resultou numa quiche. Juntas a sopa que sobrou de ontem e tanto tu como M terão a vossa dose dietária recomendada.

[Bendito dia em que consegui reservar um apartamento com cozinha automática]. Baixou-se para cheirar a tarte.

- A sério, Budge. És o maior. Mas amanhã cozinho eu. É a desforra.

- Bom apetite – responde o computador.

L põe a comida nos pratos e segue para a sala. Ao entrar, M levanta-se.

- Oh, a sério...não era preciso. Eu vou andando – L fica apenas a olhar para ela, sobrancelhas erguidas de surpresa e vaga irritação – Não percebi que o jantar fosse para as duas. Obrigada na mesma.

- Não custou nada. Mas se prefere assim, tudo bem... - Tenta que o esforço para ser simpática não se torne demasiado aparente. Põe os pratos em cima da mesa e acompanha a senhora à porta, tentando ser cordial. [Da próxima vez avisa, mulher]. Fecha a porta, sustentando o suspiro de alívio que luta por se desprender do peito, ao ouvir os passos da mulher afastarem-se, rapidamente, escadas abaixo.

O episódio deu-lhe fome. Entretanto, lembrou-se que não tinha lanchado, acabando por devorar ambos os pratos de quiche no silêncio da sala. Por vezes gostava de comer assim.

A ouvir o som da sua mastigação, sobre o escorrer dos seus próprios pensamentos. Engoliu a última garfada e reclinou-se na cadeira. Sentia-se relaxada, mas desperta.

- Budge, preciso de saber mais sobre aquelas coisas do confinamento magnético e da fusão nuclear, etc. – Falava para o ar, enquanto pensava no que lhe P tinha dito – Preciso de ganhar noção dos riscos associados.

- Olha, reuni-te aqui uma série de documentos do que anda na cloud... mas parece ser tudo matemática e física avançada – L sentou-se à frente do ecrã, os olhos a saltitar entre funções e gráficos ilegíveis sobre decaimento de partículas e emissões de radiação.

- Não tenho bases para isto. Não há nada mais genérico?

- Sim, uma aspirina. A prevenção é o melhor remédio!

- Budgie...

- Só estou a pensar na tua saúde... e no estado dos meus processadores – L não resistiu ao riso.

- Vá, Budge, preciso de saber mais destas coisas... enquanto estou acordada.

O Budgie pôs no ecrã uma dezena de documentos, alguns com décadas, outros mais recentes. L curvou, involuntariamente, o pescoço na direção do ecrã, esquecendo tudo o resto. Lê que, por via da velocidade das partículas, após aceleração, acoplado à influência do confinamento magnético, surgem as condições necessárias à ocorrência de fusão nuclear. São essas as condições pretendidas num reator nuclear. No entanto, geram-se também temperaturas de centenas de milhões de graus e fontes de radiação, em particular dos ultra-energéticos raios gama. Num documento com quase 100 anos, datado de 2015, o reator de fusão nuclear é descrito como conceptualmente simples. Trata-se basicamente de um acelerador de partículas, que a nave terá de carregar a bordo, cuja energia libertada na reação de fusão nuclear faz movimentar as partículas do gás combustível, geralmente leve e abundante, como o hidrogénio. Estas partículas são expelidas a grande velocidade, impulsionando, deste modo, a nave.

- Eh pá, mas aqui neste artigo diz que este tipo de reatores tem sido utilizado nos vaivéns que estabelecem a ponte Terra-Marte, com enorme sucesso. Não percebo então onde estará o problema...

- L, estás lembrada do que disse o P sobre as missões a Marte? Todas as perdas materiais e humanas deveram-se essencialmente a questões locais, derivadas das dificuldades na aproximação ao planeta e suas condições intrínsecas... nada de propriamente relacionado com os reatores do vaivém *per se*.

- Mas e então? Quer isso dizer que não teremos mais preocupações senão os problemas derivados da aproximação e exploração de outros planetas? – L vai falando e perguntando, sem nunca descolar os olhos do ecrã nem interromper a leitura.

- Eu não disse isso.

- Diz aqui que o tipo de reatores utilizados nestas missões a Marte tem evoluído ao longo dos anos, proporcionando velocidades que começaram nos 150 km/s, e que atualmente atingem quase 1000 km/s – Encosta-se para trás, tentando fazer uma conta de cabeça.

- Isso não passa de 0,5% da velocidade da luz...a essa velocidade nem os trisnetos dos tripulantes chegariam a pôr os pés no planeta destino, fora do sistema solar.

- A sério? Mas quão distantes estamos dos planetas habitáveis mais próximos? – Levanta e estica as pernas, até as pantufas se cruzarem à frente do ecrã.

- Oh, coisa pouca. Há candidatos a cerca de 10 anos-luz, e sérios candidatos à volta de 20 anos-luz.

- Isso é muito, certo?

- Isso é 1,3 milhões de vezes a distância daqui ao Sol – L ergue-se para ir fazer um chá, ouvindo Budgie ao longo do corredor – À velocidade desses reatores do vaivém, mesmo os mais rápidos, demorariam mais de 6000 anos a lá chegar.

[Daí o P ter falado em escalada na potência dos reatores]. Pôs as ervas secas para a infusão na caneca. Dava sempre jeito ter uma horta na cobertura do prédio, embora L, claramente, não passasse lá muito tempo. [Por isso, eles devem estar a planear construir reatores muito maiores. Tenho de perguntar ao P os detalhes]. Atravessou o corredor devagar, atenta à superfície vibrante do chá dentro da caneca.

- Os conceitos mais atuais de foguetões a fusão nuclear têm a capacidade de atingir, mais ou menos, 10% da velocidade da luz – Ao sentar-se com a caneca aninhada entre os dedos, L escuta-o, de olhos fechados.

- Ou seja, cerca de 200 anos para atingir o sistema solar mais próximo, com os mais sérios candidatos...

- Eh pá, estás imparável na aritmética...temos de rever a tua dieta ao pequeno-almoço.

- E o P garante que os escudos térmicos e de radiação estão à altura do acontecimento – L está concentrada demais para ligar às piadas de Budgie – Aqui neste outro relatório diz que é possível sobrepor vários passos de aceleração alimentados a fusão nuclear, permitindo atingir velocidades arbitrariamente próximas da luz.

- Sim, mas o problema é que, na fusão nuclear, tanto o combustível para a reação de fusão como o gás ionizado expelido têm de ser transportados a bordo...tornando a missão muito pesada.

- E isso é mau?

- Mais peso, mais força necessária para vencer a inércia, logo mais potência...e só para deslocar o próprio sistema de propulsão, não para contribuir para a aceleração da carga propriamente dita – L fixa o espaço vazio à sua frente – Basicamente...quanto mais leve, melhor.

- E é aí que entra a tecnologia das velas solares – L parece voltar a focar o olhar na caneca à sua frente.

- Estou a ver que me levas um avanço considerável.

- Mas pensas o quê? Que ando a dormir? – Põe-se a abrir e fechar documentos febrilmente, mantendo um sorriso divertido. Dá mais um golo no chá fumegante – Ouve isto: “a ciência da nave à vela tem cerca de 150 anos. O que começou como um mero auxiliar no controle de satélites e transporte de pequenas cargas em órbitas terrestres, evoluiu para uma verdadeira indústria de transporte espacial, fazendo hoje parte integrante da ponte Terra-Marte. Além disso, o Centro Global de Exploração Espacial contempla seriamente a inclusão da vela solar na primeira missão tripulada para fora do sistema solar.”

- Essa notícia tem mais de cinco anos.

- Budge, tens de dar o desconto. Sabes como é que são estes artistas...

- Eh! Eu é que digo as piadas!...

- Percebes agora que não deténs o monopólio do humor nesta casa – Os seus olhos saltitam entre os vários documentos, à procura de nova informação.

As velas solares, sendo elementos totalmente passivos, não necessitavam de combustível a bordo, apenas de uma fonte de radiação. O vento solar era a fonte mais evidente, mas também poderiam ser utilizados lasers externos à nave. Naturalmente que fora do sistema solar a radiação solar sobre a vela iria ser diminuta, e seria quase impossível acertar na vela com um laser a partir da Terra ou de Marte, mas o impulso inicial da viagem poderia ser fornecido à nave por esta via, poupando-se assim muito combustível. Logo peso. Diminuindo a dimensão dos reatores necessários reduziam-se também os riscos térmicos e radiativos daí decorrentes. Começava a formar-se na sua cabeça a ideia de que havia riscos com a viagem interestelar, mas que estavam praticamente circunscritos na engenharia e conhecimentos atuais. Os obstáculos principais pareciam estar noutra sítio.

Passadas duas horas já a cabeça lhe pesava. Quis pedir a tal aspirina ao Budgie mas refreou-se, sabendo que ele iria fazer piadas acerca disso durante os próximos dias. Ou anos.... Ainda fez um par de perguntas na cloud, a dois físicos que pareciam estar com tempo, sobre a situação dos escudos térmicos e radiativos. Aparte das tecnicidades envolvidas, e do facto de nenhum deles ser especialista numa área tão específica pareceu-lhe, pelo tom, que hoje em dia esta já não representava um problema. Isto, obviamente, aparte de constituírem estruturas monumentais que teriam de ser consideravelmente afastadas do núcleo habitado da nave e das restantes partes vitais, só podendo ser montadas em órbita. A solução mais imediata parecia estar no aperfeiçoamento de uma ideia antiga: a de utilizar lítio como anel de compressão do combustível, sendo injetado na câmara de fusão como elemento propulsor.

Foi então que ouviu a porta abrir-se e a figura alta e encorpada de P surgir, hesitante, rumo a ela. Estava nitidamente cansado, mas bem-disposto.

- Cabeluda! Não estava à espera de te encontrar acordada – assume uma pose provocadora, brincalhão – Estavas à espera de umas massagens quentes, destas mãozinhas?

- Se tivesses chegado há duas horas atrás teria aceite – levanta-se, num meio sorriso – agora ‘tou mesmo boa só para colapsar na cama.

P aproxima-se para a abraçar. Eis algo a que L nunca resistiu na relação com P, aqueles abraços fortes e envolventes, o contacto com o peito sólido, firme. Ficam assim alguns segundos.

- Vou-me deitar, P. ‘Tou derreada.

- Já, também estou moído.

- E então eu nem se fala... - Budgie intervém, com a sua contribuição para as despedidas de boa noite.

- Sleep mode, Budge...sleep mode – atira L, por cima do ombro.

– Estes computadores de hoje em dia... - P entra no quarto e começa a despir-se.

Vestem os pijamas e deitam-se. P chega-se a ela na cama, a tensão no corpo pedindo-lhe sexo. Ela finge que não percebe e sente-o virar-se para o outro lado com um suspiro de frustração.

Capítulo II

Quatro da manhã e ainda está no atelier. As cores da décima terceira escultura animada estão a precisar de acerto.

- Utilizando os dados da tua massa corporal, hábitos alimentares, historial metabólico dos últimos sete dias e evolução do período menstrual, deverias estar a dormir há mais de três horas atrás – a voz de Budgie interrompe o silêncio noturno do amplo atelier, proveniente da chapa em cima da mesa – Não sei como é que aguentas.

- Pois...se há coisas que os seres humanos não sabem, então também haverão coisas que os computadores nunca saberão – L sorri, embora o cansaço seja nítido – Neste caso a explicação reduz-se à vontade e ao desespero para cumprir com a data marcada para a exposição.

- És uma força da Natureza, L.

Ela não responde, num derradeiro esforço para se concentrar e terminar o trabalho. Vem-lhe à memória um antigo ensinamento do pai: “Terminado, não perfeito”. Desde que se lembrava, ainda em criança, que sentia muito as aventuras, visto que eram, na prática, tudo o que a entusiasmava e a fazia mexer. No entanto, ao início, tinha dificuldade em dar as coisas por terminadas. Para ser perfeito, tinha de ficar bem. Foi à custa de muita dor de cabeça e momentos de frustração que interiorizou, finalmente, essa pérola de sabedoria vinda do pai. Não diminuiu, no entanto, o seu desejo de aventura, nem de experimentar coisas novas. A sua curiosidade parecia não ter limites, o que, por vezes, também trazia a sua dose de problemas, porque só tinha um corpo, com uma mente, e portanto debatia-se com a dificuldade em manter-se concentrada em vários projetos ao mesmo tempo.

Põe a correr a última simulação do Atractor de Lorentz, apelidado de “O Atractor”. Neste caso, três milhões, seiscentos e quarenta e dois mil, trezentas e vinte e quatro iterações das equações fundamentais. Simulações realizadas ao longo de uma gradual alteração dos parâmetros de base, perfilando vinte minutos de sequenciação contínua. Ela contempla o efeito: um gradual “bater de asas” do gráfico resultante, a característica dupla espiral planar constituída por linhas que nunca se cruzam no espaço tridimensional. Caminha devagar, pelo meio do filme holográfico. A delimitar a base, um círculo em redor que vai mostrando as alterações dos parâmetros nas equações, o que a faz lembrar-se do lendário

“anel do mal”. Há tanto nos filmes do passado que ajudam no contexto e significado das coisas do presente. Terminado, não perfeito. Precisa de mais uns acertos, mas está cansada demais. Decide dar o assunto por finalizado. Em todo o caso, gosta do efeito. Sorri, expirando longamente.

- Deixa-me adivinhar...estavas capaz de comer um boi – Ela não contém o riso, ao imaginar o tamanho do animal, mas chega-se à cadeira para não tropeçar. Budgie continua, ao reparar no efeito - Coitado do bicho... Ele só quer comer a erva em paz, não tem anda a ver com a tua última obsessão com o Lorentz.

- Ele é que é o culpado...

- Boa, agora juntou-se um morto à festa... Minha querida, precisas mesmo de descansar. Esse cérebro está a ficar passado demais...

- Budge, a sério... - ainda a debater-se com as gargalhadas, começa a arrumar as suas coisas para sair – grava-me a sessão, por favor. Obrigado.

- A esquina dos hambúrgueres vegetais está aberta.

- Estou estoirada, Budge...não há nada mais perto?

- Vou chamar-te um casulo, assim chegas lá num instante.

Ela acedeu, esperando apenas um par de minutos até o veículo chegar à porta do atelier. À noite a cidade ficava ainda mais calma e silenciosa, ouvindo-se claramente o restolhar das folhas das árvores ao vento e o zumbido suave dos poucos casulos a cruzar a escuridão pontilhada de luzes. Apesar de ser uma pessoa enérgica, inquieta por vezes, gosta disso. Tempera a sua hiperatividade interior. Àquela hora, o nível de iluminação da rua está reduzido ao mínimo indispensável, pelo que se consegue ver as estrelas. Observa os braços da famosa Via Láctea, desenhados no céu num ténue brilho esbranquiçado. A imagem traz-lhe calma e deslumbramento. Teve sorte, apanhou boleia de um casulo aéreo. Os motivos cor-de-rosa, pintados no exterior, fazem-lhe lembrar um bordado. Parece que agora havia aí uns artistas a pintar casulos. A arte não tem de ter nenhuma utilidade particular.

O casulo parou ao seu lado, quase sem ruído, e ela encostou a chapa à porta, que se abriu de imediato. Como estava sozinha, era um casulo de dois lugares, já que o sistema

otimizava a logística de circulação, em função da quantidade de pessoas a transportar em cada viagem. Entrou e sentou-se na confortável cadeira. Ao fazê-lo acendeu-se no interior uma luz azulada, ao longo de uma linha percorrendo todo o perímetro do habitáculo. Pressionou um botão para afastar a cadeira do volante e restantes comandos, pois definitivamente preferia o modo automático. Pôs a mochila na cadeira ao lado, mas atrapalhou-se com a chapa, acabando por deixá-la cair. Depois de alguns improperios e apalpadelas, lá a agarrou, aproveitando para a encostar ao visor frontal, gravando o destino que pretendia.

- Coloque o cinto de segurança – diz-lhe o computador de bordo. L obedece, resmungando – o veículo descola em dez segundos, nove, oito, sete... - a contagem continua. Ao embater no zero sente-se um ligeiro tremor e a ascensão começa. L encosta a cabeça para trás, mas não adormece. Gosta demasiado da visão noturna sobre a cidade para perder a oportunidade de a contemplar. Duas corujas cruzam o ar entre coberturas, à procura de uma presa. Ao longo das ruas pontos discretos de luz parecem oscilar com vida própria.

Sobre ela, um horizonte escuro e um céu estrelado, grandioso. O casulo segue o seu trajeto, envolto no zumbido abafado das hélices. Podem ver-se outros veículos a cruzar o espaço, aves metálicas com gostos noctívagos. Deixa-se embalar pelos ténues riscos de luz que estes desenham no ar, na ilusão de ótica provocada pela sua rápida passagem. Em menos de cinco minutos chega à praça com a tasca dos hambúrgueres vegetarianos.

- Budge...manda o casulo esperar dez minutos. Não me quero demorar – Encosta a chapa ao monitor central do veículo - espero que tenham qualquer coisa pronta para levar. Só quero cair na cama e morrer para o mundo e arredores.

No caminho de regresso L adormece no casulo. Apesar da viagem ser curta, depois de comer aquele tofu quente não resiste ao conforto e ao embalo.

- L!... – Alerta-a o computador, assim que o casulo estaciona à porta de casa.

- Viagem terminada. Queira por favor abandonar o veículo. Ou então selecione novo destino – A voz do veículo era muito mais impessoal e indiferente que a de Budgie.

- L!! – Budgie aumentou o volume da chapa para o máximo.

L acorda sobressaltada, batendo com a testa no vidro do casulo. Após uns palavrões embrulhados e umas apalpadelas para recolher as suas coisas, sai do habitáculo. Caminha em passos arrastados até à porta de casa. Após uma penosa subida de dois andares, deita-se exatamente como estava, ao lado de P. Tira os sapatos, já deitada. Sem acordar, mas sentindo a sua presença, P vira-se e enrola-se a ela. Adormece, reconfortada por aquele abraço automático, carinhoso e quente.

O dia seguinte foi de preparativos no Hall de Exposições. O Hall é uma espécie de plataforma para artistas, onde se organizam grandes exposições anuais, às quais vem gente de todo o mundo. Há cinco anos que L se candidatava a participar, mas tendo em conta a quantidade de propostas, até aí não tinha sido escolhida. Este ano foi diferente. Abri-se uma janela de oportunidade, e ela queria aproveitá-la ao máximo. Acordou tarde, em pânico.

- Budge! P! Que horas são??... – De olhos esbugalhados, procura qualquer coisa à volta da cama. Do outro lado da casa vem a voz de P, a acabar de lavar os dentes.

- Onje e meia! – Cospe a pasta de dentes – Onze e meia! – E acrescenta, a meia-voz – Também estou atrasado, merda...

- Queria acordar-te, L, mas não me tinhas dito a hora. E como estavas ferrada, não quis interromper o soninho...

Budge põe umas torradas a fazer para ela. Ela dispara para a casa de banho, praticamente empurrando P para fora. Vai gritando lá de dentro, enquanto se arranja.

- Budge, prepara-me aí qualquer coisa para levar, pode ser?

- Tou aí, L.

- P! Tira a roupa lá de fora antes de saíres! E esvazia os orgânicos e as reciclagens!...onde raio está o sabonete?

P abre ligeiramente a porta da casa de banho, apenas o suficiente para lá enfiar a cabeça. Observa-a a tomar um dos seus duches relâmpago. Aos olhos dele tão bela, tão preciosa, tão assustadora...sente por ela uma adoração tal que, por vezes, parece demente. Uma vontade de lhe tocar, de a amar. É percorrido por um arrepio, acompanhado por um avolumar involuntário entre as pernas.

- Cabeluda, vou andando – Olha para as suas nádegas, enquanto ela se enxagua – Amanhã é o grande dia, certo?

- Vai ser o pior dia, se não for para lá agora! – No meio da pressa ainda consegue virar a cabeça para ele e sorrir – Mas sim, vá...depois falamos.

- Liga-me se precisares de alguma coisa – Ao retirar a cabeça de entre a ombreira e a porta, ainda consegue vê-la a sair do duche nua, molhada e a fumar, e tem de controlar o impulso de ir lá abraça-la e cobri-la de beijos.

Apanhou um casulo terrestre para a estação de comboios. O Hall ficava a cento e cinquenta quilómetros dali, já fora do raio de ação dos casulos urbanos. Em todo o caso, gostava do comboio. Era rápido, confortável e podia ter companhia se quisesse. Além disso, gostava da paisagem ao longo da linha. Costumava encostar a cabeça ao vidro e sonhar acordada com formas, cores e ambientes. Como estava particularmente stressada com a exposição, a viagem ia ajudá-la a relaxar até entrar no Hall. Sentou-se à janela, no meio de uma carruagem não muito cheia. Recordava o esquema de montagem da sua exposição, consultando as suas notas e visualizações na chapa.

- Budgie, vê-me como estão as coisas lá no Hall – entretanto, vai observando alguns hologramas em miniatura, sobre a chapa.

- Diz-me Tetris, o computador local, que a tua área está agora a ser limpa. Ainda sem dados sobre quando estará pronta. Tenho um visual da zona – passa o vídeo em causa para a chapa – também já tens energia e som. Parece que o atraso até veio a calhar.

- Ok. Corre-me, por favor, todas as minhas simulações na Rede, só para confirmar se está tudo bem. Para depois não haver surpresas desagradáveis.

- Isso vai demorar algum tempo – Budgie corre uma estimativa temporal para a simulação – mas sim, estará pronta antes de pões os pés no Hall. Considera-a feita.

- És o maior, Budge.

Foi bem-recebida no Hall. Curiosamente, não pareciam nada apressados. É possível que o hábito de realizar muitos preparativos de última hora lhes tenha ensinado a relaxar, precisamente quando há mais pressa. Uma mulher e um homem novos, mais ou menos da

sua idade. Nitidamente a pensar em várias coisas ao mesmo tempo, e a consultar as chapas com frequência, mas sempre amáveis com ela.

- Vem por aqui, segue-nos. O teu espaço é ali ao fundo – Ela vestia um daqueles fatos justos, que muitas mulheres usavam na altura, mas não exagerava na pose – Ah, e não gostamos de formalismos – Disse ainda sorrindo e voltando o pescoço para trás, sem nunca parar a marcha.

Ele seguia ao seu lado, mais reservado, mas não alheado. Ia dando indicações a várias pessoas, falava para a chapa, trocava algumas sinaléticas com outras pessoas mais distantes do pequeno grupo. Havia imensa gente no Hall. E alguns robots de movimentação pesada. Mecs, portanto.

[Como é que desta confusão vai aparecer uma exposição para abrir amanhã?!] L tentava acompanhar o passo rápido do casal de coordenadores, rumo ao seu canto.

- É aqui – Desta vez falou ele – Já agora, e com as nossas desculpas, acho que não nos apresentámos, pois não? – Olhou, com um sorriso a simular embaraço, para a sua colega – Eu sou o X, esta bomba aqui é a T. E este canto é o teu espaço – ajeitou o colarinho da camisa que trazia solta sobre as calças, enquanto rodava sobre si próprio, tentando abarcar o volume à volta.

L circulou um pouco sobre o espaço, a tirar medidas mentalmente. Ainda havia andaimes móveis pelas paredes e pessoas a trazer secções de placards, mas o centro já estava desimpedido, com os três projetores holográficos instalados. Contemplou a altura do espaço, uns bons três andares à vontade. Parecia maior do que nas fotografias e filmagens. Discretamente localizada numa das extremidades encontrou, por trás de uma parede móvel decorativa, a ligação à Rede e ao centro de controlo interno. Ligou a chapa.

- Budge, vai conhecendo os cantos à casa, analisa os protocolos, cultiva amizade com o teu colega Tetris. Aproveita para carregar os modelos.

- Sim, L. Sem problema – A chapa piscou algumas vezes, aparecendo no ecrã sucessivas janelas de código, correndo a alta velocidade – Ah, e não te esqueças de almoçar.

- Anotado, Budge...anotado – Circulou um pouco mais pelo espaço, contemplando o grande vão voltado a poente, rasgando a parede até à cobertura. Sentiu-se pequena, ao

projetar o olhar sobre os jardins e a floresta, lá fora, até ao horizonte. Teve um bom pressentimento relativamente à exposição.

Comeu no bar improvisado, no meio dos preparativos da exposição. X e T puseram-na à vontade. Viu neles uma certa sintonia, uma forma de estar parecida. Continuou a trabalhar tarde dentro, havia imenso para fazer. Calibrar as luzes para o efeito requerido com os hologramas a funcionar. Afinar a sequenciação. O mais difícil foi reajustar a escala dos hologramas, tendo em conta as dimensões do espaço, bastante diferentes do que tinha no atelier. Estava a terminar isso quando X e T regressaram, já depois do pôr-do-sol.

- Por incrível que pareça, vai mesmo aqui acontecer uma megaexposição amanhã – X atira para o ar, com boa disposição, mas sem conseguir esconder o cansaço – Amanhã vai ser só ligar luzes e limpar as casas de banho.

- ...e tratar de um qualquer stresse de última hora, que nos vai esgotar e fazer-nos perder as primeiras duas horas de exposição, garantidamente – T graceja, a propósito, com os dedos cruzados a fazer figas – E como está aqui a nossa holografista preferida? Tudo fechado?

L ainda carrega nos botões da consola, olhando também para a chapa, ligada por cabo à central.

- Sim...dêem-me cinco minutos.

- L. Todos os modelos passaram nos testes de conformidade. Neste momento é impossível falharem – remata Budgie.

- Ok. Corre então o áudio – Ela olhava para os hologramas, para a chapa e para a consola, alternadamente, de forma obsessiva – Não é muito importante, mas só para conferir se o tempo e o volume estão certos.

- Certo. É melhor taparem os ouvidos.

- Budge...- um sorriso terno rasga-lhe a face.

O áudio consistia em temas digitais gerados na Rede, por algoritmos dedicados, adaptados por L para a sua exposição. Eram, na sua maioria, embalos sonoros a fazer lembrar amplas paisagens, embora neste caso fossem paisagens artificiais geradas por equações de comportamento caótico, mostradas em ambiente holográfico. O propósito era o de dar um

suporte auditivo às imagens em constante transformação, e o efeito, segundo L, tinha sido conseguido. Terminara. Levantou a cabeça, esticou os braços e as costas, esfregou a cara. [Estou capaz de comer o tal boi]. Levou as mãos ao cabelo, desatando as rastas.

Num amplo movimento de costas e pescoço, atira todo o volume de cabelo para a frente, soltando-as. Fica assim um pouco, a relaxar, enquanto expira profundamente. Entretanto ouve, por entre o ruído abafado do espaço, X e T a falar sobre onde ir jantar. Sente ainda mais fome. Lentamente, vértebra a vértebra, levanta as costas e a cabeça, inspirando gradualmente. Ajeita as rastas atrás da cabeça, enquanto X e T se aproximam dela.

- A proposta é vires jantar connosco – T põe-lhe a mão em cima do ombro – Isto aqui está bem encaminhado. E parece-me que todos precisamos de relaxar um bocado – Procura confirmação no olhar de X, que acena com a cabeça.

- Sim, isto amanhã só abre às seis da tarde. Haverá tempo para acabar o que falta – Consulta uma última vez a chapa – Em todo o caso, e de momento, já não há nada para nós fazermos aqui. Esta malta que cá está vai continuar, mas estão orientados. L olha para eles, sorrindo, ainda a descomprimir do stress da tarde.

- Então...vens? – T olha para baixo, para si própria, enquanto a ajeita as madeixas por trás da orelha.

L responde apenas alargando o sorriso. Ocorre-lhe ligar a P, enquanto recolhe as suas coisas para sair.

- Vamos então – X segue um pouco mais à frente, ainda a dar umas indicações a duas ou três pessoas.

Rapidamente chegam ao exterior do edifício. Invade-lhes as narinas um forte cheiro a ervas aromáticas e terra húmida, coberta numa fina camada de orvalho, resultante do arrefecimento repentino. Demoram ainda um pouco a atravessar os jardins, percorrendo o caminho sob os focos de luz de presença. Envolto nos seus próprios pensamentos e na ocasional nuvem de insetos voadores. No parque de estacionamento está um par de casulos. T segue direita a um deles, do tipo aéreo. Maior do que é costume, e alongado. Completamente preto.

- Este parece diferente. Pediram-no assim de propósito? – L achou o casulo curioso.

- Não pedi para vir agora. Este casulo é meu – T passa a mão por cima do veículo, orgulhosa.

- A sério?! Teu mesmo? Só tu é que andas nele?

- A sério, meu mesmo – Passa a chapa à frente da porta, que se abre lateralmente, com um zumbido suave.

- Mas porquê? – L não queria acreditar.

- Isto que nós fazemos é muito bonito, e nós adoramos – Entra X com a explicação – mas às vezes é um stress desgraçado.

- Do género um alarme de incêndio às quatro da manhã...

- Ou uma falha elétrica a poucas horas da abertura – X e T completam-se no esclarecimento a L – Isso quer dizer que precisamos de um casulo disponível imediatamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

- É estranho, mas acho que desenvolvi um estranho afeto por este bólido voador – confessa T, sorrindo, ao entrar na viatura.

Os outros seguem-lhe o movimento. O casulo levanta voo pouco tempo depois. De facto, parecia mais rápido que os outros em que L tinha andado. E fazia movimentos mais abruptos. Foi aí que reparou que o casulo não ia em automático, era T que o conduzia. E, ao que parecia, a retirar algum gozo disso.

- Não faço ideia para onde estou a ir, mas estou a gostar do passeio.

- Oh, desculpa...nós estávamos a falar das possibilidades para o jantar, e acabámos por não dizer onde íamos – Fez um jeito com o queixo na direção de X.

- Sim...vamos raptar-te e levar-te para nossa casa – Fez um ar propositadamente despreocupado – Um grande amigo nosso vai fazer o jantar.

Pensou novamente em ligar a P. Não sabia exatamente porque razão não o fazia. Talvez por orgulho. Talvez por uma noção muito própria de independência. Ou então por inconsciência. Olhou de soslaio para a chapa, que se iluminou.

- L... - a voz sintetizada de Budgie, o quarto passageiro, fez-se ouvir no casulo, em baixo volume.

- Sim, deixa-me adivinhar. Mensagem do P.

- Ele preocupa-se contigo, L.

- Sim, eu sei. Mas agora chiu. Estou acompanhada – Pegou na chapa e leu a mensagem para si própria. “L, suponho que ficaste aí a trabalhar até amanhã. Tudo bem. Apareço aí para a inauguração. Vê se descansas. Amo-te”.

Às vezes fazia-lhe confusão como é que para ele tudo parecia estar sempre tão bem. O casulo virou de forma acentuada para a esquerda. Não importava o que ela fizesse. Também não entendia a raiva que por vezes sentia, ao reparar que era o objeto de um amor tão potente, tão desprendido e incondicional. Via-o como um sinal de fragilidade. Às vezes. Nesses momentos sentia-se confusa e afetada por uma certa melancolia. Respondeu-lhe com igual brevidade. “Sim, foi isso. Falamos amanhã quando chegares.” O casulo aproximou-se de uma pequena localidade à beira-mar. Algumas casas iluminadas pelo luar, à frente de um vasto oceano cinzento escuro, raiado de prata. Pousaram suavemente. T exibia um sorriso confiante, X uma expressão calma no rosto. L sentia-se bem entre estes dois. Saíram do casulo em silêncio. A rua estava completamente deserta, banhada pelo som das ondas, algures lá para baixo. Sentiu um arrepio de frio. Nem casaco tinha trazido.

Entraram no edifício, que tinha um aspeto antigo. Mesmo muito antigo. Antigo, mas cuidado. Mesmo à luz mortiça do luar reparou na limpeza e aspeto acetinado das paredes. Na robustez, em geral. Lá dentro, o castanho da madeira imperava. Nos pavimentos, nas cadeiras, mesas e armários. Era uma casa grande. Não se percebia logo quantos quartos teria, mas deviam ser mais de cinco, a julgar pela quantidade de gente que X disse lá viverem.

- Isto é uma espécie de mini comunidade. Já todos vimos os rabos uns dos outros, e comemos as sobras deixadas por alguém. Partilhamos tudo, ou quase – X ia distribuindo abraços e beijos aos presentes – Olha, este é Z, o nosso cozinheiro desta noite.

- Bom...fora esta noite, é quase todas as noites – Atalhou T, divertida, enquanto descalçava as botas.

- Sim, esta coisa da cozinha automática é muito bonita, mas é só para quando não estou – Cumprimentou L com o olhar – É que, vão-me desculpar, mas adoro cozinhar. E em particular quando há visitas – Sem mais demoras, afundou-se na cozinha, à procura dos tachos.

L olhou à volta. Parecia-lhe que, ao todo, e incluindo o cozinheiro, seriam seis à volta da mesa. O ambiente era confortável, e como estavam quase todos descalços, descalçou-se também. Sentia-se livre. X apresentou-a aos restantes. Nesse caso, duas raparigas mais novas. Ao que parecia estavam ali porque desenvolviam estudos oceânicos, para mais tarde serem utilizados em missões de exploração em exoplanetas potencialmente habitáveis. X e T contaram algumas peripécias recentes e outras não tão recentes, passadas lá no Hall. Riram a bom rir, enquanto X ia medindo L com o olhar. Ela gostava disso, enquanto também o observava. O seu sorriso amplo e generoso. Os gestos fáceis e naturais. Os movimentos sensuais. Iam-se cruzando enquanto punham a mesa. Alguém tinha posto música, mas no meio do buliço não se percebia exatamente o que era. Não faltou muito até serem chamados.

- Vá, todos sentados à mesa, agora! – Exclamou Z, ainda a limpar as mãos ao pano – Começou a trazer os tachos para a mesa, a fumegar. – E quem não gostar... paciência. Embora não seja costume! – E não parecia estar a brincar.

Comeram, beberam, conversaram. A comida era uma amálgama de coisas. Esparguete, vegetais vários, especiarias, frutos secos. Tonificante e saborosa. A bebida era uma cerveja esquisita, também feita por Z, ligeiramente adocicada. Escorria bem. As chapas estavam todas afastadas da mesa e, salvo o zumbido ocasional, silenciosas. Levantou-se Z, erguendo o copo.

- Brinde, à moda antiga! – L não se lembrava como era isso do brinde à moda antiga, mas ao ver os restantes a erguer o copo, imitou-os – À comida, à bebida, à arte... e ao sexo! Muito sexo!

Beberam todos, trocando olhares sorridentes. As duas raparigas levantaram-se e foram dançar para o meio da sala. X encostou-se a T e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. L observava-os. T sorria. Acariciou o pescoço de X e beijou-o na boca. Acedeu com a cabeça devagar, passando um olhar rápido a L. Combinavam algo. [Acho que esta cerveja

me está a subir à cabeça. Devo estar com um sorriso bem estúpido. Mas que se lixe, estou a sentir-me bem]. L reclinou-se na cadeira, a balouçar ligeiramente. Fechou momentaneamente os olhos, tentando ouvir a música. Esticando casualmente uma das pernas, roçou com o pé na perna de X, à sua frente. Numa primeira reação, tirou o pé, mas logo percebeu que o queria lá pôr outra vez. X ainda acariciava T, acrescentando mais qualquer coisa ao seu ouvido. Ao sentir o pé quente de L na sua coxa, o seu sorriso alargou-se ainda mais, olhando-a de esguelha. Sem proferir palavra, e numa sequência de gestos dóceis, deu a volta à mesa, encarando L diretamente. Enfiou uma das mãos no meio das suas rastas, seguindo com um toque demorado no pescoço. Impercetivelmente fê-la levantar-se. Deu-lhe a mão e encaminhou-a rumo ao quarto. Beijaram-se à porta. As mãos dela a subirem-lhe por dentro da camisa, percorrendo-lhe as costas. Sentiu-lhe os músculos a retesar. No abraço, ele sentiu no peito as suas mamas, o claro toque dos mamilos excitados. A entrada no quarto foi rápida e silenciosa.

Acorda a meio da noite, banhada em suor. [Que estupidez, que parvoíce. Que sonho parvo]. L senta-se na cama, ainda ligeiramente a tremer. No sonho, P morria. Um mau funcionamento e explosão na aterragem em Marte. [Aquele homem é impermeável a problemas, a sério...] Levanta-se silenciosamente, no cuidado de não acordar X. Segue nua até à casa de banho e olha-se ao espelho. Limpa com uma toalha o suor das costas e do pescoço. Esfrega a cara, olha-se fixamente nos olhos. [Vais-te acalmar, vais-te deitar, e vais dormir. Amanhã é importante, e tu vais lá estar. Depois logo se vê]. Volta para a cama em passos lentos, por entre os raios de luar vindos da janela. Olha por uns instantes para o corpo adormecido de X, sendo percorrida por um ligeiro estremecimento de excitação. [Dormir...tu precisas é de dormir].

A casa começou a movimentar-se a meio da manhã, embora as duas raparigas tivessem saído cedo para fazer medições. Deixaram um bilhete provocador na porta do frigorífico. “Fomos andar de barco”. T já estava a pé. Disse que X tinha ido para o Hall mais cedo. Tinha recebido uma mensagem, com a notícia de uma situação urgente para resolver, relacionada com o fornecimento de energia à exposição. Foi para lá com um colega, num casulo partilhado.

- Vamos lá ter com ele daqui a pouco – T pisca o olho a L, que reage corando involuntariamente – Aquilo abre oficialmente às seis, mas nós vamos para lá agora,

obviamente. Há sempre imprevistos de última hora – Ia remexendo nos armários de cozinha, tirando coisas para o pequeno-almoço. L observava os seus gestos, ainda desorientada do sono e da casa pouco familiar.

- Tu...X. Vocês também... - Não conseguiu aguentar a pergunta mais tempo.

- Sim...nós também – T abre um amplo sorriso, mostrando um par de rugas ao canto dos olhos. Poisa as últimas coisas na mesa e faz sinal a L para começar – X é um bom homem. Só não é um homem meu. Mas sim...nós também – E enfia uma colher de flocos na boca.

Não falaram mais durante o pequeno-almoço. Sentia que podia confiar nesta mulher, tão madura e relaxada. Olhou lá para fora, observando a neblina matinal a levantar. Voavam gaiotas sobre a falésia, e o vento picava as ondas lá em baixo. Assaltou-a, de repente, a lembrança de que queria embrenhar-se mais naqueles assuntos da exploração espacial. [Estás é com receio que as pessoas não gostem da exposição. Mas vá, calma. Vai correr bem].

Tomou um demorado duche e vestiu o que tinha trazido para a inauguração. Tinha estadia garantida pela organização, mas acabara por passar a noite com os organizadores. Uma noite diferente, digamos. Vestiu as calças largas e a camisola justa de mangas compridas, calçando as mesmas botas autoajustáveis. Chegaram ao Hall pouco tempo depois. T foi imediatamente tratar de assuntos diversos, já que durante o voo a sua chapa não parava de piscar e zumbir. L deu uma última volta pelo seu espaço. Já estava pronto, limpo e desimpedido. Pôs os hologramas a funcionar, ficando a olhar para aquilo durante um bocado. Começava a sentir o formigueiro no estômago. Acalmou-se um pouco quando X passou por ali, ficando também ele uns minutos espedado a olhar para os hologramas. Tinham, de facto, um certo efeito hipnótico.

- Lindo...L, isto é lindo – Arregalava muito os olhos, ao ver as formas desabrochar à sua frente – A sério, só sinto pena não ter podido dar mais destaque a isto...

- Vamos ver se o público é da mesma opinião...

- Vai ser, vais ver – Deu meia-volta e abraçou-a com força, entusiasmado – Vai correr bem – acrescentou, baixinho. Ela encostou a cabeça ao seu queixo por um instante, gesto logo interrompido pela sua chapa.

- L...agora é a tua mamã – era Budgie com o alerta. Sorriu com o olhar para X, que percebeu o sinal e foi tratar dos tais assuntos urgentes de última hora que sempre aparecem. L pegou na chapa e viu a mãe.

- Como estás, mãe? – Sentou-se na zona de controlo, atrás do biombo.

- Bem...mas então não dizias nada? – a mãe procura manter um sorriso, mas há preocupação no seu olhar.

- Mas eu já tinha dito, há meses atrás...que a exposição ia ser por esta altura, blá, blá.

- Pois, mas não combinávamos nada para o próprio dia? – Tira os óculos e esfrega-os nervosamente – Eu só gostava que tivesses um pouco mais de consideração por nós, era só isso.

- Por favor mãe, não é nada disso, sabes bem, eu...

- E ainda por cima o teu pai, na cadeira de rodas, não tem a mesma facilidade – a mãe interrompe-a, impaciente – E não vale a pena argumentar que ele não tenha querido o implante biológico para voltar a andar...sabes como ele se opõe a essas tecnologias cibernéticas – diz, enquanto passa a mão pelo cabelo cortado muito curto.

- Sim, mas...conseguem vir? – o olhar da mãe, agora mais brando, fixa-se no seu.

- Claro que sim, querida... - a sua voz ganha um característico tom maternal – Não perderíamos isto por nada deste mundo. E, segundo ouvi dizer, o P e a sua mamã também virão ao acontecimento.

- Oh pá, estou feita – L permite-se descontraír um pouco.

- Vai correr tudo bem, vais ver – a mãe prepara-se para desligar.

- Isso é o que todos dizem...

- Se bem te conheço, mais facilmente cai o prédio que tu deixares que as coisas corram para o torto – o pai acena-lhe do outro lado – Olha, eu e o teu pai temos de sair. Falamos mais logo.

- Sim, vá. Até logo – L desliga a chamada.

Passou o resto do tempo, até à abertura da Exposição, dentro e fora do edifício. As nuvens afastavam-se gradualmente, dando lugar a um reconfortante Sol de fim de tarde. Ainda se

cruzou um par de vezes com X e T, mas eles andavam a mil à hora, mesmo tendo em conta que tudo parecia pronto. Num dos recantos do jardim encontrou um banco escondido, protegido do vento e dos olhares. Deitou-se por uns instantes e acabou por adormecer. Acordou com o grasnar de uma gralha, pousada num ramo próximo da sua cabeça. Consultou imediatamente a chapa, respirando de alívio. Ainda faltavam trinta minutos para a abertura. Esticou as pernas e deixou-se banhar pela luz dourada, que lhe aquecia as bochechas.

- L...

- Sim, Budge – Responde de olhos fechados

- Só para te dizer que P e a mãe já chegaram.

- Como é que sabes?

- Estou ligado ao circuito de vídeo, com os cumprimentos do meu amigo Tetris. E vejo-os junto à entrada, à espera que abram as portas – Como L não comenta, acrescenta – Só para teres noção, estimo que estejam ali, para já, pelo menos umas mil pessoas.

- A ver se não ficam todos a beber sumos no bar...

- Se ficarem, trato pessoalmente de selar o edifício e trancar as portas das casas de banho.

L sorriu, levantando-se devagar. [Estranho fenómeno, este. Sinto mais carinho por este computador do que por muita gente de carne e osso...talvez seja porque, ao contrário de algumas pessoas, o Budge faz realmente um esforço para me dar atenção. Bom, mas talvez não me possa queixar.]

- Budge.

- Hum?

- Indica-me aí a melhor entrada para o edifício, mais perto do meu canto, sem passar pelas portas principais.

- Claro que sim, L.

Iluminou-se a chapa com uma imagem de pormenor de satélite, à qual o Budgie tinha adicionado uma linha a tracejado, a serpentear pelos jardins e a terminar numa discreta entrada lateral, perto do canto de L. Não a preocupava a reação de P, dos pais, ou de

alguns amigos que aparecessem. Esses gostavam sempre. Diziam que reconheciam o seu trabalho, rasgavam alguns elogios. Eram todos os outros que a deixavam mais apreensiva. Ainda para mais muita gente das artes, ou envolvida nas artes, numa época em que a produção artística era maior que nunca. Receava o esquecimento, a sensação de irrelevância. [Se isto não correr bem, não sei, largo as artes. Vou estudar física nuclear, como o P, sei lá. Ou fazer de cabeleireira]. Entretinha estes pensamentos ao entrar pela porta lateral. Lá dentro, tudo a postos. O seu canto, embora longe do centro da exposição, estava bem localizado, e o rasgo envidraçado deixava entrar uns últimos raios de Sol, dando aos hologramas um brilho especial.

- Todos e todas, peço a vossa atenção por um instante – A voz de T ecoa por todo o edifício, através do sistema de som – Era só para agradecer o vosso empenho, dedicação e trabalho árduo na montagem de mais uma grande exposição do Hall – Fez-se um silêncio quase total no espaço – Uh...era isso que tinha para dizer. Tanto o X como eu estamos muito orgulhosos de toda esta equipa, e de todos os artistas presentes nesta exposição. Obrigado! Pela arte!

Ouviram-se aplausos, viram-se abraços, até uma ou outra lágrima. L observava do seu canto, pasmada com a força daquele momento. Há sempre uma satisfação extra por conseguir fazer alguma coisa em conjunto. Pouco tempo depois abriram-se as portas. X e T circulavam pelo espaço com um ar cansado, mas feliz. Não foi preciso mais de quinze minutos até os seus pais, P e a mãe chegarem ao seu canto. Não repararam nela imediatamente, sentada junto à mesa de controle, na semiobscuridade. Embora os placards identificassem aquele espaço como sendo o seu, apenas P conhecia de facto as obras, embora as tivesse apenas visto num estado inacabado. Circundava o percurso entre os hologramas envergando um grande sorriso orgulhoso, acompanhando a mãe. A mãe de L empurrava com cuidado o pai, sentado na cadeira de rodas. Não tinha de o fazer, já que a cadeira era autónoma, assistindo o transportado com inteligência própria, mas eles preferiam assim em momentos de passeio. Também estavam demasiado envolvidos no primeiro embate com as obras, para tomarem atenção a mais alguma coisa. Foi P que primeiro se aproximou de L.

- L...de lâmpada – limitou-se a abrir os braços, em silêncio, e abraçou-a. Com carinho, de forma envolvente. Irresistível. Ela deixa-se envolver, sentido o calor dos seus ombros

largos. Ficam assim uns instantes, até que L se afasta delicadamente, inquieta pela presença da mãe de P.

- Fantástico – a senhora aproxima-se para a abraçar – simplesmente fantástico.

L concede um abraço cordial à senhora, mas por dentro apetece-lhe virar costas. Sente tudo aquilo com uma aura de farsa. Os seus pais, entretanto, também se aproximam, cortando caminho por entre uma série de outras pessoas.

- Filha...sem sobra de dúvida, esta é a melhor parte da exposição até ao momento – o pai estica os braços para lhe segurar as bochechas, como fazia quando ela era pequena.

- Vocês são todos muito simpáticos – diz ironicamente, enquanto se agacha para receber o beijo do pai.

- Não, a sério, L... - a mãe olha-a fixamente, depois de a abraçar – Como sabes, sou mais sensível ao som que à imagem, mas sinceramente, está impressionante. Está mesmo... bonito – aparece um brilhozinho nos seus olhos, a sua filha querida é hoje a estrela da noite.

- Mãe...vá lá – L olha à volta, a sentir as bochechas quentes e todos os olhares sobre si. [Oh, não vais ficar agora toda derretida, ou vais?] – Ainda me fazes chorar, mãe... - vira o pescoço, à procura de P – Mas vá, circulem! Vão ver o resto da exposição! – Agarra a mão de P, segredando-lhe – Fica aqui um pouco, deixa-os ir andando.

- Tinhas de os trazer todos para aqui! – Desabafa, quando já só P a consegue ouvir.

- O quê? Não foi nada disso...simplesmente a tua mãe ligou-me, a perguntar se eu vinha, e eu disse-lhe que sim – levou automaticamente um dedo à boca, pondo-se a roer as peles. Um daqueles horríveis hábitos nervosos.

- Pois, mas tinham de combinar vir juntos! – abanou a cabeça de um lado para o outro, agitando as rastas.

- Eh pá, não pensei que fosse um problema, não...

- Pensaste! É esse o teu problema...é que às vezes pensas!

- Pá, isso não é justo. Além disso gosto de ti, como sabes...adoro-te. Foi por isso que vim – diz P, tentando recordar outras situações parecidas. Falam baixo, mas não o suficiente para que não se perceba que discutem.

- Gostar de mim não resolve tudo, P.

Ele não responde. Sente-se tremendamente injustiçado, mas não lhe ocorre mais nada para dizer. Fica só a olhar para ela, num silêncio constrangedor. Também não lhe apetece discutir. Olha para baixo. Repara nos pés dela, ao pé dos dele. Parecem miniaturas. Não sente que tenha feito algo de errado, mas o nó no estômago atesta o mal-estar e a tristeza. Lá acaba por deixar sair umas palavras mortíferas.

- Na boa, L. Vou dar uma volta – Aproxima-se para lhe beijar a bochecha, mas ela desvia-se – Ah, e parabéns – conclui, sem entusiasmo.

[Vá, vai lá ter com a tua mamã]. Ele afastou-se, sem olhar para trás, perdendo-se na multidão e nas obras em exposição. L virou costas e foi sentar-se no seu canto escuro, ao lado do biombo da zona de controle. O seu olhar era sombrio.

- L, só para saberes: até agora a tua exposição já foi visitada por 6,36% dos visitantes, ou cerca de 3,2 novas pessoas por minuto. Comparando com outros espaços, este está nitidamente no top 5 – Budgie interrompe os seus pensamentos nebulosos.

- Estás a tentar animar-me – Olhava através de uma das animações holográficas, aquela que mostrava o fractal de túneis em subdivisão, movimentado em três dimensões. Aquilo era, de facto, magnético.

- Sim, apanhaste-me. Mas olha que estas estatísticas são mesmo verdade. Objetivamente, esta exposição já pode ser considerada um sucesso.

E, apesar do semblante maldisposto de L, assim foi. As pessoas não paravam de vir, como traças atraídas pela luz. Apareciam, demoravam-se por dentro e à volta dos hologramas, faziam perguntas. Fotografavam. A ruminação de L em torno de P, da sua mãe e dos seus pais foi-se desvanecendo com o tempo e a interação com as pessoas. Umás horas depois, mais perto do fecho da exposição, já sorria. Uma miúda nova veio perguntar-lhe se tinha visto aquelas imagens em sonhos. Ficou a olhar para ela durante uns segundos. Sonhara, de facto, com aquilo. Com uma parte, pelo menos. Tinham sido, precisamente, esses sonhos

que a tinham levado a passar tantas horas no atelier. Precisava de os ver concretizados. Havia uma força em si que a impelia para as coisas, e que não parava, parecia não abrandar nem se desviar com nada. Às vezes era até assustador. Ocorreu-lhe, por um instante, que até poderia ser isso que a tornava tão intolerante, nessas ocasiões. Tão pouco empática ou delicada.

A miúda esperou um pouco, perguntando-lhe se estava tudo bem, ao reparar no seu olhar perdido. Respondeu-lhe que sim, que tinha sonhado. Trocaram um sorriso cúmplice. Há alturas em que as pessoas, embora se cruzem pela primeira vez, parecem conhecer-se há imenso tempo.

Só ficaria na exposição nesse dia, pelo que decidira esperar pelo derradeiro fecho das portas. P e os pais de ambos ainda apareceram no seu canto, antes de se irem embora. P mal se mexia, de olhar triste. Mas os pais estavam bem-dispostos, nitidamente para eles tinha valido a pena a visita à Grande Exposição.

- P, a gente vê-se em casa daqui a bocado – L fala como se nada se tivesse passado, agora nitidamente mais alegre – Isto está quase a fechar, mas tenho de ficar mais um pouco...os coordenadores devem querer dizer-me alguma coisa, suspeito.

P relaxa, visivelmente. Ainda está magoado, mas feliz por ver L com outra disposição. E alimentando uma ténue esperança de ainda fazer amor com ela nessa noite, avança com uma mão sobre o ombro dela.

- Sim...a gente vê-se em casa. Ponho-me a resolver umas palavras cruzadas, ou assim – concede um sorriso melancólico – ou faço umas panquecas.

- P...de parvo – L estica-se para lhe dar um beijo na bochecha, com um ar maroto. Ele desiste, momentaneamente, de tentar compreender. As mudanças, os humores, essa espécie de montanha-russa sentimental. Por vezes insuportáveis, por vezes irresistíveis.

Os pais elogiaram-na novamente. Muita gente fez o mesmo. X e L vieram ter com ela, logo após o fecho. Vinham de mão dada, a sorrir. Cada um deles deu-lhe um grande abraço. Para eles, o resumo do dia era de missão cumprida, confirmando as estatísticas de Budgie. O canto dela tinha sido o terceiro espaço mais visitado da exposição e, entre os estreantes na exposição, a artista mais visitada no primeiro dia, desde sempre. E, mais

importante ainda, outros artistas, entre os quais vários de quem admirava o trabalho, vieram agradecer-lhe pessoalmente, pela fabulosa contribuição para a exposição, e para a Arte em geral. Os pais sempre lhe tinham dito que os elogios eram como os doces: é bom comer dois ou três, mas se exagerarmos ficamos gordos e com os dentes podres. Já o reconhecimento, diziam, é como uma alimentação saudável: nunca é demais e ajuda a manter-nos em forma, com força para enfrentar os desafios da vida. Ser reconhecido é fazer parte da tribo. Estas pessoas estavam a dizer-lhe: nós vemos-te. Sabemos quem és, e apreciamos o que fazes.

Capítulo III

Nos dias seguintes já não precisava de estar na Exposição. X e T pediram-lhe que voltasse, no último dia, para o fecho e para um agradecimento particular a todos os artistas. Aproveitou e tirou uns dias fora da produção e fora do atelier. Tinha sido muito bom, valera sem dúvida o esforço, mas precisava de descansar. Decidiu pôr os pés na areia. P estava a trabalhar, pelo que combinou com uma amiga ir até à costa. Nesse dia apanhou boleia com P no casulo que o levou ao laboratório, seguindo para a praia onde se encontraria com a amiga. No caminho pensava como era estranho ter-se apaixonado por alguém que não conseguia evitar ver como um miúdo grande. [Será que é mesmo isto que eu quero?] Foram para uma zona com rochas e pequenas lagoas, minúsculas reentrâncias onde o mar depositava água em ondas suaves, contornando os recantos rochosos peçados de lapas e ouriços. Andaram descalças, sob um céu azul, ocasionalmente rasgado pelo zumbido suave de um casulo. O tempo parecia parar, junto ao mar. Ali a vida continuava como era há milhões de anos. Gaivotas observavam o peixe, lá do alto, os caranguejos andavam de lado, indecisos entre ir até à espuma das ondas procurar comida ou voltar para a toca. De vez em quando soprava uma brisa mais fria. Quando a fome apertou, foram comer um peixe grelhado ali perto. O peixe naquele sítio sempre fora bom, cozinhado e temperado de forma simples, desde quando se conseguiam lembrar. Sentadas numa espécie de balcão em pedra, praticamente sobre o mar, conversavam de óculos escuros e lenços na cabeça, em frente à imensidão do oceano. Circulavam estórias de que aquele edifício, encrostado na rocha, tinha em tempos sido uma peixaria, ou um posto avançado para o contrabando, ou ambos. Atualmente era apenas um restaurante, simples na sua conceção e pequeno em área, embora envergasse toda a sua fachada envidraçada voltada para o mar. A varanda, que terminava no balcão em pedra, onde se dizia que, antigamente, as mulheres – também chamadas varinas - tratavam do peixe com enormes facalhões, e que os homens as observavam excitados, escondidos nos rochedos, não tinha mais que um metro de avanço sobre a falésia. Era ali que as pessoas agora se sentavam, quase encostadas à parede, e ruminavam os seus pensamentos ou partilhavam as suas estórias, trincando peixe fresco tal como há séculos era cozinhado e servido.

- Agora ando com esta fixação por naves, viagens interestelares e psicologia de massas – L dirige-se à amiga, levantando os olhos do robalo grelhado que jaz esventrado no seu prato.

- Deixa-me adivinhar: vais construir um foguetão no teu atelier e começar a explorar o Universo, enquanto esta malta toda anda no chove-que-não-molha! – S deixa escapar uma gargalhada.

- Sim, sabes como é...qualquer coisa pela fama – embora L esboce um sorriso, a resposta retrai a gargalhada da amiga. Gozam de um breve silêncio confortável.

- Do que percebi até agora, os riscos com a viagem interstelar são muitos e variados, mas estão aparentemente controlados pela técnica atual...tenho a impressão de que as pessoas simplesmente não estão para aí viradas.

- Pois, o que não é de admirar! Estas missões a Marte parecem uma carnificina...já viste a quantidade de gente que morreu? – S recosta-se para trás, passando a mão pelas duas bolas de cabelo que lhe compõem a cabeça. A sua pele escura contrasta com a parede branca ao fundo.

L põe um último pedaço de batata na boca. Vai mastigando enquanto pensa no que a amiga acabara de dizer, sentindo a têmpora esquerda a aquecer ao Sol.

- Sim...mas repara. O alarmismo está ligado ao conhecimento detalhado que recebemos dessas estórias, não porque tenham sido muitas mortes se compararmos com outras aventuras humanas anteriores.

- Mas que aventuras? – S deita-lhe um olhar inquisitivo.

- Os descobrimentos, a descoberta do continente americano...- Retorque L – Até a conquista do Everest matou mais gente.

- Vendo as coisas dessa maneira... - a amiga lembra-se de alguma coisa, tira os óculos e encara L com uns grandes olhos redondos, castanhos e brilhantes – mas olha lá, tu és uma artista. O que é que te interessa tudo isso?

L tira também os óculos, e bebe o resto da cerveja.

- Uma boa pergunta – gira um pouco na cadeira, para contemplar o horizonte – e até há bem pouco tempo não me interessava nada, de facto. Mas começaram a fazer-me impressão os comentários retrógrados das pessoas – Fez uma careta – “Mas o que é que vamos lá fazer?? Aquilo é um monte de pedras!”, ou do género “Vamos para um planeta distante fazer as mesmas asneiras que fizemos aqui...não vale a pena!”

S ia dizer qualquer coisa, mas muda de ideias. Talvez não fosse o momento de contribuir com um comentário que se encaixava perfeitamente no que a amiga acabara de dizer.

- Gosto de desafios – continua L – Gosto de ir mais além. Não aceito a ideia de que devemos deitar séculos de evolução tecnológica para o lixo, só porque temos medo da nossa própria conduta noutra planeta – volta a pôr os óculos – Além disso, o mero pensamento de que estamos sozinhos no Universo é ridículo, e completamente ultrapassado.

Outro breve silêncio. É possível que S esteja a imaginar um encontro com os alienígenas.

- Eu conheço-te, L. Sei que quando te interessas por uma coisa não largas o osso. Portanto, a questão não é se, mas sim o que pensas fazer relativamente a isso.

L pede dois cafés à pessoa que as tinha atendido.

- Outra boa pergunta – mostra um sorriso carinhoso à amiga – e sim, parece que, às vezes me conheces melhor que eu própria – chega-se à frente e dá-lhe um forte beijo na bochecha. Dão as mãos – Acho que vou a uma daquelas reuniões do Centro Local. Para tirar um pouco o pulso ao que as pessoas estão a pensar.

- Pensas que entras por ali adentro e conversas com toda a gente?

- Claro que não... - olha agora para o mar, muito estática, enquanto pensa – Idealista sim, mas não ingénua. Quero falar e participar na votação da gestão de recursos – volta a cabeça novamente para S, rebaixando os óculos – Acho que neste momento é o mínimo que posso fazer.

Nessa tarde desceram para a praia, adormecendo durante algum tempo, enroscadas à sombra de um rochedo. Molharam os pés junto à água e cantaram lenga-lengas. Encontraram gente a jogar com discos suspensos. Há anos que não jogavam, mas era daquelas coisas que quem aprende não esquece. O problema daquilo é que, muito embora os discos sejam robotizados e se adaptem à pessoa que sustentam, a falta de jeito mete muita gente a comer areia. Mas faz parte da beleza da coisa. É semelhante ao jogo da apanhada, só que com equipas, sustentadas em discos a cinquenta centímetros do chão. Gritaram, riram, praguejaram e caíram repetidamente dos discos. Estoiradas, mas sorridentes, despediram-se dos companheiros de jogo, que continuaram sem elas. Sentindo

a combinação incômoda do calor, do suor e da areia, acabaram por se despir e entrar na água. Uma verdadeira sensação de liberdade, na frescura e envolvimento da água por todo o corpo. Puseram-se a boiar para descansar, os seios expostos ao Sol.

- Olha a baleia branca! – L dá um mergulho, passando com o rabo a rasar a cara de S.

- Ai é?! Olha a viúva negra! – S atira-se a ela, a rir, num abraço em estrela e a empurrar-lhe a cabeça para debaixo de água.

Aqui e agora podem de novo ser crianças, fugindo às responsabilidades que alicerçam as suas vidas. Saem da água tão cansadas que se deixam cair na areia, ofegantes, trazendo consigo consigo o brilho da água, do Sol, e do olhar.

L andou sem planos mais uns dias, ao sabor dos impulsos que lhe percorriam o corpo e a mente. Passou uma manhã no laboratório de P, enquanto eles calibravam os equipamentos para os ensaios. Observava as máquinas, ouvia as conversas, tirava apontamentos. Gostava, por vezes, de andar assim pela sombra, a captar informação, a recolher ideias. E P gostava de a ter por perto. Mais tarde aproveitou para ir arrumar o atelier. Ainda tinha todos os projetores holográficos montados e precisava de os devolver ao Centro de Recursos.

Visitou os pais. Era algo que não fazia com frequência. Sentia-se sempre diminuída pela tendência que tinham de a tratarem como uma menina. Racionalmente percebia porquê. Queriam que ela estivesse bem, fruto do hábito de serem pais, dela ser filha única, de terem sessenta anos. Mas ela tinha trinta anos e há mais de dez que era completamente autónoma. Não percebera ainda que, em parte, o comportamento dos pais tinha a ver com o medo da sua irrelevância, particularmente em relação a ela. Precisavam sentir que tinham influência na sua vida, eles que a tinham visto nascer e crescer.

No dia do fecho da exposição, voltou ao Grande Hall. Tinha ainda mais gente que no início. Ao longo dos dias, X enviara-lhe as estatísticas das visitas ao seu canto. Os números eram muito bons, e ela tinha de admitir que isto a fazia sentir-se bem, mas não os interpretava com facilidade. Só se deu realmente conta do impacto do seu trabalho quando a começaram a convidar para expor noutros sítios. Foi então que se apercebeu que já não

sentia tanta vontade em criar projetos artísticos como dantes. Sabia que podia, e agora também que seria reconhecida, mas inconscientemente já abraçara outro projeto: o da união da humanidade para a grande aventura da exploração espacial. As estrelas aguardavam.

Nessa nova visita ao Grande Hall, voltou a estar com X. Sentia alguma culpa por não estar a incluir P na sua vida amorosa, mas X exercia uma atração irresistível sobre ela. Além disso, não via a necessidade de lhe prestar explicações sobre o que fazia ou não fazia. Se ele a amava assim tanto, haveria de compreender. Com a cabeça dela a descansar sobre a sua, suados da atividade, X perguntou-lhe se havia mais homens na sua vida. Não lhe mentiu. Mas também não lhe adiantou muito mais. Não era um assunto de que gostasse de falar.

- Não te faço a pergunta para sondar a tua fidelidade, ou falta dela – diz X, enquanto lhe acaricia a testa e as rastas – É mesmo só por curiosidade. Suspeitei que tinhas uma relação com aquele tipo alto de olhos azuis que apareceu no primeiro dia da exposição.

L ergueu a cabeça, trespassando-o com o olhar.

- Tens razão. Mas não é da tua conta – Levantou-se e começou a vestir-se.

- Oh pá, espera aí! Onde vais? – Ela parecia imparável – São três da manhã, já reparaste?...

- Vou para a cama onde está o tal tipo alto de olhos azuis – arranca a sua mochila do chão e sai do quarto. Saca da chapa, para chamar um casulo. A caminho da porta da casa, choca com uma das cadeiras da sala, com estardalhaço. Solta um curto, mas agudo grito de dor, agitando o silêncio e a penumbra do espaço. Lá fora, só se ouve o constante marulhar das ondas. Consulta a chapa: estimados dez minutos para a chegada do casulo. X, entretanto, veste-se e desce até à porta, onde L está à espera. Ela olha-o de soslaio.

- Estás a ser infantil. Eu respeito tudo isso. Todas as tuas relações. Eu também mantenho esta relação com a T, a quem amo – Toca-lhe ao de leve no pescoço, acariciando-lhe a nuca – e começo a gostar seriamente de ti.

Ela não responde imediatamente. Há ali um orgulho que a impede de admitir, mantendo-a à distância. Vira-se para ele, primeiro movida pela raiva, logo a seguir mais aliviada por já não se sentir posta em causa. O seu olhar torna-se mais brando, perdendo a dureza inicial.

- O meu casulo está a chegar. Três minutos.

- Cancela isso. Ainda vais a tempo – todas as palavras soam muito nítidas, em face do silêncio dominado pelo mar – Vamos voltar para a cama.

Ergue também a mão para lhe acariciar o pescoço, envolvido pelos cabelos loiros desgrenhados, agora visivelmente mais calma. Passa as pontas dos dedos pela sua barba, estica-se para lhe beijar a boca. [Homem bonito. Homem muito bonito]. Ficam só abraçados, a sentir a serenidade da noite. Começa a ouvir-se o casulo a aproximar-se.

- Tu ainda não me conheces – L estende-lhe a frase enigmática imediatamente antes de entrar no casulo. Ele não responde, atordoado pela cena. Não se despedem, ele a vê-la partir, ela a vê-lo ficar.

Chega a casa, veste o pijama e deita-se. P dorme profundamente, mas remexe-se ao sentir a sua presença. Talvez o atormente um sonho erótico. De manhã, ele acorda primeiro. A primeira coisa que faz é procurar L, sentindo alívio por vê-la deitada ao seu lado. Mas isso não afasta a sua má disposição. Arrasta-se até à casa de banho. Sente dificuldade em urinar, devido à rigidez do membro. Lá consegue, após um par de minutos que lhe parecem uma eternidade, fazer passar o chichi pelo canal atrofiado pela tesão. Vai à cozinha e abre a porta do frigorífico. Nada de jeito.

- Pois, P. Não há nada para o pequeno-almoço. Deixei-vos mensagem ontem de manhã, mas nenhum de vocês me ligou alguma coisa – Não estava com paciência para ouvir Budgie, mas reconhecia que tinha razão – A não ser que queiram estufado de lentilhas para o pequeno-almoço.

- Humpf! – P ouve passos à porta da cozinha. L aproxima-se, descalça.

- Alô – Apesar de ter dormido pouco, não se sentia cansada. Esfomeada, sim. Passa a mão pelo ombro de P, mas ele encolhe-se. Não está, nitidamente, no melhor dos humores.

- Temos de ir tomar o pequeno-almoço lá fora – Diz P para a porta do frigorífico. Entretanto L enfiara-se na casa de banho. Vestiram-se e arranjaram-se em silêncio. O ambiente permaneceu tenso: P evitando olhar para ela diretamente, L tentando parecer

casual. Descem para a pastelaria da esquina. O sítio está à pinha e o barulho é considerável. Ideal para uma discussão.

- Ouve lá – P volta a levar o dedo indicador à boca, no habitual reflexo nervoso – mas o que é que nós somos, exatamente? Casados, namorados, amigos, conhecidos? O quê? – Olha em redor, a ver se há olhares indiscretos. Está toda a gente a tomar café, tortas de abóbora e a falar alegremente. Ninguém lhes liga nenhuma.

- Mas o que queres de mim, P? – A sua expressão contrai-se com a raiva – Um contrato?! Uma carta timbrada com agradecimentos pelas tuas delicadezas?

Os olhos dele saltitam, nervosos, entre os olhos de L, as pessoas à volta e o croissant poisado no seu prato.

- Não sei, L...eu...sinto-te longe, distanciada de mim – interiormente combate as lágrimas – de certa forma sinto que isto não devia ser assim.

- Então como é que devia ser?! – as suas mãos remexem no scone, mas não parece lembrar-se de o comer – contigo e comigo, sempre juntinhos, com a bênção da tua mãe, sempre em cima de nós?...

- A minha mãe não tem nada a ver com...

- Tem tudo a ver! – Afasta as rastas para trás num gesto instintivo, para que nenhuma caia dentro do sumo de laranja – A tua mãe praticamente fala por ti, não podes dizer que não tem um ascendente sobre ti...

- Ascendente? Mas estás a alucinar?! – Estica os braços por cima da mesa, a implorar por bom senso – L, estás porventura a esquecer-te que eu tenho quarenta anos??

- E é suposto a tua idade ser um qualquer antídoto para contrariar a influência da tua mãe?... – Finalmente dá uma trinca no scone – Comé possível no veres cobo ela de manibula?

- Estás positivamente a alucinar. Olha aqui: a minha mãe não tem nenhum ascendente sobre mim, Ok? – Acaba de um trago o sumo de beterraba e morango – Ela é uma velhota carente por quem sinto bastante afeto e um certo sentido de responsabilidade em cuidar – faz uma pausa, indeciso em continuar – algo que talvez não compreendas.

- P...eu não sei o que é que somos, nem o que deveríamos ser. Só sinto que isto assim não bate certo. Falta qualquer coisa – baixa os olhos, tristes, contemplando as migalhas do scone.

- Pudera! A gente mal se vê...e nunca sei por onde andas!

- Pá! Se vais começar por aí, é melhor acabarmos já...Sabes bem que não sou talhada para dona de casa.

- Mas não tem nada a ver com isso! Sabes que eu te respeito. Que eu faço qualquer coisa por ti...

- Exato. Mas já te perguntaste se é isso que eu quero? Se esse grau de idolatria me faz bem? O que é que eu poderei sentir sob o peso dessa responsabilidade? – Olha para P, bem fundo naqueles olhos azuis.

- L...eu quero-te. Eu quero estar contigo. Quero viver contigo. O que eu não sei é o que fazer com isso.

Calam-se. De repente o ruído à volta torna-se desconfortável. A pastelaria começa a vagar, à medida que as pessoas vão seguindo para os seus afazeres. P olha lá para fora com olhos húmidos, enquanto L o observa sentindo pena daquele homem desamparado.

- Tu não és o príncipe encantado, e eu não sou a tua princesa.

P não consegue conter a queda de um par de lágrimas. De faces ruborizadas e sem dizer uma palavra, levanta-se e sai, sem olhar para L e sem voltar para trás.

Fica sozinha, sentada à mesa da pastelaria, sentindo-se miserável. Sentia que queria mais, mais atividade, mais ação. O P gostava dela, sabia disso. Mas havia ali uma espécie de cegueira, como se houvesse uma parte dela que ele nem se dava ao trabalho de conhecer, deslumbrado com o que via à superfície. Ela queria abraçar o mundo, queria aventura, e aquele homem só queria estar, tratá-la como uma princesa, apaparica-la como a uma criança. [Ele é bom, ele se calhar até é bom demais. Às vezes nem parece real. O que é que lhe vou fazer?] Deambulou pela cidade a tarde toda. Foi cultivar um pouco, para espaírar a cabeça. Havia um lote comunitário a três quarteirões da sua casa, que pouco visitava. De facto, não há muita coisa que esvazie a cabeça de forma tão eficaz como arregaçar as mangas e meter as mãos na terra. No meio de tanta tecnologia, era como uma bênção sujar

as unhas e cheirar o estrume. Havia cenouras para apanhar, e composto para carregar e revirar. A mulher que geria o lote perguntou-lhe se não queria a ajuda de um agribot, mas recusou.

- Preciso de me cansar – respondeu secamente.

- Muito bem – apontou para o canto mais distante do lote – Aquele monte de composto precisa de ser despejado naquela parcela – passou-lhe um ancinho para a mão e voltou para o que estava a fazer.

O cheiro era revoltante no início, mas depois de umas boas garfadas e de sentir o suor escorrer pela testa e pelas mamas, já não o sentia. Esteve duas horas naquilo. O suficiente para se sentir melhor, apesar da roupa imunda e das dores nos braços e nas pernas.

Chegou a casa já depois do pôr-do-Sol. Tentou não se cruzar com muita gente, muito embora ninguém a olhasse com estranheza ou asco. A comunidade já se tinha habituado a incursões regulares aos lotes de cultivo e às coberturas verdes dos edifícios. Nunca a cidade fora tão cultivada e, assumidamente, as pessoas precisavam disso. Tanto quanto precisavam dos casulos, ou das cozinhas automáticas, quando não estavam com pachorra para cozinhar. Colocou tudo o que envergara na máquina e enfiou-se na banheira. Há imenso tempo que não tomava um banho de imersão, mas a situação assim o exigia. Enfiou a cabeça debaixo de água, lentamente, enquanto sentia os músculos a relaxar. Pôs-se a olhar para o vapor que se erguia lentamente da superfície líquida e transparente, parcialmente coberta por ilhas de sabão. [Agora afastei-o de mim. Merda! Mas o que é que tu queres exatamente, L?] Invadiu-a um sentimento de culpa. Com um gesto súbito que salpicou a parede, afastou-o, justificando para si própria que não tinha feito nada de errado. [Apenas segui os meus instintos, foi só isso. Ou ele consegue lidar com isso, ou não consegue.] Esfregou-se, observando a água a mudar de cor. Percorreu-a um arrepio de prazer, ao limpar-se por entre as pernas. Tirou o resto do sabão e da sujidade de pé, em modo de duche.

- Budge!

- Caríssima L – A voz de Budgie soava lânguida.

- Budge?

- Não vi nada do que acabaste de fazer, juro pelas patinas douradas dos meus circuitos!

Quase escorregava na banheira, com o riso. Mas continuava preocupada.

- Isto não está bom, Budge – enrolou-se numa toalha, pondo outra na cabeça – Liga-me aí ao P, pode ser?

- Está a chamar.

Sentada na mesa da cozinha, encostou a chapa à parede, enquanto secava as rastas com a toalha. Estava prestes a desistir quando a cara de P apareceu do outro lado. Olhando para a câmara, mas sem dizer nada. Ficaram algum tempo assim.

- Não vens para casa hoje? – L quebra o silêncio, sentindo um primeiro arrepio de frio. Pega na chapa e leva-a para o quarto.

- Vim para a camarata dos rapazes, para pensar. Não sei quanto tempo é que vou ficar – Não parecia estar com vontade de falar. Ambos aguardam mais algum tempo, enquanto ela veste o pijama.

- Não vou pedir desculpa, se porventura estavas a pensar nisso. – L afirma, peremptória.

- Já não estou a pensar nisso. Essa é uma das coisas que finalmente percebi nestes anos todos: tu nunca pedes desculpa.

- Nunca fui outra senão eu própria. Nem sei bem do que estás a fal –

- Exato. Em todo o caso, não me sinto capaz de te perdoar neste momento – na sua voz soava irritação, e uma sub-reptícia raiva surda – É como te digo. Vim aqui para pensar. Falamos depois, L.

P desliga a chapa repentinamente. Ela fica a olhar para o ecrã negro, contemplando o seu próprio reflexo escurecido. [Foda-se!] A tal sensação de culpa volta a espreitar, introduzindo nervosismo nos seus gestos. Foi fazer o jantar. Pôs música altíssima, dançou, cantou. Sujou a cozinha toda. Apesar do cansaço, decidiu sair. Ligou a S. Não lhe deu pormenores, disse-lhe apenas que P não estava, mas que precisava de companhia. Por coincidência, S estava prestes a ir para uma daquelas festas na praia, muito na moda, particularmente em noites de céu limpo e não muito frias. Não lhe tinha falado do assunto porque assumira que estava com P, mas claro que era bem-vinda. Encontraram-se junto ao

centro de recursos do bairro e apanharam um casulo juntas. Foram por estrada, mas junto à praia era só terra batida. Nessas paisagens sensíveis, a intervenção humana era assumidamente mínima. Saíram do casulo, batendo-lhes de imediato um cheiro a fresco e a arbustos silvestres. Desde pequenas que conheciam aquele cheiro. Um cruzamento de maresia, pinhal e arbustos cobertos de orvalho. O casulo iniciou o caminho de volta assim que fecharam a porta. Mais tarde haveriam de chamar outro. Ouviam os passos uma da outra, no meio do breu quase total. S ligou a lanterna da sua chapa, seguido do módulo de projeção holográfica. Assim iriam conseguir visualizar, no campo espacial próximo da chapa, o sítio da festa. Teriam andado uns dez minutos, enquanto seguiam as luzes fantasmagóricas do projetor da chapa. A última imagem da cara de P pairava sobre o pensamento de L. O silêncio e a escuridão tornavam-na mais nítida.

Não havia propriamente um tema, um motivo particular para a festa se realizar. Era apenas um amontado de pessoas a celebrar o facto de estarem vivas e de poderem ser felizes. Havia fogo, guitarras, alguém cantava. As máquinas, se as houvesse, estavam guardadas. Alguns sentiam que era um momento para experimentar a água, apesar do frio. Foi o caso de L. Estava a precisar de enxaguar aquela imagem de P da sua mente. Gritou ao tocar na água, embora soubesse que estava fria. Também gritou com o orgasmo, entre as dunas, abraçada a um homem a quem não perguntou o nome, mas que lhe proporcionou o que desejava nesse momento. Intimidade física sem compromisso. Foram carinhosos, mas ambos sabiam que seria só durante essa noite. Foi encontrar S junto à fogueira, agora reduzida a brasas, mas ainda a debitar luz suficiente para se distinguirem as várias faces. Ela estava com alguém que também conhecia, um homem que talvez se pudesse chamar seu amante. Estavam abraçados e sussurravam ao ouvido um do outro. L sentou-se junto às brasas, esperando pelo momento certo para chamar à atenção da amiga. Queria voltar para casa. Assolava-a uma sonolência carregada de melancolia. Acabou por adormecer enroscada no casaco, até S a acordar uns minutos mais tarde.

- Vamos para casa, linda – S confortava-a com festas na testa e na nuca.

Caminharam de volta em silêncio, de mão dada, de regresso ao mesmo ponto onde o casulo as depositara e onde novamente as aguardava. Nessa noite sem luar as estrelas brilhavam a dobrar, sobre uma terra a inspirar as primeiras horas da manhã. Essas estrelas indiferentes aos sabores e dissabores das formigas que deambulam sobre a sua superfície.

[Hoje é o dia de ir à reunião. Se não for agora, já não vou]. Come os cereais devagar, aproveitando o pequeno-almoço para despertar e rever mentalmente o dia que tinha pela frente.

- L...hoje é o dia da reunião do centro local. Só para saberes – Budgie quebra o silêncio na cozinha. Desde vez não o manda calar-se.

- Pois...é isso. Era mesmo isso em que estava a pensar. Tu comesças a tornar-te perito nessa coisa de ler pensamentos – levanta-se e põe o prato na máquina de lavar.

- Oh, já sabes como é...só não abri ainda um consultório de psicologia porque não sei se os pacientes me iriam reconhecer como o terapeuta.

- Mas pelo menos irias conseguir entretê-los com muitas e boas piadas da tua autoria.

- Sim, é um trabalho difícil...mas alguém tem de o fazer - L já não ouve a última parte da frase, embrulhada nas rastas, que lavava cuidadosamente. Budgie espera que ela acabe e saia da casa-de-banho, agora com uma enorme toalha à volta da cabeça - Por falar em trabalho: o P?

Ela seca o cabelo, lentamente, sentindo a melancolia a regressar-lhe ao olhar. [Mas porquê a tristeza, rapariga? Não querias liberdade?]

- O P anda fora, Budge...foi para a camarata dos rapazes.

- Fartou-se das mulheres? Como eu o compreendo...

- Diz que foi para lá para pensar.

- Um homem a pensar? Isso é estranho...

- Não sejas assim, Budge.

- Mas achas que está a resultar?

- Não faço ideia... - despachava-se agora, mais energética, para sair de casa – mas se calhar eu deveria fazer o mesmo.

Chamavam-lhe centro local de recursos. Ficava a uns quinze minutos de bicicleta de sua casa. Quando chegou, centenas de bicicletas orlavam o edifício. Havia também uma forte circulação de casulos, a chegar e a partir, num aparente caos dinâmico de pessoas e veículos que só a inteligência artificial em rede poderia gerir sem acidentes. Perguntou a um par de homens que conversavam à entrada, quantas pessoas eram esperadas na reunião. Duas mil foi a resposta, talvez um pouco mais. Consultou a chapa para saber quantas pessoas viviam na localidade, ou melhor, quantas eram efetivamente servidas por aquele centro de recursos. Pouco mais de dez mil. Vinte por cento, portanto, apareciam presencialmente uma vez em cada trimestre, para tomar decisões relativamente ao que fazer aos recursos produzidos e geridos localmente. Não lhe parecia muito, tendo em conta que a democracia representativa tinha deixado de ser um sistema de organização social há mais de cinquenta anos. É claro que sabia, e cumpria esse dever escrupulosamente, que a votação também se podia fazer na rede. Percebia, no entanto, que ainda estavam longe da participação plena neste tipo de decisões comuns. Essas decisões não eram prescritivas, como antigamente se tinha tentado, e tão vergonhosamente falhado. Eram qualitativas e orientadoras por natureza; decisões que apenas poderiam ser tomadas por pessoas, e não por máquinas. Lembrava-se de alguns exemplos recentes. Tinha sido necessário realizar obras de manutenção nas ruas e nos esgotos. Estava em causa se a localidade pretendia reunir uma equipa para tratar do assunto, ou se simplesmente iria colocar essa necessidade na rede e esperar que outros assumissem o trabalho. Outra vez tinha-se identificado a possibilidade de gerar mais energia renovável localmente, nesse caso através de um melhor aproveitamento das coberturas para colocação de painéis solares. A questão colocada era se interessava à localidade a instalação de uma pequena unidade produtora e instaladora de painéis, para esse fim. Se sim, a ideia era reunir as pessoas e os recursos necessários à montagem da pequena unidade industrial. Assim votaram, e assim fizeram. Agora já havia produção de painéis para a localidade e seus vizinhos. A satisfação de outras necessidades, privadas por natureza, como por exemplo mudar os móveis da cozinha, ou a quantidade de laranjas a ter na pastelaria, era realizada em grande medida num regime de autogestão. As pessoas sabiam que podiam ir a qualquer sítio e consumir o que lá houvesse, um sumo de laranja ou uma camisola de malha, porque também sabiam que iam fazer o que estivesse ao seu alcance para satisfazer as necessidades de outras pessoas, dentro daquilo que

sabiam fazer. Havia confiança suficiente para isso. No entanto, era preciso ter noção de quantas laranjas pedir para ter diariamente na pastelaria, ou quantos pneus de borracha reciclada ter em stock na oficina local de casulos. Mas para isso havia a rede, na qual estavam armazenados e eram constantemente atualizados todos os dados respeitantes às necessidades descentralizadas, para cada ponto de consumo. Queria isso dizer que, em cada ponto eram conhecidos os consumos de todos os produtos, quer fossem laranjas ou painéis solares ou pneus. Por ponto, por localidade, por região, no mundo. Cada um só tinha, portanto, de adaptar a sua produção em conformidade, respeitando sempre os parâmetros de sustentabilidade ambiental, também permanentemente atualizados em tempo real. Seriam estes que, na prática, iriam limitar a produção. Se determinado centro produtor atingisse o limite de qualquer um desses parâmetros, punha imediatamente a decisão sobre o que fazer aos centros locais da sua área de influência. Por exemplo aproveitar a folga ambiental de localidades vizinhas, mantendo o equilíbrio ambiental global, limitar a procura ou construir centros produtores noutras localidades, respeitando os seus limites de sustentabilidade. A maior parte das pessoas sabia, intuitivamente, que este sistema, em grande medida auto-organizado, colapsaria se estas se recusassem a contribuir. Se as pessoas, habitando ou não a localidade, não quisessem realizar a manutenção dos esgotos, auxiliadas ou não por robots, iriam eventualmente experienciar problemas com cheiros, derrames ou entupimentos. Ou se ninguém cuidasse dos pomares, teriam de passar sem sumo de laranja. Nada mais, a não ser o espírito comunitário e a vontade inata de cada um para contribuir, mantinha o sistema a funcionar. É claro que havia diferenças, e conflitos por vezes. Mas havia tempo e geralmente vontade de chegar a decisões comuns, não necessariamente as ideais, face aos interesses de cada um. No fundo, estava subentendido que a manutenção do seu estilo de vida dependia da boa saúde da comunidade. Mesmo que apenas uma fração das mesmas aparecesse nas reuniões trimestrais.

O edifício era um prédio antigo que tinha levado uma lufada de ar fresco, depois de estar vazio e desaproveitado durante décadas. A sua recuperação fora realizada com madeira, aço e vidro, num primor construtivo na era da automação. Exibia um auditório amplo, confortável, com uma excelente acústica, da primeira à última fila. Tinha entradas de luz zenitais que filtravam a radiação exterior o suficiente para manter o interior fresco, mas

deixando entrar uma agradável luz difusa. De certa forma, fazia lembrar uma estufa num dia solarengo de Inverno: naturalmente confortável e luminoso.

Primeiro foi a algazarra, com toda a gente a entrar. Olá como estás, não vieste na última reunião, ou vieste? Sentar, trocar de lugar, falatório ao longo das filas, nitidamente havia um travo a festa no início da reunião. Afinal, o ser humano adora congregações, adora festejar. L sentou-se numa das pontas, a uma distância confortável da fila da frente. Numa panorâmica à sala, reconheceu três ou quatro caras, mas ninguém do seu círculo mais íntimo. Houve alguma conversa introdutória, essencialmente sobre a implementação das decisões tomadas na última reunião. Uma era sobre a densificação do corredor ecológico do qual aquela zona da cidade fazia parte. A localidade orgulhava-se do seu contributo para o ecossistema e do seu estatuto de zona urbana eco-híbrida. Outro assunto tinha sido o dos cinemas. Finalmente tinham começado as obras de modernização. Passados mais de duzentos anos desde a invenção do cinema, sonhar acordado à frente de uma tela ou de um holo-teatro continuava a constituir uma fonte de prazer para muita gente. Em seguida vieram as propostas. Um senhor alto e espadaúdo veio apresentar uma ideia de implementar uma rede de recolha de águas das chuvas naquela zona da cidade. Argumentava em tom monocórdico que, devido às alterações climáticas, o nível de precipitação tinha descido acentuadamente na região. Tinha-se feito muito em ganhos de eficiência na rega, em reduções das necessidades de água nos edifícios, mas podia, e devia reduzir-se a dependência em relação à albufeira, captando mais água localmente. Indicou que os pormenores técnicos estavam todos nas pastas da reunião e na rede, e que esperava uma votação favorável. A reação não foi muito entusiástica, mas isso parecia estar mais relacionado com os fracos dotes de orador do apresentador, que com o conteúdo da proposta. Na parte das perguntas aos proponentes, L levantou o braço para perguntar o que é o projeto iria implicar em termos de trabalho e tempo para a localidade. A resposta foi um ano, cinquenta pessoas, cem construbots, e abertura e fecho de valas nas ruas durante esse período. Pois, nada de envergadura se faz sem um grande esforço. L tinha noção disso e, portanto, votou favoravelmente. A decisão, no entanto, acabou por ser adiada para a reunião seguinte, por excesso de votos neutros. Implicitamente, as pessoas estavam a dizer que precisavam de perceber melhor as implicações. Mais para o final da sessão de propostas, apareceram duas que interessaram particularmente a L, já que tinham a ver com

exploração espacial. Uma pretendia colocar uma antena emissora-recetora na localidade. Apresentou a ideia uma senhora baixinha, enérgica e com uns óculos enormes, defendendo que a localidade era a ideal para a colocação da antena na cidade. Teria uma altura de cento e vinte metros e ver-se-ia ao longe como um grande prego enferrujado com o bico para cima. A senhora mostrou algumas imagens de síntese da antena implantada no terreno. De facto, não passava despercebida. Mas L gostou do efeito, provavelmente pela visão artística com que olhava para as coisas. A antena fazia parte de um sistema global com qual se pretendia estabelecer comunicação com espécies inteligentes extraterrestres. Foi aí que muitos sobrolhos se levantaram. Há décadas que se tentavam encontrar mensagens de outras civilizações, alegadamente tão ou mais inteligentes que a humana. E também se tentara comunicar, intencionalmente, embora de forma muito mais localizada e esparsa. Tinha havido notícias de alguns sinais promissores vindos de fontes extraterrenas, mas nunca concludentes e, em particular, sem que se pudesse claramente dizer que se tratava de uma mensagem. Por detrás dos óculos arredondados, a mulher tentou puxar a plateia para si, comunicando que a ideia agora era dar um passo verdadeiramente corajoso no sentido de comunicar com fontes extraterrestres, fazendo uso do planeta inteiro para tal. Fez notar ainda que esta e milhares de outras antenas semelhantes constituiriam uma rede global de focos recetores e emissores que, uma vez em funcionamento, atuariam como um único sistema. Electromagneticamente falando, criariam uma película sensível à entrada de radiação exterior sobre a Terra, qualquer que fosse, como um gigantesco tímpano a vibrar na presença de radiação cósmica. Em situações particulares também poderia ser utilizado para emitir mensagens, utilizando o poder e a assinatura das ondas cerebrais de todos os seres humanos. Sim, era ambicioso. Mas depois de décadas de tentativas e falhanços, havia finalmente condições técnicas para montar o sistema e transformar a Terra num planeta comunicante. Divertida, L ouviu a senhora. Não contava que a ideia ganhasse muitos adeptos, pelo que ficou surpreendida com o resultado favorável. As pessoas, aparentemente, não se importavam de comunicar com extraterrestres, desde que não as obrigassem a grandes alterações no seu estilo de vida. Finalmente, veio a proposta da contribuição da localidade para o esforço da viagem interestelar. Pelo tom de apresentação, realizada por um rapaz muito novo - um miúdo - a questão parecia ser recorrente nas reuniões. A localidade tinha um centro produtor de componentes eletrónicos, que,

atualmente, eram utilizados na frota de casulos e nos bots usados naquela parte da cidade. A ideia era desviar parte dessa capacidade produtiva para a conceção e fabricação de componentes para a futura nave interestelar, a construir em Marte. Isso poderia ser feito ampliando o centro, para garantir a produção extra sem cortar nas necessidades internas. Ou satisfazendo quinze por cento dos consumos, através de outros centros produtores, garantindo assim a fabricação dos componentes para a nave interestelar. O rapaz, genial e com evidentes dotes de orador, apresentou soluções práticas de como a localidade se poderia organizar para produzir estes componentes, garantindo que, mesmo dessa forma, não faltaria nada às pessoas da zona ali representada. Claro que todo o apoio seria disponibilizado pelo centro regional de operações espaciais, por sua vez em ligação direta com a rede terrestre de exploração espacial. Justificou, perante uma plateia em silêncio sepulcral, que todo o esforço envolvido seria em nome do desejo intemporal de conhecer o cosmos. Tinham sido décadas de estudo, experimentação e concretização de missões espaciais, que nos aproximavam cada vez mais do objetivo de levar seres humanos até à superfície de outros planetas habitáveis. E que seria, também, uma oportunidade única de explorar responsabilmente recursos em Marte, já que a produção de naves interestelares era particularmente morosa e exigente na quantidade e qualidade dos materiais aplicados. Apelou ao sentido de visão de todos os presentes. Em todo o caso, os pormenores técnicos poderiam ser consultados nas pastas da reunião e na rede. Terminou garantindo que ele e os seus colegas estariam à disposição para esclarecer todas as questões e dúvidas. Sorriu ao longo de toda a apresentação, estando nitidamente no seu elemento. Passando-se à fase da intervenção das pessoas, L não hesitou e levantou o braço. Foi a terceira pessoa a falar. Da primeira não se recordava, pois ainda estava a tentar lidar com os nervos e a excitação de ter tomado a iniciativa de saltar para a frente e dirigir-se aquela gente toda. Dessa intervenção só percebera que era contra as viagens espaciais. Da segunda, já mais recomposta, ficou-lhe no ouvido a parte final.

- ...pois, porque, malogrados os sonhos e conquistas de gerações de “gentes do espaço”, é a geração atual que está a sofrer as consequências! Estas sucessivas viagens a Marte, os acidentes e as mortes associadas...depois, esta loucura que representa a viagem interestelar. É metade de uma vida para chegar a algum sítio com interesse, e depois a incerteza total, sem possibilidade de voltar para trás nem pedir ajuda à Terra. Face à

completa falta de garantias, é totalmente irracional estar a contribuir com preciosos recursos locais para esta ventura, cujo falhanço é quase certo. Só morte, destruição e exílio esperam pela “gente do espaço”, caso insistam por esta via absurda de trocar o certo e abundante planeta Terra pelo incerto e perigoso espaço exterior!

A exposição mereceu alguns aplausos e assobios, embora a maior parte se tenha mantido em silêncio. Sentia-se a tensão na sala. Enquanto o homem de barba e cabelo grisalho, envergando umas possantes botas de caminhada e uns calções de trabalho, se afastava do púlpito, L desceu pela ala lateral para chegar ao palco. Nunca tinha falado em público para tanta gente. Aliás, só num par de ocasiões tinha tido necessidade de o fazer, e para uma dízima das pessoas agora presentes. Sentiu um aperto no estômago, mas seguiu em frente. Deixara a chapa no seu lugar, onde Budgie já tinha escrito a mensagem “Só tens direito a partir uma perna. E mesmo assim, só metaforicamente”. A mulher sentada na mesa do palco fez-lhe sinal para entrar, com três dedos levantados. Pensou que era por ser a terceira pessoa a falar, mas o rapaz que a encaminhou para o microfone esclareceu que tinha três minutos, e desejou-lhe boa sorte. Chegou à tribuna. A plateia era uma parede de gente, expectante, num silêncio absoluto. Ouvia-se o ligeiríssimo zunido do ar condicionado. Pensou que lhe ia faltar a voz, mas foi aí, então precisamente, que lhe veio à superfície uma erupção de força.

- Olá a todos. Sou L, e de momento estou a fazer algo que não é habitual em mim. Estou vulnerável. Mas digamos que a minha convicção me forneceu a coragem suficiente para me apresentar aqui perante todos. Lembro as palavras de um velho filósofo, que se calhar alguns conhecem: “o ser humano não foi feito para trabalhar; foi feito para criar”. O que tenho aprendido ao longo da minha vida é que, estritamente falando, não há criação sem trabalho, mas acho que percebi o que o filósofo queria dizer. Ele quis dizer-nos que não fomos feitos para andar a perder tempo em trabalhos que nada nos dizem, que não nos satisfazem. Quem diz criar diz explorar, diz viajar, diz chegar mais longe. Conhecer. Não vou contrariar os argumentos apresentados pelos outros oradores. Porque na maior parte são verdadeiros, logo incontestáveis. Os riscos existem. Os acidentes aconteceram, e vão voltar a acontecer. Não há nenhum processo de descoberta que não venha com os seus perigos, com os seus desafios. A história da humanidade está repleta disso, mas nunca foi tão relevante como agora – Pausou por um instante, fazendo percorrer o olhar pela plateia -

Porque estamos a arriscar mais do que nunca, o que faz sentido se a ideia é de facto chegar mais longe. Do que investiguei sobre informações do domínio público, existem hoje as ferramentas que tornam possível a viagem interestelar. Portanto, é possível, com a tecnologia atual, alcançar planetas habitáveis noutros sistemas estelares na nossa vizinhança cósmica imediata, no tempo de uma vida. Enquanto falo está a montar-se, apesar de todos os contratemplos e acidentes, uma plataforma de construção de reatores de fusão nuclear em Marte. O facto de ser aí – pelo canto do olho vê a mulher da mesa a espetar o dedo indicador, símbolo do seu último minuto – tem a ver com a baixa gravidade, a fraca atmosfera e a maior proximidade a Júpiter, o que será útil para alguma rota que possa tirar partido da sua enorme força gravitacional. Não pretendo convencer-vos. Pretendo mostrar-vos que a humanidade é grande demais para um único planeta, mesmo que este seja a sua única e preciosa casa. Que a vida humana noutros planetas não é só uma coisa para “a gente do espaço”. É algo que tem de envolver todos. Porque cada pessoa que pisar solo extraterrestre estará em representação da humanidade, não meramente de si própria – Entretanto a mulher já lhe tinha feito sinal para terminar – Obrigado pela vossa atenção.

Seguiu-se um momento de silêncio. Talvez este pudesse ser uma medida do impacto do seu discurso. Já descia as escadas na extremidade do palco quando se fez ouvir a primeira palma. O efeito de contágio foi rápido e, numa acessão imediata poderia dizer-se que mais de metade da sala gostara do que ouvira. Ainda se ouviam aplausos, quando voltou a sentar-se no seu lugar. Os seus vizinhos de plateia sorriam e acenavam afirmativamente com a cabeça. Respirou fundo. Reparou que tinha as mãos transpiradas e uma sede gigante. Mas aguentou a ida à casa de banho por mais duas apresentações. Uma tinha a ver com a participação no festival multimédia anual. Não era coisa pouca. Em todo o caso, pela reação das pessoas, não parecia haver dúvidas de que havia interesse. Cultura, diversão, sexo e arte. Intemporais desejos humanos. A última fora acerca de aspetos procedimentais, com certeza muito importantes, mas por essa altura L já tinha desligado, a aguentar o chichi e na expectativa de saber o resultado das votações. A mesa não mostrou grande espanto pelo resultado relativamente à contribuição da localidade para a exploração espacial: um chumbo, com apenas 22% de votos favoráveis, 57% desfavoráveis e os restantes neutros. L percebia o resultado intelectualmente, mas emocionalmente não se

conformava. [Onde está o medo? Não percebo onde está o medo...não temos nada a perder]. Enquanto se debatia com as suas emoções, a mesa prosseguia com a finalização da reunião. [“O ser humano não foi feito para trabalhar, foi feito para criar”...Isto não faz sentido]. Percebeu que tinha acabado quando as pessoas se começaram a levantar. Estremeceu ligeiramente, como que a despertar de um sonho, e arrumou as suas coisas. Alguém lhe passou a mão pelo ombro, ao sair. Nem deu conta. Ao pegar na chapa ainda leu a mensagem de Budgie. “E tu não foste feita para desistir ☺”. Saiu do edifício sem saber bem o que fazer. Não estava arrependida de ter vindo, mas a resposta das pessoas tinha sido clara. A exploração espacial era perigosa, repleta de incertezas e demasiado grande para o imaginário de muita gente. Descia as escadas principais, com o olhar desfocado vagueando pelo espaço, quando reparou num homem parado à sua frente. Reparando melhor nele, viu alguém bem vestido, acetinado e sorrindo como se a conhecesse.

- L...gostei muito de te ouvir – sem formalidades, foi direito ao assunto – Sou C. Faço parte do grupo executivo para a comunicação da rede terrestre de exploração espacial – Esticou o braço e ficou ali de mão estendida, pacientemente, à espera que L se decidisse a apertá-la. Não desconfiava do homem, simplesmente tinha sido apanhada de surpresa. Apertou-lhe a mão, num gesto automático. C continuou.

- Como moro nesta localidade, naturalmente que venho às reuniões do centro local – afastou os cabelos grisalhos da testa – e não posso dizer que alguma coisa me tenha surpreendido. A questão espacial é interessante para as pessoas, e atrai pelo seu alcance, mas a maior parte não se compromete.

L olhava e ouvia-o com atenção. Estava a começar a ficar com fome, mas isso poderia ainda esperar um pouco. C falava com descontração, e não parecia estar com pressa.

- Temos realizado centenas de intervenções em eventos deste tipo nos últimos anos, por todo o mundo. Mas admito que o resultado não tem sido muito animador. Tenho constatado nestes anos de envolvimento, que as pessoas ainda estão muito enamoradas pela Terra – fez um gesto convidativo a L, no sentido do o seguir por um passeio ao longo da rua, à sombra das árvores. Algumas rolas esvoaçavam por cima das suas cabeças – Não

acho que isso seja mau, note-se. Mas tem de haver algum desprendimento, em particular se o objetivo for contemplar seriamente a viagem para lugares longínquos.

Pararam por uns instantes junto do sinal, esperando a passagem das bicicletas. Algumas transportavam mercearias, outras crianças pequenas.

- O esforço da secção de comunicação tem sido, particularmente, o da apresentação presencial, para ajudar a gerar empatia. Mas também temos muito material em vídeo. E até algum em formato holográfico.

O sinal muda para verde, mas, em vez de atravessar, C vira-se para L. Os olhos desta reduzidos a frinchas, limitando a entrada de luz, agora caindo a pique ao meio-dia.

- Precisamos de ajuda, L. Estou a tentar expandir a equipa, para ir a mais sítios, mais vezes, bem como para tornar mais visível a nossa presença na rede.

- E quer que eu o ajude...

- Sim. Mas isto não é só para mim. É para ti, é para nós. Nós todos.

As bicicletas iam passando. As pessoas iam ocupando as esplanadas, atraídas pelo cheiro a comida fresca. L e C não saíam do lugar. L cruzou os braços com um ar pensativo. A mochila preta aquecia-lhe as costas.

- E como é que sabe se eu irei ser capaz de apresentar isto às pessoas de forma convincente?

- Não sei. Em todo o caso, e como tu própria disseste, não se trata de convencer, mas de mostrar. Quanto mais e melhor mostrarmos, mais pessoas irão alinhar com a ideia.

L agarra as rastas e prepara um grande nó atrás da nuca, para refrescar um pouco o pescoço. Procura ganhar algum tempo. [Mas ele quer que responda já?]. Dá-lhe a sensação de que ele espera uma resposta sua há imenso tempo, o que a incomoda. No entanto, ele não parece perturbado, ou impaciente. Aproveita até para consultar a sua chapa, debitando um par de instruções para esta. Quando se prepara para falar novamente, ela antecipa-se.

- Agradeço-lhe, a sério. A proposta que parece estar a fazer-me é interessante, é importante, é se calhar mesmo o que eu estou a precisar neste momento – desvia o olhar, assaltada por recordações dolorosas recentes. Ele não a interrompe, embora note que a sua

voz treme ligeiramente – mas não consigo decidir agora. Apanhou-me numa altura não muito fácil da minha vida, e eu preciso...

As mãos dele levantaram-se num gesto de quem não quer incomodar.

- Não há problema nenhum. Claro que sim, eu...

- Eu preciso de pensar – a face de L contrai-se e endurece, momentaneamente, como se assumisse a culpa pelo desenrolar da conversa.

- Certo. Nem eu tinha qualquer intenção de te pressionar para obter uma resposta imediata – volta a pegar na chapa – Quero deixar-te os meus contactos, para podermos falar quando decidires.

L não responde, mas retribui com a retirada da sua chapa, aproximando-a da de C. Após o som característico da conexão, ambos guardam as chapas. C volta a estender-lhe a mão. Continuam a passar as bicicletas. L aperta-lha, deixando escapar um breve, quase impercetível sorriso. C despede-se, cordialmente, e atravessa a faixa das bicicletas, com o sinal verde.

Sonho de L

[P, onde estás? Vejo gente, vejo outros homens, mas não te vejo. Olho em volta, um mar de pessoas. Claustrofobia. De repente somos crianças e eu vejo-te. Um rapaz...um rapazito? Como te chamas? P? Gosto desse nome. Vamos brincar? Tudo se passa tão rápido. Tu crescestes, eu também. Como foi a nossa primeira vez? Foi no atelier. Naquela sala escura. Mágica, de certa maneira. Debaixo do único foco aceso. Viajo, sem movimento, pelas avenidas da memória. Olha, somos nós a correr pela praia. Nus. Enrolados na areia. Mergulhados no mar. Olhamos para cima e as gaivotas guincham lá do alto. Há peixe para apanhar. Ouço os avisos da minha mãe. L, há coisas no mundo que não podes controlar. E quem te disse que eu quero controlar as coisas, mãe? Custa-te a aceitar as pessoas como elas são. Custa-te...Oh mãe, cala-te! As vossas caras sobrepõem-se, agora ouço-te a falares comigo. L, e se vivêssemos juntos? Lembras-te, P, quando me perguntaste? Parecia tão...antiquado. E tu dizias: eu só quero ser feliz contigo, L. L, eu só quero ser feliz contigo. Feliz contigo. Contigo. Vejo-nos em casa, a discutir. Como podes

desconsiderar-me dessa maneira?! Estavas zangado, P. Estavas à beira das lágrimas. Vejo-te a roer os dedos, freneticamente. Vejo-te no laboratório. Na oficina. Naquele hall enorme dos reatores, sempre a funcionar. Vocês a falarem à volta dos ecrãs, concentrados. A pensar, a resolver. Imagens que guardo, de uma dedicação intemporal. Saio de casa, olhando para os meus próprios passos. Calçada, areia, terra, água. Procuro-te. Vou perguntando às pessoas à minha volta. Todos abanam a cabeça. Ninguém sabe onde estás. Onde estás? Estás? Onde? Sinto-me levitar. Os meus pés levantam-se do chão. Realizo um voo através das nuvens, para além da atmosfera. Vejo estrelas. Olho para trás, a Terra vai ficando cada vez mais pequena. Cada vez mais pequena. Olho para a frente e vejo Marte, o planeta vermelho. Deserto. Uma esfera tão grande, mas, aparentemente, tão pequeno. Se esticar os braços, consigo abraçá-lo. Sei que estás lá. Arriskas tudo para lá estares. Os meus cabelos não abanam, embora me desloque a uma velocidade incrível pelo espaço, entre os planetas. Aproximo-me da superfície, e assim que pouso, sigo os teus passos sobre o solo, cor de ferrugem. Apareces ao fundo, a olhar para cima para a nave. O esqueleto de uma nave em órbita baixa. A tua mão agarra o manípulo de entrada no vaivém. A maravilha dá lugar ao medo. Porque razão estou eu com medo, P? Lá dentro, tiras o fato. Há sorrisos e abraços. Os teus colegas de sempre. Os teus pares. Numa missão épica. O medo dá lugar ao pânico. Não se sentem, o que estão a fazer?! Olho freneticamente à volta, falo, grito, ninguém me ouve. Passo à frente de cada um, ninguém me vê. De repente, uma bola branca. Tudo branco. Aos poucos desvanece-se a leitada. Vejo um monte de destroços, isolados numa paisagem desolada. Tudo carbonizado. Estruturas de aço distorcido e estendido pelo calor extremo. Olho de muito perto para o chão da cabine. Cabos desfeitos. Restos indiscerníveis. Nas cadeiras ainda os corpos. Na lapela ainda visível o teu nome. Uma caveira retorcida, a gritar descarnada. P? És tu, P? P?? P????]

Capítulo IV

Passaram-se semanas. L levantava-se, deitava-se. Não sabia exatamente o que fazer. Não lhe apetecia ir para o atelier, apesar da crescente lista de pedidos. Também não se sentia preparada para ir enfrentar multidões, na peregrinação pela exploração espacial, enquanto membro da equipa de C. Confinava-se a um orgulhoso silêncio relativamente a P, evitando também a mãe, o pai e os conselhos de amigos. Foi com S a vários encontros e reuniões, sabia ser fácil a obtenção de sexo e prazer, sem grande apego. Naquele momento só X lhe trazia um pouco daquela maravilhosa mistura de volúpia e amizade. Mas mesmo a ele terá confessado que se sentia a esvaziar por dentro. Acabou sendo de S a iniciativa de ir mais fundo, na tentativa de a resgatar. Num dia de Verão, na praia onde costumavam ir, no lugar e no momento que sentiu ser o certo para abordar L. Já a conhecia o suficiente para saber que havia lugares escuros nela, onde moravam sentimentos violentos, obscuras raivas e destrutivas tendências. Era fim de tarde, e estava quente. Tinham passado o dia na praia, desfrutando do sol com a sua nudez. A comer, a mergulhar, a conversar com outros amigos. Saíram da água e sentaram-se à beira-mar. L gozava de um bom momento de pausa na melancolia que a acompanhara nas últimas semanas.

- Gosto mesmo de estar aqui a enterrar os pés na areia – S olhou para as canelas, repentinamente reduzidas a coutos afundadas na areia molhada, vendo também a sombra do seu totó gigante em redor das pernas. L rodou a cabeça, a ver padrões de luz com os olhos fechados, de cara virada para o Sol – Gostava que pudéssemos estar assim para sempre.

- S, se vais dizer alguma coisa, diz logo. Desembucha – L falava calmamente, sem abrir os olhos.

- Como estás, L? No fundo acho que o que quero saber é isso. Como estás, como está a tua vida, para onde estás a ir? – fez emergir os pés das areias movediças em miniatura, criadas à volta dos seus tornozelos – Estou contigo, mas confesso já não saber bem com quem estou.

- Como é que eu estou... - sorriu para a amiga – suponho que não estás a falar de como me sinto agora, nesta praia maravilhosa – abre os olhos, acompanhando a silhueta de um surfista na crista da onda – Sem merdas, certo?

- Sem merdas – anuiu S, de olhar sério posto em L.

- Resumindo, então. Já não estou com P há meses. Discutimos, e ele saiu de casa. Não ponho os pés no atelier desde a exposição. Ando a evitar a minha mãe. Devo uma resposta a um convite de trabalho naquela coisa da exploração espacial, e parece que também aí não me consigo decidir – deixou a cabeça tombar para a frente, contemplando os buraquinhos na areia, que ficam depois do ar sair e da água escoar – As coisas não andam brilhantes, portanto.

- O que é que discutiram?

- Quem?

- Tu e o P.

- Oh, ele acha que não o respeito, e que nunca peço desculpa.

- L...tu nunca pedes desculpa.

- Quê, também tu??

S limitou-se a olhar para ela, na paciência que só os verdadeiros amigos mostram ter.

- Parece que eu ser eu não chega...tenho de andar sempre a pedir desculpa aos outros – o silêncio de S convidava L a continuar – O que seria preferível? Que eu andasse constantemente a fingir para agradar aos outros? Ou ser eu própria? Não percebo exatamente o que esperam de mim...

Calaram-se as duas por um instante. [É isso: o que é que todos esperam de mim? E isso importa?] Outras pessoas passavam por elas de vez em quando, alheadas da sua conversa e preocupações. Alguns drones de brincar sobrevoavam a beira-mar.

- Tu podes ser tu própria e ainda assim não perceberes que há coisas que fazes que magoam outras pessoas – soltou o totó sobre a cabeça, desprendendo a farta carapinha.

- Não tenho intenção de magoar os outros.

- Isso não quer dizer que não possa acontecer.

- Alguma vez te magoei?

- Oh, L...eu tenho casca grossa – encarou a amiga com um sorriso – Mas é como te digo: as pessoas são diferentes, e o que não magoa um, pode muito bem magoar outro.

O Sol começava a aproximar-se da ilusória linha do horizonte. Lentamente, tudo ia refletindo tons alaranjados. Também a brisa já refrescava para além do conforto.

- Sabes, não tenho pachorra para andar sempre a modular a minha atitude, em função da sensibilidade dos outros...isso é extenuante.

- A questão é se estás disposta a acartar com as consequências disso. A distância em relação a P, a tua mãe, outras pessoas eventualmente...

- É por isso que, às vezes, só quero é estar sozinha. Mandar tudo para o galheiro – contemplava as ondas com um olhar desfocado – Não entendo como é que eu, sendo eu própria, não sou aceite. Às vezes fico possessa.

S voltou-se para L, agora surpreendida.

- O quê, que conversa é essa? Quem disse que não eras aceite?... Eu só disse que podias magoar os outros, mesmo sem querer.

L sentia a raiva, sub-repticiamente, a ascender das profundezas.

- A sério, S, às vezes só me apetece partir tudo. Nem sei como é que ainda não o fiz.

- Pois eu digo-te – S reconforta a amiga, pondo o braço à volta do seu ombro – Não o fizeste porque há amor em ti. Muito mais do que medo.

L não responde. [Se tenho amor, porque não o sinto neste momento?] Levanta-se. O corpo está tenso, com os punhos cerrados. Olha de frente para o Sol, sobre a linha do horizonte. Crava os dedos dos pés, hirtos, na areia. Sente a pressão das lágrimas por detrás do rosto férreo. Fecha os olhos com força, no esforço para não chorar, ficando a ver a mancha luminosa impressa na retina pelo Sol alaranjado. S espera pacientemente, sentada, tremendo num arrepio de frio. Olha também para a amiga, reparando na sua pele de galinha nas coxas e nos antebraços. Os minutos escoam-se, silenciosamente, à medida que o Sol desliza para além da linha do horizonte. É altura de ir andando. Toca suavemente em L. Deixa a sua mão sobre a dela, enquanto a sente a afrouxar o aperto, a abrir ligeiramente e, finalmente, facilitar o encaixe das duas mãos. L abre os olhos, vê a mão da amiga a acariciar a sua e sente uma onda de calma a atravessar-lhe o corpo.

- Vamos?

L vira a cabeça para S, enquanto o seu coração volta ao ritmo normal. Aperta-lhe então a mão, ajudando-a a levantar-se. A praia está quase deserta. Mais longe está um vasto bando de gaivotas, aguardando solenemente pela noite. As suas cabeças inexpressivas erguem-se estáticas, atentas a qualquer coisa que perturbe a paz do grupo. L e S vestem-se em silêncio, sob o gradiente colorido do céu a escurecer. [Há muito amor em mim. Sem medos...e sem merdas.]

Passou os dias seguintes no atelier. A conversa com S dera-lhe um novo alento para criar, embora continuasse a ignorar ou a rejeitar os pedidos específicos para expor ou entrar em parcerias criativas. Entretinha a ideia de conceber uma viagem pelo Universo, sem sair da sala. Usando a experiência que tinha adquirido com o trabalho dos hologramas complexos, por que não levar a técnica holográfica aos recantos mais obscuros do Universo conhecido, transportando a pessoa sem a mover? [Travelling...without moving]. Lembrava-se de filmes de ficção científica que vira, às vezes de seguida, nos arquivos da Rede. Estórias loucas, geniais, algumas com mais de um século. Rasgos de imaginação que projetavam as alegrias, esperanças e medos da época, na direção de um futuro impenetrável. Entrou num modo de trabalho quase ininterrupto, como sempre fazia quando se entusiasmava por alguma coisa. Inconscientemente, era também uma forma de não encarar outras questões essenciais. Desligava a chapa a todas as comunicações durante a maior parte do dia, funcionando só com o Budgie e o acesso à Rede. Afinal, para proporcionar qualquer coisa como uma viagem pelo Universo conhecido, precisava de uma quantidade monumental de dados. E de poucas ou nenhuma distrações. As necessidades da vida adaptavam-se aos horários de trabalho. Comer, dormir, fazer amor, eram funções ocasionais. Isto apesar das recomendações de Budgie, que lhe apresentava as estatísticas e as projeções relativas ao seu ritmo alucinante, comparando com as médias usuais características e resultantes dos dados presentes na Rede. Como de costume, L desviava-se substancialmente da normalidade ditada pelas estatísticas.

- L, estes planetas não estão mapeados. Sabemos onde estão, mas não há dados de superfície.

- Então teremos de usar dados artísticos – a sua voz ecoava pelo edifício vazio – Temos de alguma forma transformar essas imagens, artes finais planas ou tridimensionais, em mapas visitáveis num modo holográfico.

- Mas como? Isto não são mapas...são como cenários numa ópera. São apenas para olhar à distância.

- Eu sei o que são, Budge. Mas é o que temos para gerar os mapas que precisamos – L atira a cabeça para trás, fitando o teto por um instante – Uma ideia era usar os geradores caóticos da exposição, para tentar gerar os dados não presentes nestas imagens. Pôr, de certa forma, os fractais a trabalhar para nós...

- Vocês, humanos, começam a ficar bons nesta coisa de usar a inteligência...como é que não me lembrei disso? – Budge tentava puxar a boa disposição de L.

- Pois é, Budge. É só que a vossa é chamada inteligência *artificial*. A nossa inteligência, com todos os seus problemas, é chamada natural...e quer vocês computadores gostem ou não, anda por cá há muito mais tempo – Disse L com um piscar de olhos – mas apesar disso és um bom rapaz, Budge.

- Esse deverá ser um dos maiores elogios que já me fizeram. Não sei se deva comemorar, se fazer uma limpeza à minha memória...

L deu uma risada, quase tombando da cadeira. Atirou o corpo para a frente, e um dos braços atirou o teclado sem fios ao chão.

- Auch!

- Já fiz asneira – Ajeitou a cadeira, enquanto tirava as rastas da cara – Mas olha, se calhar é sinal de que tenho de ir dormir. Nesse aspeto não me afasto muito das estatísticas, pois não Budge?

- Há alturas em que as tuas horas de sono parecem uma montanha russa – Budgie enviou para o ecrã uma imagem de arquivo do Mr. Bean. Aquela em que ele adormece na montanha russa, embalado pelas curvas a vários g's.

- Budge, a esta hora já não consigo rir mais, a sério...

Arrumou as coisas, a descontrair do riso, mas de olhos turvos e gestos cansados, imprecisos. Lá fora, aspirou com prazer o ar fresco da noite. Decidiu caminhar até casa. Ajudava a embalar o espírito até chegar à cama. Antes de se deitar, reparou que tinha mensagens da mãe. Não teve pachorra para responder. Estava demasiado cansada e sem ideias. Além disso, já sabia como era: se respondesse nesse momento, a mãe iria provavelmente reparar e iniciar uma conversa, o que era a última coisa que lhe apetecia. Ainda pairou com o dedo sobre o ecrã por um instante, indecisa. Num derradeiro bocejo, desligou o aparelho.

- Apaga as luzes, por favor, Budge.

- Boas noites, cabeluda.

No dia seguinte, já manhã alta, encontra a mãe à porta do atelier. O céu estava nublado e tinha chovido. Apesar do fresco e do dia mais sombrio que o habitual, adorava aquele cheiro a terra molhada. Faz por não passar por cima das lesmas que se atravessavam no caminho das bicicletas, no parque perto do atelier. Era assim sempre que chovia. Repara como os buracos deixados pelas toupeiras, à cata de insetos e ratos em noites anteriores, se enchem de lama. Já conhece os ritmos desta cidade, que a Natureza vai retomando aos poucos.

- Estou aqui há duas horas! – grita-lhe a mãe à distância, ao vê-la aproximar-se de bicicleta. Levanta-se do banco de rua, segurando o guarda-chuva, uma daquelas relíquias feitas à mão, em estilo oriental. L não se lembra de alguma vez a ter visto com outro guarda-chuva. Traz também umas botas de cano alto e um casaco em fibra de vidro de um negro brilhante, com a gola levantada. Fica-lhe bem, realçando aquela cara de menina, somente agora com as naturais rugas dos sessenta. L encosta a bicicleta à árvore mais próxima.

- Mãe... não tenho propriamente culpa de teres aparecido sem avisar.

- E como é que querias que fizesse? Não consigo falar contigo de maneira nenhuma – chega-se à frente para dar um abraço à filha.

- Queres entrar? – Assim que se liberta do abraço, L abre a porta do atelier, de um cromado imaculado – Ou vais ficar aí fora a queixar-te?

Entram as duas. A mãe demora-se a olhar para o espaço. Negro, alto, enorme, com uma pequena luz ao fundo a iluminar a maquinaria. L aproveita para começar a ligar a aparelhagem, enquanto a mãe dá voltas à cabeça. Custa-lhe imaginar como seria ficar ali trancada, dias seguidos.

- Como é que consegues trabalhar aqui? Isto parece um bunker.

- Como se nunca cá tivesses estado, mãe. E o facto de isto parecer um bunker até tem ajudado no processo criativo. Menos distrações e mais espaço para imaginar – murmurou indicações para a chapa; era preciso que Budgie catalogasse e recolhesse o material existente acerca de cada astro, para o projeto – Mas certamente não terá sido para apreciar o meu espaço de trabalho que cá vieste, nem para tecer considerações sobre a decoração...

A mãe está a meio da sala, fracamente iluminada pelo foco de trabalho. Tira o casaco e fica com ele na mão, sem saber bem onde o pousar. Aproxima-se da zona com mais luz.

- Estou preocupada contigo, L.

- Mãe, eu estou bem, a sério... – Os olhos de L circulam pelos ecrãs, à procura de informação.

- Por exemplo, sei que não estás a viver com o P – volta a rodar a cabeça, incomodada com o facto de não ver o fundo da sala. L repara nisso e acende as luzes principais, encostadas lá em cima ao teto. Agora a sala parece um palco. Um palco despido de adereços, de cores, de música. Um espaço vazio apenas com duas atrizes, a fazer delas próprias, na representação da vida.

- Como é que soubeste disso? – O sobrolho de L assume uma posição carregada.

- Foi o P que me disse.

- Ah, então ele agora faz queixinhas à minha mãe? Estou a ver que isto está ainda pior do que eu pensava... - Levanta-se por trás dos ecrãs e aproxima-se lentamente do centro da sala. A mãe segue-a com o olhar.

- Fui eu que lhe liguei. Como não conseguia falar contigo de maneira nenhuma, decidi tentar falar com a pessoa que estava mais próxima de ti.

- E assumiste que essa pessoa era o P.

- E, não é? – olha agora para L, de frente – Estás a ver? Como é suposto não estar preocupada contigo? Nem reconheces as pessoas mais próximas, ignoras as tentativas de contacto da tua própria mãe, sei lá que mais tens andado a fazer...ou a não fazer.

- A sério, mãe. Agradeço-te muito a preocupação. Mas acho que já sou crescidinha o suficiente para lidar com os meus problemas, não achas?

- E estás a conseguir?

- A conseguir o quê?

- Lidar com os teus problemas.

- Lá vou andando, à minha maneira...

A mãe rasga um sorriso forçado, e põe os olhos no chão, em resposta ao tom evasivo.

- Olha, por exemplo. É claro que quando o P me disse que já não estava contigo, fiquei a pensar. Ele não quis falar muito, mas percebi que andavas com uma vida, por assim dizer, muito por fora.

- E isso é mau?

- Ouve, L... Eu tenho o dobro da tua idade. Talvez te esqueças disso, por vezes. Já vi, já vivi muita coisa nesta vida – acompanha L com o olhar, enquanto esta circula à sua volta – Eu olho para ti e revejo-me em certas coisas. Acredita que não terás sido só tu a sair com vários homens ao mesmo tempo.

- E como é que sabes que eu estive com vários homens? – L interrompe, em tom defensivo.

- Querida filha – assume, por sua vez, um tom maternal – eu sou mãe, a tua mãe, mas antes de tudo...sou mulher. Sei bem o que é isso do desejo.

- Vais então ensinar-me a desejar...da forma correta? – L esboça um sorriso irónico. Começa a remexer nas rastas, num reflexo nervoso. A mãe ignora.

- Não há formas corretas...ou incorretas, para o caso. Há formas conscientes, ou inconscientes. Mas podes estar descansada que quando eu tinha a tua idade também não tinha uma grande consciência das coisas – como L não diz nada, ela continua – Nós sentimos coisas, temos impulsos, e isso não é mau. Na altura, a minha mãe não concordava

com a minha forma de fazer as coisas, mas é natural que pais e filhos discordem...senão também ficava sempre tudo na mesma.

L ouvia, encostada à parede, mais curiosa do que zangada com o desenrolar da conversa.

- Como te estava a dizer, estive com vários homens. E até houve alturas, confesso-te, em que estive com vários, ao mesmo tempo. Na mesma sala. De nada me arrependo, quer acredites quer não. O problema só começou quando me apercebi que a situação causava desconforto a outras pessoas...nomeadamente ao teu pai. Não era permanente, mas a certa altura comecei a sentir que ele se distanciava. Quer dizer, ele sabia, ou eu pensava que ele sabia o que eu andava a fazer... - a mãe aproxima-se de L, ainda parada no mesmo sítio. Com passos pequenos, mas confiantes – Bom, mas para resumir uma longa estória. A coisa não era assumida, e parece-me que é exatamente o que está agora a acontecer contigo.

- Eu apenas quero viver a minha liberdade, é só isso mãe. Eu e o P não assinámos nenhum contrato – desvia-se da mão com a qual a mãe lhe tenta acariciar o pescoço.

- Eu também nunca assinei nada. Não é isso que está em causa. Mas e se o P sentir que não lhe dás o suficiente?

- Suficiente?! – L desprende-se da parede como uma mola. Começa a andar em círculos – Sempre me disseste que eu era suficiente, que merecia todo o amor que tivessem para me dar...mudaste de ideias? Afinal já não sou suficiente?

- Tu és suficiente – a mãe responde com toda a calma – aos teus próprios olhos. Chama-se a isso autoestima. E está tudo certo. O que tu fazes, em cada instante, é que pode não ser suficiente para outra pessoa – Parece lembrar-se de algo evidente – Mas olha lá, já agora, tu e o P falaram sobre isto?

- Sobre ser suficiente?

- Sobre a tua liberdade, a tua vida, os teus desejos – Olha atentamente para L, agora estática no meio da sala, com as mãos nos bolsos. Vê-a exhibir um sorriso afetado.

- Mas o que é que há para falar? Eu faço o que quero, ele faz o que quer...ou não é isso que é a liberdade?

- Só se for para ti, querida... - a mãe contrapõe com um sorriso terno – chega aqui.

Contrariada e hesitante, L tira as mãos dos bolsos, mas não avança. A sua vontade é forte, mas não é inquebrável, e o pedido da mãe ressoa em si. Afinal, o seu desentendimento não tinha sido com ela, e na verdade não sentia raiva por isso. Uma réstia de orgulho impede-a de avançar para a mãe, mas esta, percebendo-o, aproxima-se dela, cortando o silêncio da sala transformada em palco. A mãe segura nas mãos de L. Aqueles dedos alongados, mas carnudos. Mãos de faz-tudo. Com as unhas cortadas, pois ninguém carrega estrume de unhas compridas. Há momentos na vida em que há mais alguém que nos conhece melhor do que nós próprios. A mãe levanta os olhos das mãos de L para os seus olhos, de um castanho escuro, tornado quase negro pela meia-luz difusa da sala.

- Tu tens é de estar consciente. Tu e o P têm de falar disto. Bem sei que é um chavão empoeirado, mas continua válido: com muita liberdade, muita responsabilidade.

- Eu, eu, eu! – L desprende as mãos, com brusquidão, dando um passo para trás – Fui eu que fiz alguma coisa, alguma coisa que eu tenho de mudar, fui eu que errei algures – revira os olhos – parece que tudo ficará perfeito, se pelo menos EU corrigisse tudo!

- L, claro que não serás só tu...

- Ele trata-me como o raio de uma princesa! – vai projetando a voz para as paredes – Às vezes não aguento. Invade-me uma repulsa tal, que...não sei, só me apetece estar longe. Longe dele.

- É como eu disse: vocês têm que falar. Eu sei que não é fácil. Na época em que eu andava por aqui e ali com os homens que me apetecia, um dia cheguei a casa e encontrei o teu pai a chorar. Foi aí que me apercebi. Foi isso que nos fez, finalmente, falar. Quase foi tarde demais – Ia falando para a figura esbelta da filha, de costas para ela - Só não quero que isso aconteça entre ti e o P. Podes não o ver, mas vocês têm algo real. E isso é precioso. Deve ser protegido. Mesmo que não o sintas ou até queiras neste momento, ainda assim sinto que tenho de to dizer.

- Da última vez que tentámos falar, ele virou-me as costas – virou-se novamente para a mãe – Até hoje. Sei apenas que está na camarata dos rapazes, de resto não sei nada dele. Também me custa entender aquela sensibilidade toda...

- E então parece-vos, aos dois, que a solução para esta situação é andarem a fugir um do outro – segue em direção a uma das cadeiras junto à secretária, sentando-se nela e cruzando as pernas – Eu só quero que estejas bem, filha...E tu, o que é que realmente queres?

L não responde. A mãe capta de imediato o significado desse silêncio. Era uma faceta de L que conhecia bem. Definitivamente uma herança do lado do pai. Momentos em que o mero ato de falar era doloroso, e não valia a pena insistir. Em todo o caso, a mãe já dissera o que tinha vindo para dizer. L contorna a cadeira em que a mãe se sentara, carregando uma expressão sombria. Senta-se à secretária e começa a carregar em botões. A mensagem era clara: a conversa tinha terminado. A mãe deixa-se ficar um pouco mais, por inércia e na esperança que L ainda acrescente mais alguma coisa. Mas nada.

- Bom, vou andando, então.

L vira a cabeça na direção da mãe, inexpressiva. Acena afirmativamente. Levanta-se enquanto a mãe a imita, aproveitando para vestir o casaco. Vai com ela até à porta. Abre a superfície cromada e, por momentos, ambas contemplam a chuva que cai miudinha, como um véu esbranquiçado.

- Aproveita a vida para aprender. Se não for por mais nada, é para isso que cá estamos – a mãe passa-lhe a mão pelas rastas – Ai esse cabelo, L...

L sacode ligeiramente a cabeça, afastando as rastas do alcance da mãe. Aproveita o movimento para lhe estender o guarda-chuva, que tinha ficado a secar à entrada. Olham-se brevemente nos olhos e a mãe estica-se para lhe beijar a bochecha. L recebe o beijo sem entusiasmo. Fica a ver a mãe afastar-se por entre as gotículas, em passo rápido, até dobrar a esquina. Fecha a porta e volta ao trabalho.

P abre a porta do edifício. Como tantas outras, esta também está sempre aberta. Os homens, lá dentro, não têm nada a esconder. A porta é pesada, mas isso nada mais é que um apontamento estilístico. Linhas direitas, tetos altos, dão uma sensação de solidez e, ao mesmo tempo, de leveza. Ela vem um pouco mais atrás, num passo gingado. Cabelo emaranhado, olhar inteligente, numa atitude selvagem. Uma espécie de génio sem regra.

Tinham-se conhecido no laboratório. Ela acabara de entrar para o departamento de física teórica e ele ficara incumbido de a acompanhar nos primeiros tempos, em particular com o objetivo de lhe mostrar os departamentos onde se realizavam as aplicações. Ou seja, aqueles que acabavam por concretizar algumas das ideias loucas que jorravam do departamento dos “Testas”, como lhes costumavam chamar, num misto de admiração e gozo amigável. Sobem as escadas até ao quarto andar. Átrios espaçosos, limpos, personalizados aqui e ali com um sofá antigo, um placard de anúncios, uma máquina de café. Cruzam-se com alguns homens, de aspetos diversos. Olhos mais ou menos rasgados, pele mais ou menos escura, cabelos mais ou menos claros. P vai cumprimentando, conforme passa por eles. Também passam por um par de mulheres, mas P não parece conhecê-las. Na camarata dos homens as mulheres eram bem-vindas, mas não podiam ficar. B olha em redor, curiosa.

- Vamos para a cozinha – P encaminha B através da porta. Já passava das dez, mas ainda havia gente a jantar. Cheirava a caril de lentilhas. B cumprimenta-os com um largo sorriso.

- Olá e bom apetite! – Os três homens olham para ela, sorriem de boca cheia, e continuam a comer.

- Senta-te aí – P indica-lhe o pequeno sofá junto à janela – Queres beber alguma coisa?

- Como poderei recusar? – B estava nitidamente bem-disposta – Chá verde, tens?

- Acho que sim – P abre um armário e tira de lá um pacote – Espera um pouco.

B senta-se no sofá. O primeiro olhar vai para os ombros largos de P, virado de costas, do outro lado do balcão, ocupado a preparar o chá. Repara também na sua nuca, com o cabelo muito curto a prolongar-lhe o aspeto do pescoço, já de si esbelto. De facto, parece ser aquela largura de ombros, essa característica que faz os homens merecer o rótulo de “armário”, que as atrai à primeira vista. À segunda vista talvez seja o olho azul. À terceira vista...P não conhece nenhuma terceira vista. Enche as canecas com água quente, mexe o chá e passa com estas para o outro lado do balcão. Senta-se ao lado de B, olhando distraidamente pela janela, vendo ao fundo um arco estrelado sobre a cidade.

- Mas em que buraco é que andavas metido? – B enrola imediatamente o braço à volta do pescoço de P, esticando-se para o beijar. Ele retrai-se gentilmente, murmurando qualquer coisa acerca do chá. Ela não desarma.

- Gosto desta cozinha – os seus olhos pululam pelo espaço à volta, excitados – Acho que da última vez que cá vim, não me trouxeste aqui...fomos diretos para o quarto – remata, num murmúrio cúmplice.

P sorri, fingindo-se embaraçado. Mas logo o seu olho azul deriva lá para fora, à procura das estrelas, e de L.

- Aliás, por falar em quarto, não me importava de ir para lá agora mesmo – faz deslizar uma das mãos pela coxa de P.

P encara-a por um momento. Também não lhe apetece estar ali sentado a beber chá e a conversar. Levantam-se, de caneca na mão. B está eufórica.

- Escusam de se levantar – a piada de B dirige-se aos companheiros de cozinha, ainda a mastigar as lentilhas. Olham para ela com um sorriso idiota. Não perceberam. Ela, entretanto, já passara pela ombreira da porta, à frente de P, que encolhe os ombros para os colegas. Segue-a pelo corredor. Lânguido, tenta esvaziar a cabeça enquanto caminha em passos lentos. B já está encostada à porta, passando as mãos pelo cabelo e olhando fixamente para P. Este faz-lhe sinal para entrar. Não costuma trancar a porta, a menos que venha com certas companhias, pelo que carrega no botão da tranca ao entrar.

- Djubie, baixa as luzes ao mínimo, por favor – P dá a instrução ao seu computador, em voz baixa – e, já agora, põe o sax a tocar.

- Certo, P. Redman, pode ser?

- Confio no teu bom gosto musical, Djubie.

Pelo canto do olho, P repara numas roupas deixadas no chão da casa-de-banho. Entra num instante para as juntar e meter no cesto da roupa suja. Quando sai B está nua, deitada em cima da cama. Exibindo um sorriso provocador e com a cabeça apoiada numa das mãos, escondida algures no meio da cabeleira desgrenhada.

- Chega aqui, garanhão...

P não resiste à provocação, sorrindo também. Dissipa-se a nuvem melancólica sobre a sua cabeça, aparecendo no seu rosto uma expressão divertida. B segue-o com o olhar. Ele ainda vai à janela, baixando os estores devagar.

- If you can't be with the one you love, love the one you're with – murmura para si mesmo.

- Estás a rezar?

P solta uma garagalhada. Enquanto despe a camisola.

- Jesus, tens cá um corpão!... – B remexe-se na cama, sem deixar de o mirar. P aproxima-se e inclina-se sobre B, fazendo deslizar a sua mão ao longo da sua perna.

Tocam-se, ela mais ansiosa, ele mais descontraído. Abraçam-se. Entregam-se ao corpo um do outro, sem pensar no que foi, nem no que virá a ser. Simplesmente fazem amor, no presente. Na camarata dos rapazes as mulheres são bem-vindas. Só não podem ficar.

- Budge, prepara-me o pequeno almoço, por favor – L fala alto, para o vazio do quarto. Deitada ainda, mas de olhos muito abertos, a fitar o teto de traça antiga.

- Alguma coisa em particular, minha senhora?

- Deixo ao teu critério, Budge – L levanta uma das pernas em direção ao teto, aproveitando o balanço de a deixar cair para se erguer.

- Faço notar que ainda não são sete da manhã. Se neste bairro houvesse galinhas, estarias a acordar antes delas – pausa para o efeito, mas a resposta foi o fechar da porta da casa-de-banho – Leite de soja com flocos, então.

- Hair from the dog that bit me – L leva as mãos em concha à cara, ficando a contemplar o resultado molhado – O que vale é que já sabes o que eu gosto, né Budge?

- Minha cara, isto são muitos anos a virar frangos.

L sai da casa-de-banho, a amarrar as rastas atrás da cabeça.

- Olha, sabes que mais, Budge?

- Deixa-me adivinhar, vais pintar as rastas de azul...

- De rosa choque - senta-se à frente do prato com os flocos e mastiga a primeira colherada
- Vou passar o dia na floresta. Estou a precisar de me perder por entre as árvores.
- Acho muito bem. Vou preparar-te qualquer coisa para comeres.

Saiu a pé. Caminhou durante meia-hora, atravessando o limite mais imediato da cidade. Era uma mancha verde com mais de trinta quilómetros quadrados. Tanto quanto sabia já tinha sido mais pequena, e menos selvagem, mas da sua experiência grande o suficiente para uma pessoa se perder lá dentro. O suficiente para dar uma sensação de imersão. Sem casulos, sem prédios, nem computadores. Nada. Bom, em rigor leva a sua chapa consigo, para qualquer eventualidade. Havia um par de caminhos principais a atravessar a pequena floresta, onde ocasionalmente se encontravam algumas pessoas. Fora desses caminhos o estado era praticamente selvagem, e raras as pessoas encontradas. Em todo o caso, o risco era baixo. No máximo uma hora, uma hora e meia de caminho, em qualquer direção, e volta-se à civilização. A Natureza tem esta capacidade fantástica de gerar ordem a partir do caos. De gerar estabilidade no meio do movimento perpétuo. L avança por entre os arbustos, vai traçando um caminho por entre os troncos de árvores, algumas com centenas de anos. Os pensamentos atravessam-na de vez em quando, à medida que trespassa as teias de aranha por entre os arbustos. O silêncio é o da floresta, ou seja, nunca é completo. Ouve-se sempre qualquer coisa. Um pássaro, folhas a abanar ao vento, água a passar num pequeno ribeiro. O próprio coração. O silêncio absoluto é o da morte. E do espaço sideral. Onde queremos ouvir e não conseguimos. Passa por pinheiros mansos, eucaliptos, carvalhos, azinheiras. Às vezes é fácil passar por estes seres vivos e não reparar na magnitude da sua paciência, e resiliência. Na forma subtil como comunicam e se entrelaçam para sobreviver, e florescer. Alguns deles já se erguiam ao vento enquanto morria gente por não ter o suficiente para comer. Quando ainda havia pessoas que mandavam outras ir morrer para o campo de batalha. Quando o dinheiro ainda fazia algum sentido.

Nas primeiras horas andou apenas. Com atenção para manter o ruído baixo, perturbando o mínimo possível. Lembrava-se de algumas vezes em que tinha vindo com P. A sensação de estar ali era tão boa, tão pacífica, que inevitavelmente acabavam por se despir e se amar ali mesmo, entre os arbustos, a contribuir com os seus gemidos para o som de fundo da floresta, banhados pela luz filtrada na copa das árvores. Entre os humanos havia ainda uma

aversão cultural ao sexo em público. Não ali. Os animais e as plantas, embora presentes, não julgavam, não condenavam, assistiam apenas. Ali, a sentir as folhas no rabo e as formigas nas pernas, não havia hipocrisias. O sexo era naturalmente aceite.

A certa altura teve de contornar umas pedras enormes, que se erguiam por entre as árvores. Não se lembrava de as ter visto em incursões anteriores. Aquela pequena floresta era uma caixa de surpresas. Ultrapassadas as pedras encontrou uma pequena clareira. Outra surpresa. Decidiu sentar-se um pouco. Beber um golo de água, comer qualquer coisa da marmitta. Não estava com pressa para chegar a lado algum. A ideia era, precisamente, estar ali. Só estar. Esvoaçavam rolas por entre os ramos das árvores, emitindo aquele som sempre igual, como se viesse de uma flauta só com um orifício. Deixou-se atingir pelos raios do Sol, intensos, a raiar oblíquos no meio da manhã. Sentiu-se amolecer um pouco. [Tenho de continuar a andar]. Abriu a mala para arrumar as coisas e foi aí que sentiu a chapa a vibrar. Pensara que a tinha desligado.

- L, é a mãe de P. Ela já tentou ligar várias vezes – A voz de Budgie veio abafada do fundo da mochila.

- Oh...meu! – O primeiro instinto foi o de desligar a coisa, mas parou um pouco para pensar. [Mas o que é que ela quer? Espero que não seja, outra vez, para choramingar a sua preocupação de mãe, por favor...]. Deitou a cabeça para trás, deixando a cara virada para o céu azul da clareira, à procura de inspiração e paciência.

- Bom...vamos acreditar que mal não fará – disse, em voz alta, para si própria. Respondeu à chamada. Apareceu o rosto de M do outro lado, a ajeitar o cabelo.

- Querida, obrigado por teres atendido – L ajeita a chapa sobre os joelhos, sentada numa pedra. Atrás de si, um denso emaranhado de ramos e arbustos.

- Não há problema – responde, puxando da sua melhor diplomacia – digamos que também não estava ocupada.

- Sim, sim...pois. Também não te queria incomodar – M olha para baixo, à procura de uma forma para começar – mas senti necessidade de falar, assim que o P me contou.

- Mas pensei que já tínhamos falado sobre isso. Ele vai a Marte, isso é definitivo.

- Não é isso...Ele contou-me que vocês já não estavam a viver juntos – a senhora olha agora diretamente para a câmara. A alta definição e o som fiel ao tempo real alimentam a estranha sensação de estar a falar frente-a-frente com alguém, embora esta esteja a quilómetros de distância – e, quando eu puxei um pouco mais por ele, confessou que andava envolvido com outra rapariga.

- Era de calcular que ele fosse fazer isso.

- Envolver-se com outra mulher?

- De contar-lhe o sucedido – L mantém um semblante sereno, mas sente já a impaciência a ganhar terreno.

- Ele acaba sempre por me contar as coisas. É um querido – A respiração de L vai-se tornando mais pesada – Sabes, ele é assim desde muito pequeno. Desde que o pai morreu, para ser mais precisa. Ainda me lembro de como ele se punha a andar à minha frente na rua. Ou se prestava a fazer as mais pequenas coisas por mim, como abrir uma porta, ou chamar um casulo...Quer dizer, não havendo qualquer necessidade, mas suponho porque somente me queria proteger. O pai dele, sabes, era uma pessoa muito atenciosa. Não só por ser gentil, mas também porque dava muita atenção aos pormenores. Tenho imensas saudades dele – a senhora olha para o lado, talvez para uma fotografia, ou simplesmente entretendo uma recordação. L partilha um pouco da sua mágoa, só por estar ali à sua frente no ecrã. Mantém o silêncio – Penso ter sido por isso que ele desenvolveu este hábito tão protetor. Primeiro em relação a mim, naturalmente, mas depois às mulheres em geral. Ele não faz por mal, coitado. Quando lhe perguntei por que razão vocês se tinham separado, ele limitou-se a dizer que tu querias mais independência...e, portanto, ele tinha somente satisfeito esse desejo – aproxima a cara do ecrã e baixa o tom de voz, quase sussurrando – mas eu tenho cá a impressão de que isso não é a estória toda – recosta-se novamente na cadeira, calando-se por um momento. L também não está com vontade de lhe completar as ideias com mais detalhes, mantendo um silêncio pensativo. [Ela é que me ligou. Deixá-la falar] – Sabes, querida, eu já não vou andando para nova, e aquele rapaz é das poucas pessoas que tenho. Eu sei que parece egoísta dizer isto, mas é que eu não consigo estar bem se ele não estiver bem. E não é só porque ele é meu filho. É também porque ele cuida realmente de mim – a impaciência inicial de L dá lugar a uma certa empatia por esta

mulher. M continua – Bom, não que ele tenha de fazer as coisas por mim...felizmente, há uma boa estrela que me deu saúde e vitalidade e eu lá vou conseguindo tratar de mim própria. O que quis dizer é que ele está presente. Preocupa-se. Quer saber, e está comigo – L levanta-se para esticar as pernas. Por momentos, a senhora vê a cara de L de baixo para cima, esta última a contemplar um ponto no horizonte, algures, deixando-se inspirar por aquele semblante concentrado, iluminado pela luz matinal – Só liguei para tentar perceber se podia fazer alguma coisa, e acabei por estar a falar o tempo todo. Desculpa, querida...

L baixa os olhos para o ecrã.

- Não se preocupe. Eu... - deixa a palavra pendurada, à procura de uma decisão, de uma palavra final – Eu vou resolver isto. Percebo melhor as coisas agora...acho – L pousa o olhar no ecrã, encarando M com um ar preocupado.

- L...ficas bem? A sério, eu só quero o melhor para vocês – treme-lhe a voz, por um instante – E ele...ele adora-te. Olha para ti com uma...devoção... - Não contém o choro – É que às vezes sinto umas saudades...vocês fazem-me lembrar o pai dele, quando éramos mais novos...vais-me desculpar.

A senhora desliga a chamada. [Se calhar é melhor assim. É da maneira que não me vê a chorar também]. Ao pensar em chorar, dá-lhe uma pontada de dor. Aquela que vem por ter magoado outra pessoa. Por ter sido irresponsável e imatura. Larga a chapa, levando instintivamente as mãos à cara. Chora convulsivamente, enchendo as mãos de lágrimas e de ranho. Olha à volta, no pânico de poder estar alguém a observar a cena. Por entre os arbustos e árvores apenas se ouvem os sons calmantes da floresta. Tal como antes, a Natureza não julga: assiste e assimila. L baixa-se até ficar de cócoras, emitindo soluços por entre o lamento que, por momentos, encheu a clareira. Consegue, ao fim de algum tempo, recompor os movimentos e procura uns lenços na mochila. Assoa-se ruidosamente. Um bando de pássaros levanta voo. Ao limpar as lágrimas do rosto, lembra-se da face de P na última vez que se viram, na pastelaria. É o suficiente para que verta mais algumas lágrimas. Enrosca-se sobre si própria. [A sério L, já chega... já não consegues chorar mais]. Passa a cara, lívida, pela camisola que tinha trazido na mochila. Ardem-lhe os olhos. Deixa-se ficar mais algum tempo, sentada sobre a caruma. A vida continua como dantes à sua volta. Lá arranja força para se levantar.

- L... Levas-me ou tenho de ligar a pedir uma ajudinha aos serviços florestais? – Já pusera a mochila às costas, mas a chapa ainda estava no chão. L não evita um sorriso.

- Só mesmo tu para me animares neste momento – De chapa no bolso, começa a andar mata adentro.

- Sabes, tenho a sensação de que fui programado para isso. Mas, lá está, é como te digo...é só uma suspeita.

- Tu és como nós, Budge, nesse aspeto. És só tu, único. Mas olha, traça-me aí uma rota para um sítio alto, no meio desta floresta, onde se consiga ver o mar. Preciso de acalmar esta cabeça.

Para e observa as imagens na chapa. Sobre uma visualização tridimensional da paisagem, identifica a sua posição, os pontos cardeais e o sentido do movimento. Segue com o dedo sobre o percurso traçado no ecrã, a perceber os limites dos obstáculos mais à frente. Volta com o dedo ao ponto de partida. Guarda a chapa no bolso maior das calças e põe-se a caminho. A respiração, o ritmo balanceado dos passos, o cheiro a resina e a folhas mortas restituem-lhe alguma serenidade. Pouco depois está a pôr as mãos na rocha nua, apoiando-se agilmente na parte mais íngreme da subida. Acima da copa das árvores, abre-se um enorme céu azul. Por momentos, os olhos de L reduzem-se a um par de frinchas. Avança sobre a pedra áspera como um aracnídeo, à procura de um lugar para se sentar. Decide-se, finalmente, por uma reentrância escavada por milénios de chuva, vento e Sol. Senta-se e cruza as pernas, inclinando-se sobre a mochila para descansar. Sente a respiração. Levanta a cabeça e olha em frente. Uma faixa de areia a esticar-se até ao horizonte. Falésias cortadas a pique sobre uma planície de arbustos. Estruturas urbanas tornadas pequenas pela distância, guardam o estuário. O mar é um vasto lençol azul, entrecortado por pinceladas brancas, empurradas pelo vento. [É disto que tu precisas para perdoar, L?]. Agarra os joelhos, de olhos postos no horizonte. Hipnótica, a paisagem parece mexer-se ligeiramente. Perde a noção do tempo. A certa altura, repara num pardal que pousa à sua beira. Olha-o pelo canto do olho. Vira a cabeça devagar. O animal mira-a com a cabeça de lado, como lhe é característico. Aproxima-se um pouco. L não se mexe. O pardal parece mover-se apenas pela curiosidade. Ou pela sensação de que não há nada a temer. Ela estende a mão, devagar, só para ver o que dá. Para seu espanto, o pardal voa-lhe para a mão. Lá está ele, a

mexer a cabeça de um lado para o outro, as patinhas fazendo-lhe comichão. [Que queres, pardalito?] Passam-se alguns segundos de mútua observação. O pardalito oferece-lhe mais uma surpresa e voa-lhe para o ombro. L arregala os olhos, sem se mexer. Ficam assim um pouco. L a olhar em frente, de mão estendida, o pardal em cima do seu ombro, um olho sobre a cabeça de L, o outro sobre a paisagem. Pode ter sido por L ter tremido ligeiramente, ou por ter respirado um pouco mais profundamente, o pardal voa para longe, tão de repente como quando surgiu. Estranhamente, é com um sorriso que verte uma última lágrima, em silêncio. Na despedida de uma parte de si que ficou para trás.

Apesar dos seus esforços para estar sozinha, ainda havia quem a quisesse ter por perto. A humanidade é como uma grande família, e sempre há de ser. Quando chegou a casa nesse dia tinha um papel colado na porta. Pequenas incursões aos modos de antigamente, que tornavam a vida mais diversa, mais genuína de certa forma. Era só um papel, um papelito rasgado sabe-se lá de onde, colado com fita à porta. Não tinha nome, não era dirigido nem assinado, não havia datas nem moradas, nem horas, nenhuma informação relevante. Apenas as frases em inglês “You are invited, by anyone to do anything / You are invited, for all time”. Leu o papel uma vez, depois tirou-o da porta e leu-o outra vez, não fosse ter-lhe escapado alguma coisa. Parecia ser só mesmo uma piada de mau gosto. Abriu a porta de casa, decidida a esquecer o assunto. E, de facto, não pensou mais nisso durante uns dias. Preocupava-se relativamente à forma como abordar P. Admitir erros passados, pedir desculpa, não admitir nada, ignorar as desculpas, eis o cerne da coisa. Queria voltar. Afinal, também o amava. Sentia-o agora mais claramente. Mas o orgulho e o hábito são difíceis de quebrar. Às vezes parece que é mais fácil mudar o mundo do que um hábito instalado. [Humildade é conseguir falar de si própria sem vaidade. Humildade não é fraqueza]. L pensava e repetia para si própria. Mas do pensar ao agir há um abismo, e é preciso uma dose extra de coragem para dar o passo em frente. No fundo, tratava-se de um ato de fé. Seria preciso acreditar que esse passo em frente não era um movimento louco para a morte, mas que revelava a ponte invisível que nos sustém até chegarmos ao outro lado. Coragem e confiança. Nos momentos críticos em que estão mais em baixo, é precisamente quando são mais necessárias. Factos da vida. Então ocorreu-lhe: Q! Aquele recado era típico dele. Q era um velho amigo, que há muito não via. Lembrava-se dele dos

dias da faculdade livre. Nessa altura, tudo era intenso e acontecia ao mesmo tempo. Estudava-se, aprendia-se, trabalhava-se, gozava-se e viajava-se, numa vivência contínua. Naturalmente que havia professores, instrutores e mentores, mas cada um aprendia o que queria ou achava que devia. O percurso era construído à volta de desafios, criados e calibrados pelos próprios. Tanta liberdade era, às vezes, até um pouco assustadora, pois punha realmente à prova o sentido de responsabilidade individual. Tanto passavam noites com a cabeça enfiada em sistemas digitais, como dias no atelier de artes plásticas. E outros dias na bicicleta, perdidos no mato. Tinha inclusive andado enrolada com Q um par de vezes, numa altura em que andava a experimentar um pouco de tudo. Uma paixão passageira que não chegou a desenvolver-se em amor, mas deixara boas recordações. Depois da faculdade ele seguira para os confins dos Grandes Dados, e ela para as profundezas do atelier. Já não o via há vários anos. Decidiu ligar-lhe, quando se acabaram as desculpas que dava a si própria para nada fazer.

- L!! – O entusiasmo do outro lado foi tal que ela quase deixou cair a chapa – Como andas?! Onde estás? Estás com ótimo aspeto. Estás mesmo brutal! – Q parecia estar num sítio com imensa gente. Aliás, se bem se lembrava, Q estava sempre rodeado de pessoas, era um anfitrião nato.

- Exageras um pouco, não? – Respondeu L, com um sorriso vaidoso – Vi o teu convite.

- Convite?

- Sim...o “You are invited” – abriu o papelinho à sua frente.

- Isso, iá – Devolveu a L um sorriso satisfeito – é um dos meus favoritos. Mas diz-me, onde andas? Olha, porque não vens ter connosco? Hoje à noite vou juntar alguma malta em minha casa – Falava com a naturalidade de um amigo de todos os dias. Às vezes as pessoas afastam-se sem saberem porquê. Descubrem mais tarde que afinal têm muita coisa em comum. Mas afinal, mais importante que as razões, é o reencontro.

- Q, isso é excelente...só tens de me dizer onde moras.

- Iá, claro – Q partilhou os seus dados através da chapa – Mas aparece lá hoje, assim depois do jantar – Alguém do outro lado chama por ele – A sério, estamos com saudades tuas. Vê se apareces. Xau, até logo!

Desliga a chapa sem ouvir a resposta de L, mas também já não era necessário. O episódio deixara L contente. Era mesmo o que estava a precisar. [“You are invited”...No matter what]. Era revigorante a sensação de ser querida, de que a sua presença fazia a diferença. Provavelmente das necessidades humanas mais profundas, sempre presente e sempre a necessitar de atenção. Nessa noite comeu um jantar frugal, mas saboroso. A vizinha tinha aparecido e oferecido uns ovos das galinhas que criava na sua quinta, nos arredores da cidade. Budgie acrescentou-lhes cogumelos, sal e orégãos. Tudo acompanhado com néctar de melancia, morango e pêsego, fruta crescida ali mesmo no bairro.

Pouco depois, pôs-se a caminho do apartamento de Q, que ficava na parte baixa da cidade. Desceu até lá de bicicleta. O prédio ficava ao fundo de uma ruela estreita, devia ter cerca de duzentos anos, mas estava impecavelmente restaurado. Aquela zona da cidade podia não ter muitas árvores, mas compensava em história. Deixou a bicicleta no átrio de entrada, junto às outras, numa engenhosa prateleira de grandes ganchos dispostos na vertical. Subiu até ao primeiro andar por umas escadas de madeira escura, trabalhadas à mão. Q abriu-lhe a porta, mesmo antes de ter tocado à campainha. A sua chegada acabara de lhe dar uma ideia.

- Olha, sabes que mais? Vamos é sair daqui – Atirou a L um olhar arregalado e voltou rapidamente à sala, para reunir o resto das pessoas. L ficou espedada à porta. Anfitrião sim, mas nada convencional – Não vale a pena entrares – Q grita lá do fundo de um dos quartos, por cima da música que logo se apressa a desligar. Ouvem-se, do patamar onde L se encontra, as vozes de mais duas ou três pessoas. [P???] Uma delas era a de P. Sentiu um nó repentino na barriga. Invadiu-a um pânico, uma certa náusea. Quando uma pessoa quer muito uma coisa, é como se o Universo conspirasse para que essa coisa aconteça, como se adivinhasse as nossas necessidades mais íntimas. P aparece à porta, descontraído. Não esconde a surpresa de ver L, mas mantém a calma. L apercebe-se que alguma coisa mudou nele, embora não consiga precisar exatamente o quê.

- Bom, parece que nos querem levar a ver estrelas, ou assim...

- Parece que sim – [Que resposta idiota, L!] P passa à sua frente, em direção à escada, começando a descer para o rés-do-chão. Entretanto saem mais duas pessoas do apartamento, um homem e uma mulher, que não conhece.

- A gente já se apresenta – vêm os dois a rir de qualquer coisa, enquanto passam por L, que continua no patamar da escada, se calhar à espera que a porta se feche – é que estamos a ser escorraçados!

Q aparece logo a seguir, a fazer um carrapito no alto da cabeça. Não há nada, de facto, como alguém se aceitar como é, para reduzir drasticamente qualquer sensação de ridículo. Fecha a porta sem fechadura atrás de si.

- Olá L – põe-lhe a mão no ombro esquerdo, acariciando-o ligeiramente – Desculpa lá isto, mas parece-me que estamos todos a precisar de um pouco de ar fresco. Não concordas? – Convida-a a descer as escadas à sua frente. A pergunta era retórica, pelo que continua, enquanto descem – Ah, e devo dizer, estás totalmente na mesma, ou seja...soberba.

[Interessante...vindo de Q, este tipo de elogios não me soa mal. Até são engraçados]. Subiram por umas ruelas fracamente iluminadas, até ao miradouro. L mantinha-se calada, enquanto os restantes falavam alegremente, incluindo P. L e P tinham trocado, entretanto, um par de olhares. Tudo parecia diferente. De certa forma, era como se tivesse acabado de o conhecer. Aquela mesma vertigem da novidade. A excitação perante o desconhecido. Contornaram uma igreja antiga. Já ninguém rezava lá dentro, mas as pessoas tendem a conservar tudo aquilo que é marcante na sua história, bom ou mau. Havia gente no miradouro, mas não estava cheio. Sentaram-se numa mesa junto ao muro. Para lá deste, uma fabulosa vista sobre a cidade e o rio, que nas últimas décadas tinha vindo a alagar a parte baixa. Havia ruas em que já nem sequer na maré baixa se conseguia circular, a não ser de barco. A ciência dizia que a situação era temporária e que o estuário viria novamente a ocupar o lugar onde quase sempre estivera, pelo que tinham os dias contados os muitos divertimentos que proporcionava um lençol de água no meio da cidade, principalmente no Verão. Isso não impediria a população de se divertir; havia sempre forma de o fazer naquela cidade, preta de variedade e bafejada com um clima moderado apreciado por gentes de todo o mundo. Naquela noite de céu limpo, ninguém resistiu à tentação de olhar para cima. Não havia ser humano que não visse nas estrelas o encanto de um outro mundo que não este, um mistério maior que a pessoa, mais abrangente que a espécie. Mas só alguns passavam desses momentos de maravilha para a ideia prática de que será possível ir até lá...e sobreviver.

Q foi buscar bebidas. Surgiu pouco depois com os cinco copos de vidro entre as duas mãos, num prodígio de equilíbrio e vontade de beber cerveja. Colocou-os com todo o cuidado em cima da mesa, sem verter uma única gota.

- Oh pá, esta bebida é vegetal, alimenta, é fresca e não dá gases...a cerveja nunca passará de moda!

Do grupo ninguém comentou, não por distração, ou ignorância, mas porque no fundo todos concordavam. Apressaram-se a segurar nos copos e a dar o primeiro golo. Agora já havia condições para iniciar uma conversa. M virou-se para L.

- Olá, sou o M. Ela é a N. Nem sei como é que viemos aqui parar – limpa os beiços da espuma da cerveja – Espera, já me lembro. Q expulsou-nos de casa! – dispara um olhar oblíquo a Q, sorridente. Este último estava na conversa com P, não reparando - Bom, mas em todo o caso, estamos apresentados. Fala-nos um pouco de ti.

L repara no olhar que P lhe dirige, de esguelha. [Sim, não é hora de ironias. Estás entre amigos]. Pega calmamente no copo de cerveja e bebe um longo golo, antes de responder.

- Regra geral não gosto de falar de mim própria... Mas isso não significa que não goste de falar. Desde que seja com determinação. Apetece-me talvez lançar uma provocação. No sentido de dizer que, quanto a mim, a questão não é tanto eu, mas sim nós. O que queremos, quem somos, para onde vamos – Volta a colocar o copo em cima da mesa, gozando do súbito silêncio à volta da mesa.

- Uma excelente questão – intervém P – Desde sempre colocada, e nunca respondida.

- Estou a ver que temos aqui um convite à discussão filosófica – Comenta Q, divertido. M e N viram a cabeça de L para P e de P para Q, ainda a tentar perceber se aquela conversa é a sério.

- Digamos que estou a praticar. É muito fácil tomar decisões sozinha. Ou melhor, não sendo fácil, é muito mais difícil tomar decisões em conjunto. Sei bem do que falo, já que a minha tendência natural é para estar sozinha – A plateia, silenciosa, ouve atentamente, trocando olhares de curiosidade. P delira por dentro – Tenho pensado muito nisto, ultimamente. Houve tempos em que havia sérias dúvidas sobre se a espécie humana iria conseguir sobreviver à face deste planeta. Imagino apenas a sensação das pessoas da

altura, não sabendo se iriam comer no dia seguinte, ou se uma qualquer desgraça lhes ia cair em cima. Pela guerra, pela destituição, por um qualquer desastre ecológico. Devem ter sido tempos muito duros. Mas o facto é que ainda aqui estamos. Avançamos, evoluímos, aprendemos. Não estou a ver porque razão este processo possa parar. Nem sequer temos a capacidade, enquanto seres pensantes, de influenciar o desenrolar deste processo.

- Exato – Q ajeita o cabelo, excitado – O que é a consciência? Acharemos nós que a capacidade tecnológica nos torna mais conscientes? E seremos realmente capazes de regredir, bastando querer? Onde iremos parar?

- Onde iremos parar não faço ideia – Agora era a vez de P falar, numa voz grave e calma, sem descolar os olhos de L – e nem me parece relevante, sinceramente. Basta a aventura, o horizonte da descoberta. Afinal, o que é a vida sem risco?

- Isto tem alguma coisa a ver com ir para o espaço? É que não se fala de outra coisa... - M observa as bolhinhas de cerveja a ascender pelo copo. N pega na deixa.

- Pois, a mim faz-me confusão essa ideia de pegar num monte de gente, pô-los a dormir durante vinte anos e depois acordá-los num sítio em que nem sequer há a certeza de existir alguma coisa habitável – N vai desenhando curvas invisíveis sobre a mesa, com o dedo indicador – Isto para já não falar de tudo o que pode correr mal durante a viagem. Descargas de supernovas, colisões com meteoritos, falhas de energia, sei lá...

- Não é exatamente o meu campo de ação, mas os meus colegas dizem-me, e isso pode ser consultado na rede, que o mapeamento da galáxia na nossa região imediata está feito a noventa e oito por cento – P recosta-se na cadeira – o que na prática quer dizer que são conhecidas as trajetórias de todos os corpos celestes com mais de dois quilómetros de diâmetro. Ao nível estelar, trata-se de uma precisão impressionante...

- Certo, portanto, se aparece uma montanha de rocha com um quilómetro a flutuar, a missão vai para o galheiro porque, lá está, não dá propriamente para fazer grandes desvios a velocidades próximas da luz – M encolhe os ombros, dando o caso como perdido. P mantém-se firme na defesa de L.

- Na vastidão do espaço sideral, as probabilidades de isso acontecer são menores que ínfimas – com os dedos indicador e polegar reduz o espaço entre eles ao mínimo possível, fazendo-os pairar sobre o copo de cerveja.

- Claro – Q vem em auxílio de P – A relação entre a escala do tamanho destes objetos, ou uma nave de algumas centenas de metros, e o espaço vazio à sua volta é simplesmente abissal. Isso reduz as probabilidades de colisão drasticamente. No entanto, digo isto não porque me apetece, mas porque lá nos Grandes Dados também nos passam de vez em quando algumas tarefas de astrofísica. Massas uniformes de asteroides, assim como nuvens de rocha, são detetadas e traçadas as suas órbitas rigorosamente - L assiste à conversa dos especialistas, divertida. M não fica convencido.

- Muito bem, as probabilidades são baixas. Mas não são nulas. A questão é quanto é que se está disposto a arriscar perante a possibilidade de uma colisão catastrófica em pleno espaço sideral. Eu, sinceramente, acho que não compensa. Não enquanto não houver mais garantias.

- Daqui a mil anos, ninguém será recordado por ter ficado na Terra – L procura afastar-se dos detalhes técnicos – Garantias? Garantida está a morte. A questão não é quando, mas como – olha em frente, fixa e desfocada através de P – Eu sinceramente prefiro avançar com um nível de incerteza considerado razoável, do que ficar eternamente à espera de garantias que nunca irão chegar. Não irão, porque nada é perfeito. A parte incrível é que passados cinco mil anos de civilização, há ainda quem pense que é possível atingir a perfeição. Ou ter certezas, o que é a mesma coisa. Já Einstein dizia: “Deus não joga aos dados”. Nunca se enganou tanto. Talvez por isso tenha contribuído tão pouco depois da teoria da relatividade. É o que acontece a quem teima em pensar que pode controlar tudo... deixa de evoluir.

Segue-se o silêncio. À mesa, não há respostas. À sua volta, o burburinho da esplanada preenchia o fundo sonoro. P bebe a sua cerveja, satisfeito. Q observa as expressões dos amigos, procurando tirar o pulso do ambiente entre eles. M contempla a paisagem do miradouro, o piscar das luzes dos barcos no horizonte. Antigamente podia dizer-se que a cidade não dormia. Hoje, com estes barcos autónomos e outros autómatos, já muitos mais dormiam à noite, cumprindo o seu ciclo natural. N dá uma escapadela e consulta a chapa

metida na mochila. Geralmente não era bem vista a alienação do convívio, deslocando a atenção para locais remotos. P e Q olharam de soslaio, num reflexo, mas nitidamente é mais importante a relaxação e o bom ambiente do que a constante chamada de atenção para esse tipo de distrações.

[Hora de sair daqui]. L remexe-se na cadeira, trocando olhares com P. Este percebe imediatamente e faz-lhe um sinal para se levantarem. Pensou no mesmo, provavelmente. Ao levantar-se, P coloca a mão direita, suavemente, no ombro de Q. A mensagem é de que não precisa de se levantar. A reunião que se irá realizar de seguida terá um carácter mais privado. Ele e L afastam-se um pouco dos restantes, deixando-se ficar encostados ao balcão da esplanada.

- Não sei por onde tens andado, mas isso é o que menos importa neste momento – Acompanha o movimento de L, ao vê-la aproximar-se com as rastas soltas a roçar-lhe os ombros e as mamas.

- Eu estou bem...e tu, como tens andado?

- Oh pá, era mesmo dessa fina ironia que mais tinha saudades – nenhum deles acreditou na denunciada confissão, mas ambos mantiveram a compostura.

- Das tuas saudades trato eu!

Desmancham-se a rir. Não dava para aguentar mais o teatrinho do engate que, no fundo, ambos abominavam. Assim que o riso esmoreceu, L abraçou-o. Assim à queima-roupa. [Sem mais merdas, L. Se não queres ser tratada como uma princesa, deixa de te comportares como uma]. Surpreendido, enrola os braços à volta dela, sentindo o seu cheiro adocicado ao passar o nariz sobre a sua cabeça. Um cheiro familiar e inebriante. Passa-lhe os dedos pela orelha, enquanto sente as mãos dela bem abertas sobre as suas costas. Por uns momentos, ambos fecham os olhos. Nada dizem, mas pensam o mesmo. Havia muito por resolver, bem sabiam, mas estava dado o primeiro passo para a reconciliação. Essa parte podia ficar para depois, porque sentem ser hora de selar o encontro. De deixar o corpo falar. Abandonam a esplanada, sem olhar para trás. Apesar da hora avançada, ainda há sítios abertos. L explica que não querem comer, apenas usar um dos quartos. Têm pouca sorte nas primeiras duas tentativas. Estão cheios, há muita gente a visitar a cidade, talvez amanhã, ou no dia seguinte. No terceiro sítio também são recusados. Ao princípio,

ambos riem com a ironia da situação. Parecia que os deuses não concordavam com esta reunião. Mas também estes não perdiam pela demora. Já se preparavam para chamar um casulo quando o gerente vem ter com eles à rua, junto à porta de entrada. Tinha acabado de haver uma desmarcação e havia um quarto livre. Um quarto pequeno, ali mesmo no rés-do-chão. Embora não lho tenham solicitado, explicou que era um quarto mesmo muito pequeno e com uma janela apenas para o saguão. L e P trocaram imediatamente um olhar. Afinal, o universo apadrinhava o acontecimento, mas, como aliás lhe era habitual, fazia-o de forma enviesada e inesperada. Só o tornando mais intenso e interessante.

- Perfeito – retorque L, após consulta gestual a P.

Voltaram a entrar no prédio. Outra relíquia com mais de duzentos anos, só mantida por amor e tecnologia da construção. L estende a chapa ao gerente, para o registo. P está ao lado, concentrado em massajar-lhe o pescoço, por baixo das rastas. Passam-lhe pela cabeça imagens de situações, frases e sensações da sua vida com L. Era esta a mulher que o tinha conduzido aos píncaros da felicidade, bem como às profundezas da tristeza. A dor era recente, mas a verdade é que ainda a desejava, se calhar mais que nunca. Estava excitado, não podia negá-lo. E sabia que isto não era mera luxúria, conhecia-se e conhecia L o suficiente para chegar a essa conclusão. De tudo o que já tinham passado, da vida que já tinham partilhado, sabia no seu íntimo que a amava. E que ela o amava.

- Senhora – o gerente estende a chapa a L – Senhora! – L, de olhos fechados, parece estar em transe. A sua anca a esfregar-se de encontro a P, ambos encostados ao balcão – Senhora, a sua chapa!

L abre um olho, depois o outro, chateada com a interrupção. Limita-se a recolher a chapa, de sobrolho levantado. Só esboça um sorriso de agradecimento quando sente o suave aperto da mão de P no seu pescoço, a relembrá-la que também consegue ser dócil.

- Obrigado – L obedece, obtendo o sorriso complacente do gerente.

- Venham comigo, vou mostrar-vos o quarto – o gerente, magro e de estatura pequena, segue à frente com a chave eletrónica. P e L seguem-no como autómatos, P abraçando L à volta dos ombros, L passando a mão pelas nádegas dele – Aqui usamos estas chaves, para evitar enganos e situações sempre chatas de invasão de privacidade.

L e P acedem sem oferecer resistência. Nada lhes importa mais, de momento, do que apagar o fogo que sentem a lavrar por dentro. Entram pela porta que o homem lhes abre. Este explica qualquer coisa das luzes, comando de voz e pequeno almoço, mas eles começam a beijar-se ali mesmo, no hall do quarto. O gerente ainda fica um pouco a admirar o espetáculo, vidrado. Depois apercebe-se do que está a fazer, coloca um falso ar circunspecto e fecha a porta sem ruído, forçando-se a recuperar o discernimento e a lembrança dos seus afazeres.

- Vai andando para a cama – despedem-se momentaneamente com um beijo apaixonado. L entra na casa de banho.

Tira as calças e as cuecas, sentando-se na sanita. Enquanto sai o chichi, pega na chapa. Consulta o gráfico do período para confirmar aquilo que já sabe. Está fértil. Carrega e desliza com os dedos sobre a chapa. Status do contraceptivo cibernético: fechado. Põe a chapa em cima do lavatório, enquanto pensa no assunto e se limpa. Aproveita para tirar o resto da roupa. Volta a pegar na chapa. Olha-se ao espelho. [A vida é uma escolha, L. Tu só tens de decidir se a queres viver.] A decisão está tomada. Sente crescer em si uma felicidade imensa, a par de uma excitação incontrolável. P não é o homem perfeito, sabe perfeitamente disso. Sabe isso melhor agora, agora que reconhece melhor as suas próprias imperfeições. No fundo, tinha andado mais chateada consigo própria do que com ele, culpando-se por todos aqueles momentos em que tinha sido insensível e infantil. Queria redescobrir aquele amor. Além disso, este nível de excitação só poderia vir daí. Desliza novamente o dedo pela chapa. Status do contraceptivo cibernético: aberto. Probabilidade de fertilização: noventa e seis por cento. Sai da casa de banho e apoia-se na esquina da parede, junto aos pés da cama, simulando uma pose relaxada, de frente para P.

- Então, por onde queres começar? – Sorri, mostrando os dentes todos. A mão esquerda desliza sobre a anca, enquanto esfrega as pernas uma na outra. Sob os seus pés, o cerâmico frio parece não a afetar.

- Começemos por ti – P estica o braço, estendendo a mão num gesto convidativo. Com a outra mão levanta o lençol, sob o qual se deita, nu – Isto porque és boa, boa, mesmo boa... e eu amo-te.

Ela ri-se e atira-se para a cama. Reconhece aquele corpo. Aquele cheiro. Acaricia-lhe o pénis com a mão, sabe quanto ele gosta disso. Ouve a sua respiração a ficar mais pesada, o corpo a esticar-se e os pés a empurrar os lençóis para a base da cama. Ele deixa-se percorrer pelas carícias. Fecha os olhos. Havia pressa, mas já não é necessário. Nunca há pressa quando é tão bom. Ela deita-se em cima dele. Peito contra peito, num abraço forte. As mãos dele percorrem-lhe as nádegas, enquanto os sexos se procuram. Beijam-se. Olham para os lábios um do outro. Por um instante nada mais ocupa o campo de visão senão uma boca gigante recoberta com lábios húmidos, dentes e uma língua sedenta de tocar outra língua. Mantêm os lábios entreabertos enquanto se interpenetram. Os corpos parecem levitar. L revira os olhos. Os amantes movem-se, o amor aprofunda-se em cada gesto ritmado. Gemidos, suor. Mudam de posição, mudam de ritmo, de respiração. L leva a mão à cara de P, que aproveita para lhe lambe o polegar. É o sinal de paragem, à beira do precipício do orgasmo. P ganha súbita consciência do momento. É hora de dedicar toda a sua atenção à mulher. Observa cuidadosamente as expressões de L, ouve a sua respiração, os seus gemidos. O corpo segue, como que guiado por uma mão invisível. Ela geme, expirando com força. Nada para o seu orgasmo agora. Sorri de pura delícia, alternando com esgares de dor que, no entanto, não sente. Neste momento, é só prazer.

Ainda repetiu a dose quando P saltou do seu precipício. Abraçaram-se até lhes doerem as costas, até os sexos desligarem naturalmente. Acalmaram-se entre carícias e beijos. Tudo o que precisavam de momento estava ali. Foi P que interrompeu o silêncio, com uma surpresa.

- Tu vais engravidar, não vais? – di-lo de passagem, entre beijos.

L estaca, a olhar para ele. Mas logo baixa a guarda.

- Como é que sabes?

- Oh pá, chama-lhe intuição masculina – P responde, sereno, enquanto observa os seus próprios dedos a escorregar pelas rastas de L.

- Intuição masculina uma ova. Tu viste qualquer coisa – L retorque em tom de brincadeira.

- Não vi nada, juro – P mantém-se concentrado, agora seguindo com a mão a curvatura da anca de L – mas se te deixa mais descansada, podes acreditar que o quero tanto como tu –

levanta o olhar, encontrando o de L. Sorriem. Mas P ainda não acabara com as surpresas – mas isso não quer dizer que não tenhamos coisas pendentes para resolver.

P encara-a agora numa expressão mais séria.

- E isso tem de ser feito agora? – L procura desvalorizar, esticando o pescoço para um beijo, ao qual P recua.

- Parece-me um bom momento. Primeiro, porque estamos no mesmo quarto. Segundo, porque acabámos de fazer amor, portanto suponho que possa haver mais abertura de parte a parte para... - L levanta a mão, encostando o indicador aos lábios de P.

- Sim, já sei...vais dizer que fui egoísta e insensível – ele remexe os lábios por detrás do dedo ainda encostado aos seus lábios, mas L não se deixa interromper – e infantil. E terás razão.

P encosta-se à cabeceira da cama, com o lençol simplesmente poisado sobre o seu colo, deixando as canelas e os pés a descoberto. Percebe ser esse um momento para ouvir, em vez de falar. L continua.

– Eu...eu, o problema esteve precisamente aí durante este tempo todo...no fundo pensava essencialmente em mim. Só que é complicado ver mais além quando se está limitada pela sua própria maneira de ser...é como viver numa casa de espelhos. Vêm-se muitos reflexos próprios, e, por vezes, imagens distorcidas de outras pessoas, refletidas em espelhos criados por nós, mas realmente ver outra pessoa... - L falava, gesticulando, sentada na cama, como se estivesse a contar um sonho – é uma forma de cegueira. A minha mãe quis dizer-me, quis mostrar-me um pouco de mim própria...e eu, mesmo assim, não saí da bolha. Não imediatamente. Refugiei-me no trabalho, no sexo, numa solidão cada vez mais...oca – encarou as mãos, nesse momento dispostas em concha, como que a segurar uma bola imaginária, e os seus olhos encheram-se de lágrimas – porque não tinha propósito, percebes?

Levantou os olhos chorosos para P que a ouvia, concentrado, sentindo cada palavra. Não falou imediatamente. Estava a reunir os seus pensamentos, a incluir tudo o que tinha ouvido e a auscultar os seus próprios sentimentos. Exausta e fungosa, L deslizou sobre ele

à procura de um abraço. Ele amparou-a imediatamente, deixando que ela poisasse a cabeça no seu peito. Falou, então, enquanto ela lhe ouvia o bater do coração.

- É verdade que me senti muito magoado...talvez como nunca me tinha sentido antes. E acredita que não tinha a ver com as tuas relações, que eu respeito. Sempre soubeste que sou aberto e que quero, acima de tudo, que as pessoas sejam felizes. Mas era ver-te cada vez mais longe, mais inacessível, que me trazia o medo. Um pânico, mesmo, de já não poder estar contigo, de não te poder amar. E isso exacerbava comportamentos meus de que não gostavas...entrámos num ciclo vicioso. Mas depois comecei a perceber que talvez essa dor tivesse mais a ver com o meu orgulho ferido, do que qualquer outra coisa. Eu queria... tudo para ti. Tudo...e elevar-te a alturas impossíveis, conduzir-te a todo o Universo de uma só vez. Como se eu pudesse, ou mesmo sequer devesse fazer essas coisas. Estava convencido que era uma responsabilidade minha...não percebi, ou não quis perceber, que tu eras tu, só tu, a tua própria pessoa. E, se tinhas problemas...que eu poderia ajudar, mas nunca resolvê-los por ti – P falava para o espaço à sua frente, através do silêncio do quarto, além do qual se ouvia apenas a leve respiração de L – Acho que acabei por violar as minhas próprias fronteiras para te agarrar e, nessa sofreguidão, ultrapassei também os teus limites...Quando nos separámos ainda me atribuí razão, como se de alguma forma estivesse a sair de cabeça erguida. Em retrospectiva, vejo simplesmente que estava a fugir, como um animal acossado. Magoaste-me, é verdade, mas o que eu não estava a ver era que também poderiam existir razões para te sentires mal comigo...e o meu orgulho não me deixava ver isso. Só me apercebi quando senti verdadeiramente a tua falta. Quando a fragrância de outra pessoa já não disfarçava a saudade, vi-me sozinho, a debater-me com a diferença abissal entre o que achava ser a vida ideal e a realidade...E, mais, que a realidade não seria a parte má, mas pelo contrário. Vivia iludido, pelo que foi um acordar difícil – baixou o queixo e demorou-se a contemplar o corpo que, agora mais sereno, descansava sobre o seu. Fez uma longa pausa, durante a qual se deixou envolver pelo silêncio do quarto – Também chorei, andei por aí como um zombie, e até descurei a minha mãe, que nada tinha a ver com o assunto...

Secaram-lhe as palavras na boca, já não encontrando mais justificações nem explicações. Sentindo o final da intervenção de P, L levanta a cabeça do seu peito, seguindo com um

movimento para trás, olhando para ele, sustentada por toda a frontalidade e nudez do seu corpo.

- Fomos um par de tontos – L disse-o sem qualquer ironia ou sorriso. A sua seriedade deixou P sem mais recursos, que respondeu numa voz trémula.

- Sim... - acrescentou, sorrindo com os lábios, mas transmitindo dor e arrependimento no olhar – não havia necessidade. Não sei mais o que te dizer...

- Deita-te aqui ao meu lado – L deslizou na direção da almofada, à direita de P. Ele seguiu-lhe o movimento, obedecendo, fitando os seus olhos amendoados – e não digas mais nada.

Não havendo mais nada a dizer, abraçaram-se, sentindo o seu cheiro a pele, a suor e a sexo. Acabaram por adormecer.

Sonho de P

Ponho os pés no chão. Está gelado, como se tivesse estado anos voltado para o céu, à noite. Noite...é tudo o que se vê lá fora. Um manto eterno de estrelas, aparentemente estáticas no firmamento. Belo, mas parado, onde nada acontece. Sinto náuseas, uma fraqueza...parece que vou cair. Não sei quanto tempo dormi..., mas devia saber. Anos. Décadas? Tateio à minha volta, enjoado, com vontade de vomitar, mas o estômago não reage por não funcionar há tanto tempo. Comida, onde está a comida? Afasto-me da minha cama de hiper-sono. Arrasto os pés sobre o pavimento coberto com uma finíssima camada de pó, que parece brilhar à minha passagem. Está tudo às escuras, exceto algumas luzes de presença. Penso em encontrar-te, só em encontrar-te. Procuo a tua imagem algures no meu cérebro atordoado, mas apenas fragmentos desfocados me vêm à memória. Percorro um caminho sinuoso por entre centenas de camas, uma contagem de débeis sinais de vida. Não sei quanto tempo passou, mas lá vou recuperando a consciência. Encontro comida. Sinto-me agora capaz de erguer mais as costas...não será isso uma das coisas que nos distingue dos animais? Ereto, continuo a caminhada, ouvindo apenas o repetir mecânico dos meus passos, mas o desespero começa a despertar em mim, num murmúrio. O silêncio cobre a nave como um manto escuro. Em qual cama estarás? Parecem todas iguais, como

uma exposição de estátuas, inertes e polidas. Finalmente recordo o teu sorriso, no dia de partida...O teu olhar cúmplice. Sim, estávamos a representar a humanidade. Maior reconhecimento não poderia haver. Sou atravessado, repentinamente, por recordações sensoriais. O teu calor a atravessar-me. Um longo abraço antes de te deitares. Dizes-me que nem acreditas que vamos dormir durante vinte anos...nem parece real. Eu sei. Deitas-me um olhar de desafio. Vamos colonizar o Universo, topas? Primeiro olho para ti com olhos enormes, da excitação, depois reduzidos a frinchas, numa confiança. Contigo, atiro-me para dentro de um buraco negro. Rimos. Fico a observar-te enquanto adormeces. A tua expressão pacífica, relaxada, ainda com um resquício do sorriso anterior. A deslizar para um sono profundo, sem sonhos. Agora apenas uma sobrevida, controlada por computador. Reparo que tenho a mão sobre o vidro, diretamente sobre o teu coração. Já não o sinto bater. Numa derradeira tentativa de me aproximar de ti, encosto a cabeça à tua, só que do lado de fora do vidro. Sinto a sua superfície fria, ao beijá-lo. A memória triste, mas doce, desvanece-se. Ainda estou na nave. Perdido, atarantado como uma barata tonta. Onde estás? Ponho as mãos sobre as camas. Pessoas. Homens, mulheres, crianças. Toda esta gente com quem vamos partilhar um novo planeta..., mas não te encontro. Avanço por corredores labirínticos, mastigando barras de cereais. O desespero ameaça transformar-se em pânico. Nada, não te encontro. Começo a andar mais depressa, mas na crescente sensação de estar a perseguir a minha própria cauda. Sinto-me a vaguear em círculos. Finalmente, passo por uma cama vazia, sem nome. De quem será? Terá sido a tua? Assaltam-me questões, às quais não sei responder. Faço perguntas ao computador. Nada, não sabe de nada. O pensamento acerta-me como um soco em cheio no estômago: não vieste. Não percebo porquê. O pânico invade-me. Grito. O computador recomenda-me um sedativo. Enquanto agonizo, lá fora tudo continua sereno. Espaço, parsecs de espaço só com estrelas e galáxias sobre a vasta cortina da escuridão. Toda a vastidão do Universo é insignificante sem ti. Deixo um rasto de lágrimas sobre o chão frio. De repente, a nave abana. Olho de um lado para o outro, frenético, movido por um aluxo repentino de adrenalina. Mas nada vejo, porque nesse instante até as luzes de presença se apagam. A minha cabeça parece explodir. Corte de energia? Ficam as camas alimentadas pelo gerador de emergência. Tento comunicar com o computador, que não responde. Tropeço. Tento agarrar-me a qualquer coisa. Sinto o suor a escorrer pelas patilhas e a face a ruborizar.

Levanto a cabeça, e já vejo alguma coisa, as luzes de presença voltaram, mas com intermitências. Olho para a mão e vejo sangue. Como? Outro abanão. Desta vez caio redondo no chão, batendo com a cabeça. Só por milagre não perco os sentidos. A dor propaga-se pelo meu corpo como uma onda no meio de um charco. Ouço um estalido e tudo se apaga em definitivo. Foi-se o gerador de emergência. Centenas de mortos. Não ouço nada. Não me ouço gritar. Escorrego por cima das híper-camas. Nada funciona. Sinto a garganta a arranhar. Levo as mãos ensanguentadas à cara. Não... Não! Não!! Não!!!

Capítulo V

L começava a compreender, ao sentir-se cada vez mais grávida, que não há nada que transforme tanto uma pessoa como conceber uma nova vida. Muda a perspetiva, muda o tom, muda o objetivo. O mundo deixa de ser apenas um sítio onde vivemos, para se tornar um sítio para o qual vivemos. Encontramos amor onde não pensávamos ser possível, passamos a olhar para nós próprios de forma diferente. Cresce-se como pessoa, aprende-se tão mais profundamente que é como se fosse outra a vida que tínhamos antes da maternidade. Ser mãe é como nascer novamente. E, se realmente se agarrar a oportunidade, a transformação torna-nos maiores, mais capazes. Mais sábios. Ganha-se uma consciência única, uma visão tão abrangente quanto profunda dos nossos limites, ao mesmo tempo esclarecedora e capaz de os expandir.

Se tinham existido dúvidas relativamente ao desafio proposto por C, nenhuma restava agora. Carregando uma vida no ventre, só fazia sentido palmilhar o mundo para inspirar outros a levar vida humana a outros planetas. Decidiu ligar a C uns dias mais tarde, enquanto tomava o pequeno almoço. De facto, olhar para o prato de flocos e pôr os pensamentos em ordem era das melhores formas de tomadas de decisão que conhecia. Poucas distrações e baixa atividade cerebral tornava-o possível. Remexia com a colher no fundo do prato, à cata dos últimos flocos.

- Budge?

- Tou sempre cá, como sabes. Ah, e bom dia.

- Bom dia, Budge. Liga-me ao C, por favor.

- Atendes na chapa?

- Não é preciso. Mete a chamada aqui na cozinha. Obrigado.

- Já está a rolar.

Levanta-se e põe o prato em cima da bancada. Distraidamente observa o autómato da cozinha a recolher a loiça e a pô-la na zona de lavagem.

Do outro lado, C esfrega os olhos, ainda deitado na cama. Passa as mãos pela cara, pela barba por fazer, enquanto a sua chapa dá sinal em cima da mesa de cabeceira. Às apalpadelas, carrega na chapa para atender e deixa-se cair novamente na cama.

- C?

- L...és tu? – a voz ainda lhe sai rouca, a garganta a recuperar das horas de sono.

- Conte comigo.

C leva uns segundos a processar. Abre os olhos completamente, agora. Levanta as costas, apoiando-se nos cotovelos.

- Ótimo. Vem então ter comigo à Torre. Já te envio mensagem com as horas. Até logo.

L desliga a chamada. Não há necessidade de despedidas, quando o reencontro está para breve. Entusiasmada, começa a arranjar-se energicamente. P dorme descansado. Os últimos dias tinham sido uma espécie de lua-de-mel tardia. Só namoravam, comiam, caminhavam na floresta, dormiam. Nem lhe passava pela cabeça ir para o atelier. Faziam amor onde quer que lhes apetecesse, na cama, na banheira, deitados entre os arbustos, uma vez até na casa-de-banho do sensor-cinema. Sabiam não ter muito tempo, pois P iria brevemente começar os testes e exercícios para a viagem a Marte. Também tinha sido uma forma de se preparar psicologicamente, longe do laboratório e dos preparativos relacionados com a missão. O que podia ser melhor do que uma boa dose de amor, para dar alento a uma viagem?

A Torre era um espeto, um pico urbanístico no meio da cidade, construída num lugar onde, em tempos, tinha funcionado uma feira de divertimentos populares. Um terreno central, mantido desocupado durante décadas, onde, a meados do século, fora decidido construir um marco em altura. Era um edifício bastante especial, na época fora verdadeiramente revolucionário, pensado para albergar produção agrícola biológica vertical, habitação, espaços de trabalho e uma estação de purificação do ar. Num rasgo de previdência futurista, até incluía alguma infraestrutura de base para que pudesse servir como ponto nodal na futura rede global de comunicação com inteligência extraterrestre. Elevava-se a cerca de trezentos metros do solo. Era a torre mais elevada da cidade, fornecendo um

ponto alto e inconfundível sobre o que era, de resto, uma panorâmica de construção essencialmente rasteira. Na base da Torre vivia um jardim denso de árvores frondosas e caminhos sinuosos, salpicado com pontos de água, atraindo patos, sapos, e um sem-fim de espécies de insetos. C esperava por ela junto à entrada Norte. Reconheceu imediatamente o cabelo grisalho e a cara redonda, impecavelmente barbeada. Os olhos escondidos atrás de uns pequenos óculos escuros e ovais, sem hastes laterais. Encontraram-se no crepúsculo, as suas sombras tornavam-se minúsculas quando comparadas com a faixa escura projetada pela Torre, sobre as ruas e prédios a Este. Cheirava a fresco. C estendeu-lhe a mão, como lhe era habitual, e L retribuiu o gesto de imediato, acrescentando um breve abraço, desconcertando C. Estava bem-disposta. Sentia-se bem, viva, sexy. Nas suas calças largas favoritas e camisola branca, muito justa, de mangas cavas, sentia-se poderosa, desperta, pronta para enfrentar o que quer que fosse.

- Vamos até lá acima – A entrada Norte albergava várias espécies de interior, tendo entrado com eles algumas rolas e andorinhões que tinham conseguido fazer o ninho naquela zona mais protegida. Seguiram pelo caminho percorrível, limpo várias vezes ao dia por robots dedicados a recolher, essencialmente, o excremento de pássaro, até ao núcleo do edifício, onde estavam concentrados os elevadores principais.

- Lá acima...à cobertura? – L tentava ligar esta visita à Torre com o trabalho que C lhe tinha proposto. Em todo o caso, não o tinha aceite por saber tudo o que ia acontecer.

- É mesmo para lá que temos de ir. Vais ver que vais gostar.

Com duas mudanças de elevador e paragens em vários andares, levaram dez minutos a lá chegar. A cobertura era ocupada com contentores, onde cresciam plantas, painéis solares e uma miríade de outros equipamentos. O espaço disponível para circular era escasso, mas C conhecia os cantos à casa e orientou-os para uma clareira, entre a maquinaria e os arbustos, habituados ao vento. Era a zona de estacionamento do auto guindaste de limpeza do edifício. De um dos lados desse espaço estavam preparados dois módulos de asas. Para a frente, do outro lado da vedação, a cidade estendia-se até ao rio que molhava, na outra margem, uma parede de verde e rocha. Para a direita, um ondular de montes e vales, polvilhados de construção, extensões agrícolas e floresta, até chegar ao mar. Tinham o mundo a seus pés, pelo menos visto deste ponto até à linha do horizonte.

- Mas isto é o quê? Voltamos para baixo nestas engenhocas?

C largou a pasta que trazia num canto protegido. L fez o mesmo com a sua mochila, sempre olhando para ele em busca de uma resposta. C manteve o silêncio, enquanto se equipavam, embora mostrasse claramente a L como se vestia o fato, em gestos precisos de especialista. Com todos os pormenores acertados, esperaram, momentaneamente, à frente um do outro, ao lado do precipício. O vento forte já não movia cabeleiras nem roupas, sendo que todos esses elementos estavam agora devidamente arrumados sob a camada protetora dos fatos, constituídos por leves, isolantes e flexíveis fibras de carbono. A sofisticação dos fatos era coroada por um capacete de proteção e comunicação, alojando o computador de bordo, o cérebro e motor de controlo do fato. Mesmo com o capacete, C manteve os óculos sem hastes, mantidos com firmeza sobre o seu nariz. Quase gritou.

- Para baixo? Não! Para a frente, para cima, de um lado para o outro... vamos voar! Mas não te preocupes que não te deixo cair – Disse C para L, aproveitando para testar o intercomunicador, agora que ambos já tinham os fatos vestidos. O aspeto é estranho, mas apenas enquanto se tem os pés assentes na terra. Os pássaros também só são verdadeiramente graciosos quando voam – Isto é literalmente um fato com asas, e jatos que permitem seguir em qualquer direção. O computador não nos deixará embater contra coisa nenhuma, tomando conta do voo em situação de emergência ou, se quisermos, marcar um qualquer destino em modo automático.

- Sim, Ok...mas porquê? – L sentia-se como se estivesse na pele de um pinguim, com os braços encravados naquelas asas e os pés enfiados numas botas pesadíssimas. Enquanto isso, e depois de tratar do fato de L, C dedicava-se a realizar os últimos ajustes no seu.

- Chamo a isto voo inaugural. Faça-o com todos os novos membros da equipa. Quero que todos sintam a vertigem, a adrenalina, o puro prazer de voar. É perfeitamente seguro. Estás pronta?

[Não tenhas medo. O medo é o assassino da mente]. Agora, de frente para o abismo, L olha para baixo. [Confia]. C fala calmamente através do intercomunicador.

- O comando é intuitivo. É mesmo como se fosses um pássaro a planar. Inclinas os braços para um lado e viras. Fazes pressão para cima e sobes. Para baixo e desces. Braços para trás e aceleras, para a frente e abrandas. É possível estacares no ar, sendo que os motores

se ajustam para te aguentar na posição onde estás. Basicamente, o computador está sempre sob controle do fato, tu simplesmente vais fornecendo o teu input. Como te disse, é perfeitamente seguro. Programei o voo para uma hora, mas há energia elétrica no fato suficiente para muito mais do que isso. Em todo o caso, na situação improvável de falta de energia, o computador deteta-o e toma controlo completo do fato até chegares a um local seguro. E, mesmo nessa altura, há acesso a um backup energético de emergência com o suficiente para meia-hora de voo. Vamos a isto?

A uma indicação de C, viram-se os dois para a extremidade da cobertura. L roda a cabeça e o seu capacete de fibra de carbono para C. Relaxa as mãos, enquanto segura no apoio sob as asas. Acena-lhe afirmativamente. Com a ordem de levantar dada por C, ambos descolam da cobertura. Após um minuto de habituação, L consegue seguir no encaixe de C. Descida acelerada para a direita. Panorâmica mais lenta para a esquerda. Circulam ainda à volta da Torre.

- Que tal se nos guiasse até ao mar? – A voz de C ouve-se quente e próxima pelo intercomunicador, como se estivesse dentro do fato de L.

- Eu...à frente? – L ziguezagueava uns vinte metros acima das antenas mais altas da Torre.

- Sim, porque não? – Antes de C acabar de responder já L acelerava com as asas puxadas para trás, com os olhos arregalados. C apanha-a um pouco mais à frente, voando com ela lado-a-lado, em direção ao mar. Cem metros abaixo, sucedem-se manchas florestais, telhados e painéis solares. Casulos voadores cruzam o espaço entre eles e o chão. L prossegue aos ésses, para cima e para baixo, agora nitidamente a divertir-se na sua nova pele de pássaro. Atravessam a linha da falésia à velocidade máxima. L força um voo picado, para rasar a rocha, obrigando o computador a ajustar a rota. O Sol de oeste projeta duas velozes sombras sobre a parede de pedra. C não comenta, confiando plenamente no sistema. Junto à costa, sobrevoam praias, ravinas, ribeiros. Cortam tangencialmente à linha da rebentação, que brilha sob a luz do fim de tarde. Lá em baixo, algumas pessoas acenam ao par de pássaros humanos de passagem. Sobrevoam o estuário, competindo pelo espaço aéreo com as gaivotas. Passam por baixo de uma ponte, e de outra ponte. Por cima do casario e das hortas nas coberturas. Próximos o suficiente para distinguir as alfaces, os tomates e os feijoeiros. Voam até ao limite da cidade, acompanhando o relevo e sentindo a

turbulência do ar por trás das turbinas eólicas. C aponta para as enormes instalações de reciclagem, essenciais máquinas metabolizadoras. Recolhem todo o tipo de resíduos, encaminhando para os centros produtores os mais diversos materiais, alimentando e mantendo o metabolismo da cidade a funcionar. De volta à Torre, perseguem-se e brincam no ar uns derradeiros minutos, antes de finalmente pousarem os fatos na cobertura.

- Nunca vi ninguém sentir-se tão à vontade num voo inaugural – C retira o seu capacete ultraleve.

- O que eu senti foi o computador a impedir-me de cometer suicídio um par de vezes – C acena com a cabeça, concordando, calmamente.

- A partir de agora vão ser outros os voos, não menos desafiantes ou excitantes...na minha opinião - Após ambos terem despido os fatos, C carrega no botão para o fecho automático de cada um deles – Até porque já tenho uma viagem para ti. Uma espécie de batismo de fogo. Mas nada que justifique muita preocupação. Eu vou lá estar e, em todo o caso, os argumentos são sempre os mesmos, só mudando ligeiramente as roupagens. Vais ver.

Despiram os fatos voadores, deixando-os na cobertura onde, mais tarde, C terá de voltar para os recolher com um drone de carga. Desceram a Torre em silêncio. L ainda recuperava da excitação e adrenalina, focada, agora, em baixar o seu ritmo cardíaco. C fazia cálculos de cabeça quanto às horas, os transportes, a logística para a viagem que se aproximava. Era uma representação formal, mas estava confiante que L ia estar à altura do desafio. Sentia nela uma força rara, uma determinação à prova de expectativas e de falhanços.

O Clube era um prédio na Baixa. Reconstruído com a traça antiga, estava localizado suficientemente alto na encosta para não ter pisos debaixo de água. Era uma espécie de catedral do som, da imagem e do convívio noturno. Estava sempre cheio. A entrada era livre, mas naturalmente que a gerência limitava a entrada de mais pessoas acima de um determinado limite, para garantir um funcionamento suave e prevenir acidentes. Lá em baixo era a pista de dança, um espaço amplo com paredes altas. Aí o som era envolvente, as luzes brilhantes, o contacto garantido entre corpos suados. Pouco indicado para conversas. Isso era mais para o nível térreo, onde estava o bar principal. Confusão,

bebidas, mesas, cadeiras, conversas cruzadas, e música ao vivo para juntar à festa. Muitos dos que entravam não passavam daqui, satisfazendo as suas necessidades sociais com um par de copos de cerveja e dois dedos de conversa. Mas havia ainda quem subisse outro piso e se instalasse no *lounge*, para o relaxamento com música de fundo, decoração sensorial e disposição orgânica do mobiliário. Tudo para proporcionar um lugar de reflexão e de troca de ideias. Também aí se localizam os muito requisitados quartos, para encontros fugazes e menos fugazes. Escada acima há comidas, mais ou menos rápidas, conforme o apetite. E, finalmente, a cobertura, um lugar de silêncios e íntimas conversas, beijos e abraços discretos sob o manto estrelado. Vieram para a despedida de P. A sua partida para Marte aproximava-se, daí a nove semanas já não pisaria solo terrestre. E depois esperariam meses pelo seu regresso, ou mesmo uma eternidade, embora esse fosse um cenário que faziam por afastar. Afinal, era um dia de festa. X, T, S, B, Q, todos apareceram, trazendo mais amigos consigo. Ocupando várias mesas, levantaram o copo a P, brindando aos dias de amanhã, e ao de hoje. Por entre a bebida, as conversas cruzadas em alta voz e as gargalhadas, vertiam-se também algumas lágrimas, antecipando a saudade. Para estancar de vez esse espectro, nem que por essa noite fosse, foram suar para o piso de baixo. As mulheres dominavam as danças, como de costume. Sensuais e expansivas, agarravam tudo e todos. L estava como que em transe. A atenção de P centrava-se nela, registando na sua mente uma imagem perene: rastas rebeldes a esvoaçar, olhos cerrados, corpo elástico, suado, com os braços luzidios. Era aquela entrega que o impressionava; algo que ele não conseguia, não daquela forma. Como uma morsa atraída à luz, chegou-se a ela, aproveitando um abrandar da música. Enlaçou-a pela cintura e baixou a cabeça, encostando-lhe os lábios à orelha.

- É isto que levo comigo para a viagem. Esta tua força, sensualidade...e inteligência.

Esfregam as camisolas suadas um ao outro. Ela beija-lhe o pescoço e ele fecha os olhos, perdendo a direção. Deixa-se encaminhar para um canto, onde podem continuar a falar a um centímetro do ouvido um do outro. A música, entretanto, volta a ganhar embalo.

- Nem te conto o que chorei – P afasta ligeiramente a cabeça, para poder olhá-la profundamente, sobre o fundo multicolor. Uma expressão de dúvida tinge-lhe as feições. Pela primeira vez em muito tempo, vê L na sua verdadeira vulnerabilidade. Tenta gracejar.

- L...de lamechas.

A resposta foi um inaudível, mas perfeitamente perceptível “Desculpa”, desenhado claramente com os lábios. [Desculpa...Desculpa, P. P, desculpa, desculpa...] Encostaram as testas, sentindo o deslizar sobre a gordura da pele e a transpiração. Beijam-se, sentindo o travo a sal da transpiração nos seus lábios. Não há nenhum sítio pré-definido para pedir desculpas, nem para perdoar. Deixaram-se ficar abraçados. O momento é interrompido por umas pancadinhas no ombro de P. É X a requerer a sua atenção.

- Posso pedir-te emprestada essa dama? – X berra a plenos pulmões. Vem suado, desgrenhado e envergando aquele semblante alegre e persistente da bebida. Olha para cima para P, estendendo a mão a L. P e L descolam as camisolas, à frente do sorriso escancarado de X, ainda a arfar da dança. L, excitada, finge que é uma criança, puxando o pulso de P.

- Ó P, vá lá, vá lá...deixa-me ir, vá lá – faz cara de beicinho. P deixa-se ir na paródia, armando um ar bonacheirão e condescendendo a entrega da donzela. L dá uns pulinhos de entusiasmo e agarra-se a X, olhando para trás para P soprando beijos e soletrando com os lábios “Amo-te”. Comovido, P observa-os enquanto se misturam na multidão, de mão dada, até já não os distinguir da turbe. A música envolve tudo. Apanhado de repente pelo cansaço, decide ir até à cobertura. Segue lentamente pelas escadas, sentindo cada degrau, alheio ao sobe e desce constante das pessoas à sua volta. Cruza-se com B no *lounge*, à saída da casa-de-banho.

- Não me apetecia acotovelar pelo meio do mulherio entre a sanita, o lavatório e a porta, portanto vim a esta – debate-se com o cabelo, enquanto faz um apanhado atrás da cabeça. P sabe que não precisa de ajuda, mas ainda assim oferece o seu préstimo.

- Deixa que eu faço – P vai-lhe mexendo no cabelo devagar. Alisando, massajando.

- Gosto dela – B vai rolando a cabeça, descontraindo o pescoço aos poucos – Ela é assim um bocado doida...como eu.

- Vocês são todas umas doidas... - P soletra, para ele próprio, enquanto observa a nuca de B.

- Vocês são quê?...

- Uns amores...você são todas uns amores – Compenetrado, dá o jeito final ao elástico em volta do cabelo de B. Para terminar, põe-lhe as mãos sobre os trapézios, massajando levemente. Sopra-lhe ainda para o pescoço, em jeito de carícia final. Surpreende-se quando ela se vira de repente e o beija à queima-roupa.

- Tu é que és! – e, com um brilho nos olhos, pega-lhe nas bochechas e beija-o outra vez – Mas olha, nem penses em emigrar para Marte...aquilo é um desterro e além disso tens muita coisa aqui à tua espera. Ouviste?!

- Sim, senhora – P acede vigorosamente, colocando-se em sentido.

- Bonito menino – riposta B, num terno tom ameaçador, enquanto P relaxa a espinha dorsal com um sorriso cansado nos lábios – Olha, vou para as catacumbas, passar-me da cabeça. Vens?

- Naa...Eu vou lá para cima. Preciso é de espairar a cabeça – gosta mesmo daquele olhar alucinado de B, tão diferente de L – e ver se as estrelas me dão a coragem que preciso para a viagem...

- Vê se não vais é a lado nenhum, que ainda tenho muito para fazer contigo - vai andando em direção às escadas, elevando a voz e fazendo girar algumas cabeças. Uma miúda incapaz de não chamar à atenção.

- Hoje não vou a lado nenhum...amanhã, quem sabe? – Murmura P, sabendo que B já não o ouve. No fundo sente medo, e o peso da responsabilidade. E a clara noção de que, efetivamente, tem a sorte de contar com pessoas fantásticas.

Segue placidamente escada acima, até à cobertura. Lá em cima silêncio, murmúrios, vultos solitários e em pequenos grupos, fracamente iluminados por uma lua em quarto minguante. Encosta-se à guarda e olha para cima, à procura de um reflexo de Marte. Sabe que não há muito a reçar, afinal trata-se de uma viagem já realizada com sucesso dezenas de vezes. Mas ainda assim...Baixa o olhar para a encosta, do outro lado do vale urbano. Vê algumas luzes a entrecortar a escuridão, batida pela brisa noturna que traz o restolhar de folhas e sons crepitantes de insetos. Inspira profundamente o ar fresco. Solta-o devagar, sentindo os lábios a aquecer com a expiração tépida. Ouve alguém a respirar o seu lado. Apura o ouvido, a ver se descobre quem é.

- P – X fala para a frente, também a contemplar o vale – Entre o medo e o amor, nós escolhemos o amor. Nós vemos-te.

P volta a cabeça para o lado, encarando o perfil sereno de X.

- Sim, eu sei. Sim – acena agora, olhando para os pés e agarrando o guarda-mãos com os braços esticados – X?

- Sim?

- Cuida bem dela, Ok?

Olham-se agora de frente, nas suas caras pálidas sob o luar, P ainda vergado e apoiado no varandim. X carrega uma expressão sóbria, acenando afirmativamente. P endireita as costas e põe a mão esquerda no ombro de X.

- Eu confio.

Passa um casulo voador sobre as suas cabeças, num zumbido a cortar a calma da noite. Ficam os dois a vê-lo passar e a descrever uma curva longa à direita, até desaparecer por trás da colina. Deixam o silêncio trespassar o espaço entre eles, num abraço aveludado. Os seus pensamentos temperados pelas últimas palavras proferidas. Na confiança de que o amor e a amizade constituem o caminho, mesmo quando este se torna difuso e nublado na incerteza. Deixam, por instantes, que esse silêncio afogue o tempo.

Chega adiantada à estação. Quando a necessidade ou o entusiasmo são grandes, evitam-se os atrasos. A estação era um amplo espaço subterrâneo. Linhas curvas, betão à vista, bem como largas condutas de ventilação. Curiosamente, um volume bastante luminoso, a ajudar a decoração minimal. Enquanto esperava por C decidiu sentar-se na esplanada, assente sobre um balcão suspenso sobre a linha, e consultou a chapa. A estação estava enterrada a cerca de quinhentos metros de profundidade, para que o comboio pudesse circular no túnel subaquático, a oitocentos metros abaixo do nível do mar. O Maglev, essa máquina fantástica, era um comboio de levitação magnética que se deslocava num túnel de vácuo. Aliás, havia dois túneis, dentro de uma casca cheia de ar e completamente estanque. A ideia era manter o conjunto agarrado ao fundo do mar, limitando os movimentos do túnel. Lá dentro circulava o comboio, num dos dois túneis mais pequenos aos quais se retirava

todo o ar, para reduzir o atrito da deslocação ao mínimo. Apesar destes dois túneis, apenas circulava um comboio. Não se podiam correr riscos a oitocentos metros de profundidade, portanto o sistema estava preparado para transladar o comboio de um túnel para o outro em caso de emergência, selando a via em que circulava anteriormente. Nunca tinha viajado num Maglev, mas a gestão do transporte garantia que não se sentiam os mil quilómetros por hora em velocidade de cruzeiro. Em vinte anos de operação nunca tinha acontecido um acidente. [Vamos lá experimentar esta coisa]. Viajava leve. Uma única mochila, a chapa, e a roupa sobre o corpo. Mais do que suficiente para uma viagem intercontinental.

- L, só para saberes, o C está a um minuto e trinta segundos daqui.

- Budge, sabes que não gosto disso de andar a seguir as pessoas.

- Deixa-me recordar-te que há uma forma muito simples e absolutamente voluntária de passar despercebido. Basta desligar a chapa.

- Eu sei, Budge, eu sei...mas mesmo assim. É desconfortável.

- Bom, da próxima vez já sei.

- Dizes sempre isso, Budge.

- Vá, não são horas de iniciar uma discussão – C apresentava-se acetinado, como de costume. Calças e casaco pretos, com umas listas brilhantes sobre o fundo mate, rematando com os óculos sem hastes, também negros – Discussões são para o plenário. Vamos? O Maglev já entrou na linha.

Desceram para o comboio. Lá dentro, arrumavam-se três linhas de pares de cadeiras, numa cápsula interior quase sem janelas. Nas paredes elípticas, paisagens de cores suaves vão passando lentamente, à medida que as pessoas entram e ocupam os seus lugares. O ambiente é calmo e confortável. Pouco depois de L e C se sentarem, aparece uma comissária de bordo a perguntar delicadamente se querem comer ou beber algo. Ambos aceitam chá. As paredes interiores adquirem o azul profundo do mar. Paisagens marinhas seguem-se. Para quem quer trabalhar ou distrair-se, há ligação à rede. C aproveita para pôr L ao corrente da situação.

- Sabes, L, eles estão ocupados com muita coisa. Estão ali em representação de mais de mil localidades. Ou vinte milhões de pessoas. É muita gente e muitos recursos para gerir – C vai bebericando o chá, ainda demasiado quente. O comboio arranca suavemente.

- Isto vai correr bem, não vai?

C exhibe um sorriso confiante.

- Claro que vai. Só temos de fazer a nossa intervenção na altura devida e depois deixá-los deba...

- Referia-me ao Maglev – L mantém-se sentada muito direita, voltada para a frente – é que, não sei... nós vamos andar debaixo de água.

- Oh, claro que sim. Há vinte anos que ando neste comboio e sempre foi assim... uma relaxante e perfeitamente segura viagem – olha à volta, a contemplar um cenário para ele já familiar – a situação mais preocupante que me consigo lembrar foi quando anunciaram, a meio da viagem, que tinha havido um erro no processamento automático do economato do comboio, e que poderiam não conseguir garantir o fornecimento de café a todos os passageiros até ao fim da viagem... Como deves imaginar, ninguém entrou em pânico. Os consumidores de café mais assíduos terão levantado o sobrolho, mas parece-me que nem a esses terá faltado o café – bebe mais um golo de chá – acredita que é seguro.

- Percebi a ideia – vira-se agora para C, nitidamente mais relaxada – Na pior das hipóteses participamos na reunião por videoconferência, a partir de uns escafandros.

- Seria mais a partir de umas salas estofadas com ar condicionado, enquanto os técnicos reparavam a avaria – convida L a experimentar a infusão de ervas silvestres, com um aroma adocicado – mas é como te estava a dizer. O assunto não é novidade para eles. Acontece apenas que esse é só mais um assunto, entre muitos. No entanto, posso dizer-te que se nos estão a convidar para estar presentes é mesmo porque acham fazer diferença uma exposição presencial. Porque já têm o nosso relatório para a região, há mais de um mês. Com tudo a correr na normalidade, já todos o terão lido e pensado no assunto. Isto para além, obviamente, de todas as discussões já tidas ou presenciadas, sobre este assunto, nas suas respetivas localidades, tal como nós temos tido na nossa.

[Vinte milhões de pessoas...] A viagem foi, tal como C previra, muito tranquila para os cerca de trezentos passageiros, a quem não faltou nada. O Maglev realizou a viagem rigorosamente no tempo previsto. A viagem interestelar também seria assim, no sentido em que também seria controlada por computador, num piloto automático. O controle manual de tais equipamentos estava reservado para situações de emergência, e apenas a pedido expresso de técnicos autorizados para o efeito. O problema era o mesmo de sempre: o ser humano é limitado na sua capacidade de resposta e de análise. Além disso, os seus sentimentos, muitas vezes em desenvolvimento a níveis inteiramente subconscientes, poderão facilmente colidir com as necessidades de gerir uma nave a um quilómetro de profundidade ou nas profundezas do espaço sideral. Era uma questão de saber bem separar as águas: certas tarefas e decisões eram melhor tomadas por máquinas, outras deveriam ser realizadas por seres humanos. A estação de chegada era muito semelhante à de partida. Uma casca interior muito alta, na simplicidade e crueza do betão à vista. A diferença principal sentia-se no ar que se respirava. Desde logo se notava a maior densidade do ar húmido dos trópicos, mesmo àquela profundidade. O ser humano é filho do clima.

- Se a Terra fosse toda igual, não se conseguia aqui viver – C segue bem-disposto, ao lado de L, em direção ao elevador que os irá levar à superfície. L sentia-se bem, inspirando profundamente. E se ela estava bem, também estaria a nova companhia que carregava no seu ventre. Lá em cima estava quente, e húmido. Tal como na cidade de onde tinham partido, havia muita água. Havia, literalmente, prédios a sair de dentro de água. Claro que já tinha visto fotos e vídeos de sítios assim, mas não deixou de se impressionar com os surfistas a arriscar entrar nos desfiladeiros de certas ruas, sobre o colorido dos peixes a rebrilhar nas águas cristalinas pouco profundas. A saída da estação, em si uma colossal obra de engenharia, fazia uso de uma das ilhas da baía, há muito desabitada, desde o momento em que o mar decidiu invadir os jardins das mansões aí implantadas. O que outrora fora uma ilha privada, onde privilegiados jogavam golfe, passara a ser o porto de acesso ao famoso túnel do Maglev, património da humanidade.

Do comboio passaram para o barco. O barco, aliás, passara de um meio de transporte acessório, nas últimas décadas, para uma opção essencial nas cidades costeiras agora com vastas zonas inundadas. Havia uma enorme embarcação a fazer a ligação entre o terminal do Maglev e o estuário do rio, atravessando toda a baía interior, mas C preferiu reservar

com antecedência um autobarco, mais pequeno, leve e rápido. Além disso, levá-los-ia diretamente ao local da reunião, a uns trinta quilómetros de distância, subindo o rio. L foi todo o caminho de cabeça ao vento, a descansar os nervos e a espairar as rastas. Mesmo assim, foi quase uma hora de caminho. À chegada estavam esfaimados, mas tiveram sorte por encontrar uma carrinha com cachorros quentes na praça mesmo à frente do edifício onde seria a reunião. Devoraram as salsichas de tofu e as batatas doces fritas com entusiasmo, ficando a digerir a comida na extremidade da escadaria, junto às palmeiras, a contemplar as idas e vindas sobre um rio que já fluía quando aquelas margens só tinham solo fértil, arbustos, palmeiras e um sem-fim de insetos.

- Está na hora, L – C coloca os seus característicos óculos sem hastes sobre o nariz, levantando-se com prontidão.

- Sim, vá. Isto vai ser canja – em jeito de preparação, enlaça um par de rastas em torno das restantes, não fosse uma delas passar-lhe à frente da boca enquanto discursava.

Entraram. Havia gente de todos os tipos e feitios. Vestes mais formais, com as insígnias e geralmente linhas direitas dos uniformes oficiais. Outras envoltas em panos coloridos, resultado da profunda mistura de pessoas naquela região do mundo. Cabeças rapadas, cabelos cuidadosamente puxados para trás, rastas, e alguns com penteados coloridos com cores berrantes. Olhos azuis, castanhos, verdes, sobre peles brancas, castanhas, avermelhadas, amareladas e algumas quase negras. Alguns assumiam membros biónicos, que certamente escondiam acidentes ou a consequência de tratamentos radicais face a doenças ferozes. Mas todos mantinham posturas eretas, embora descontraídas, na confiança das suas capacidades enquanto responsáveis e representantes de comunidades inteiras de pessoas. Nesse momento começavam a reunir-se no magnífico hall, socializando alegremente. Todos queriam, no entanto, e apesar das suas diferenças, usar aquele tempo de forma produtiva, na consciência de que estar ao serviço da comunidade é gratificante, mas também cansativo e até duro por vezes. O ambiente era descontraído, mas em vários ecrãs espalhados liam-se os horários do alinhamento para a reunião, e ouviam-se os lembretes frequentes propagados pelo sistema de som. O auditório formava um gigante hemicírculo. Não era por acaso que esta forma já era utilizada pelos antigos, na sua experimentação com os primeiros sistemas democráticos. Combinava uma excelente acústica com um princípio de relativa equidistância em relação ao centro. Um burburinho

subia ao longo da altura da sala, desenhada para conter mais de dez anéis desnivelados onde se iam distribuindo os representantes. C e L procuraram o seu lugar e sentaram-se. Duas mil pessoas sentadas ao longo de uma enorme escadaria em semicírculo. Uma visão impressionante. Como convidados, ficaram-lhes reservados lugares nas laterais, embora beneficiando de uma perspetiva ampla e global sobre a sala. À hora exata foi iniciada a reunião, despachados rapidamente os preliminares. Na gestão de recursos o tempo é sempre escasso, e abundantes os assuntos em discussão. Tiveram de esperar umas boas duas horas até a sua vez de intervir. Mas L não se deixou aborrecer. Ao invés, intensificou a sua atenção ao que estava a acontecer, aprendendo mais acerca o que era isto de pertencer à espécie humana. Era absolutamente incrível como é que essa amálgama de gente conseguia manter-se junta, como que por milagre, dado existirem tantas possibilidades de discórdia e desconexão. O caos estava sempre à espreita, em qualquer esquina do caminho labiríntico percorrido pela humanidade. Isso era óbvio. Em todo o caso, era também evidente que máquina alguma poderia alguma vez tomar decisões inerentes à gestão da sociedade, senão a própria sociedade. A nossa existência como espécie não estava, de modo algum, assegurada à partida, apesar de toda a abundância na Natureza. Quando a maioria das espécies que alguma vez pisou este planeta já está extinta, o desaparecimento da humanidade não era apenas um risco real, mas quase um requisito estatístico. Se ainda cá estávamos era por uma perseverança invulgar, uma adaptabilidade fantástica e imensa sorte. E era por isso, sabia-o no íntimo, que tinha sido chamada a participar nesta reunião. Por isso, ela, estava ali.

- Senhoras e senhores do... - a senhora que geria a reunião, sentada em frente a uma grande mesa lá em baixo, por debaixo de um ecrã gigante que ia mostrando imagens de apoio, consulta o ecrã ao seu lado para se recordar de onde eles vinham – grupo executivo para a comunicação da rede terrestre de exploração espacial, têm agora a palavra – levantando agora a cabeça e perscrutando o espaço à sua frente à procura dos ditos enviados do espaço, encontrando C e L encostados à lateral – Cinco minutos a cada um, no máximo.

- Madame – era o nome convencionado para nomear a pessoa que geria a reunião, se fosse uma mulher – muito lhe agradeço, e a todos os presentes, a oportunidade de representar aqui, entre vocês, a rede terrestre de exploração espacial – C levantara-se, colocando o

auricular com o microfone incorporado – Serei muito breve, pois quem vai realmente apresentar o nosso caso é a minha parceira, L. Eu sou C, e há vinte anos que dirijo o grupo executivo para a comunicação da rede terrestre de exploração espacial. Bem sei que é um nome comprido, mas resumindo o que fazemos é iluminar, aqui na Terra, a ideia que as estrelas, por estarem lá tão longe, não conseguem fazer. Essa ideia é a de que não só podemos, como de certa forma precisamos, ir descobrir essas estrelas. De uma forma mais prática, de como é que nos organizamos para podermos chegar até lá, e implantar uma nova civilização. E, quem sabe, realizar contacto com outras espécies inteligentes com quem, estou certo, teremos coisas em comum. Mas a minha colega será mais explícita. Obrigado.

Passa o auricular a L, olhando-a de relance, querendo dizer: tu sabes o que tens a fazer. L põe o auricular e levanta-se, por uns segundos contemplando a sala na sua extensão e altura. Todas aquelas pessoas a olharem para ela, um silêncio total, em respeito e na expectativa de ouvir o que ela tem para dizer. [Vinte milhões de pessoas]. Pelo canto do olho, vê a Madame a levantar o braço e a agitar a mão. Começa a falar antes que o seu cérebro tenha dado a ordem de começar.

- Olá a todos, sou L. Só recentemente me vim a apaixonar pelo Universo. Sei que parece estranho dizê-lo assim, mas estou convencida que se não for por paixão, a exploração espacial está destinada ao fracasso. Isto porque a viagem interestelar não é um mero capricho ou competição. É descoberta e procura de um lugar da humanidade no Universo. É percorrer um pouco mais de caminho na nossa busca de identidade. De completar um pouco mais os vazios nas respostas às eternas questões: de onde vimos? Para onde vamos? Quem somos? Mas claro, suponho que não estamos aqui todos reunidos para discutir questões filosóficas. Estamos aqui por razões mais práticas, certo? Pois bem, como devem ter lido no nosso relatório, cerca de trezentas localidades de toda a região aqui representada dedicam à volta de cinco por cento da sua produção ao desenvolvimento da exploração espacial, direta ou indiretamente. A proposta da nossa rede é que todas as restantes localidades contribuam com uma percentagem semelhante...semelhante... - olha em frente, subitamente em branco. Sempre tinha tido uma boa memória, nem lhe ocorrera escrever notas. C confiara nela por inteiro, tendo deixado a sua parte da apresentação completamente à sua responsabilidade. Teria sido, talvez, uma forma de a testar. Sente a

pontada no estômago a subir pelo esófago e a cozer-lhe os lábios. Os segundos passam. As pessoas olham para ela, não compreendendo a pausa, mas estando dispostas a esperar. Afinal, ainda tinha tempo. [Tempo...Pensa...todo o tempo do Universo, num único instante]. Foi aí que lhe ocorreu, enquanto os segundos escorriam através do silêncio, as imagens daqueles vídeos velhíssimos de um homem iluminado que falava para o público como modo de vida. A maneira como ele parava serenamente de falar, a meio do discurso, segurando o microfone e olhando para cima, à procura do fio condutor para a próxima ideia. Sem pressas, sem stresses. As pessoas também precisavam de pausas de vez em quando, para melhor acompanhar a apresentação. Baixou os olhos do teto, por onde se tinham refugiado momentaneamente, à procura de inspiração, para o nível das cabeças dos seus ouvintes, continuando a falar normalmente. O nó no estômago dissipara-se tão rapidamente quanto se formara.

- A rede terrestre de exploração espacial compromete-se a listar, da forma mais exaustiva possível, as necessidades do programa em cada instante. Tal nem sempre é fácil, tendo em conta as comunicações com Marte, por vezes erráticas, mas há uma equipa permanente, entre cá e lá, a recolher dados e a torna-los disponíveis de forma interativa. Dia e noite. Do lado das localidades, o apelo é que se desenvolva a sensibilização necessária para garantir o apoio popular. As pessoas, se estiverem sensibilizadas, apoiam o crescimento da contribuição para esta finalidade. Em todo o caso, relembro, trata-se de elevar essa contribuição a cinco por cento, para todas as localidades com contribuições inferiores a esse valor. Há a questão dos acidentes, claro que estamos cientes disso. As perdas humanas e materiais desses acidentes são de lamentar, sem dúvida, e o programa espacial tem sofrido particularmente com isso, mas garanto-vos que todos os esforços têm sido realizados para os reduzir substancialmente. Naturalmente que todos gostaríamos que não acontecessem. O facto é que agora existe uma base permanente em Marte, estando já em construção orbital o que virá a ser a primeira nave interestelar de passageiros alguma vez fabricada por seres humanos. Nenhuma destas perdas terá sido em vão – contempla os rostos mais próximos, a estudar as reações. Expressões sérias, com laivos de preocupação – Sim, há riscos. E aliás, verdade seja dita, esses riscos aumentam com a distância a viajar. Facilmente se depreende que viajar vinte anos-luz será um desafio necessariamente maior que cumprir a relativa curta distância que nos separa de Marte. Mas esperar pela anulação

de todos esses riscos equivale a matar o programa, adiando-o indefinidamente. Além disso, não avançar agora significa também desperdiçar todos os esforços realizados até ao momento, e que muito tem custado, mais do que em tempo e equipamentos, em vidas humanas. Há que aprender com os erros que vão ocorrendo, e corrigir o necessário para reduzir o risco nas missões que se seguem. Somos uma espécie que aprende, e só assim teremos alguma hipótese de sucesso em chegar às estrelas. Muito obrigado pela vossa atenção.

Dessa vez não houve palmas. Havia muito para pensar e decidir. Muitos deles iriam mais tarde visitar as gravações da sessão, as notas e a retenção mental não chegavam. A Madame agradeceu e fez-lhe sinal para se sentar. C encostou-lhe a boca ao ouvido.

- Eu sabia que ias conseguir.

- Ia borrando a pintura toda – L desliga o micro, tirando finalmente o auricular.

- Foste bem. Foi uma introdução e, no fundo, um apelo ao debate. Agora é vê-los a esgrimir argumentos. Mas vais ver que, aparte de tecnicidades, isto resume-se a amor por um lado, e medo por outro.

- Pois, e neste caso, mais medo que amor.

- Oh pá, deixa-os poisar...deixa-os poisar – C poisa a cabeça suavemente sobre os nós dos dedos, com os cotovelos em cima da mesa. Usava a sua experiência quase como uma forma de meditação, prevendo muito do que se ia passando à sua volta. Abanava ligeiramente a cabeça, como que embalado por uma lenga-lenga. Concentrado, massajava ocasionalmente as têmporas sobressaídas. Na sua cabeça não havia dúvidas, animado da certeza que o amor nos levará para outras paragens, e de que o conhecimento nos abre os olhos, para dentro e fora de nós.

O assunto foi discutido por vinte minutos. Como C previra, não havia uma grande variedade de argumentos. Uns salientavam os riscos e as prioridades em salvaguardar a produção para a localidade, outros entusiasmavam-se com a contribuição, na perspetiva de participar em algo maior. C foi ainda chamado a esclarecer um par de questões técnicas relativas aos reatores e aos sistemas de comunicação, ambos conhecidos como

componentes cruciais para o sucesso de qualquer missão espacial. No final, foram beber um sumo de maracujá à beira-rio.

- Entretanto recebi mensagem da central. Temos de voltar ao velho continente. Precisam de nós lá nas zonas frias.

L aponta para a sua mochila.

- Mas o que é que acha que trago aqui dentro? Roupa para quinze dias? – Mostra a C um sorriso irónico – Nem sequer trouxe um casaco decente. Já sabia que aqui nos trópicos não ia fazer falta...

- Sim, relaxa. Tratamos desse assunto quando chegarmos – C consulta a chapa e volta às contas de cabeça – Aliás, não temos muito tempo. Amanhã já lá temos de estar. E, desta vez, voamos.

- A sério? Vamos vestir aqueles fatos outra vez? – Acende-se no seu olhar uma chama de entusiasmo.

- Ur...não, claro que não – C sorri, condescendente – Estes jovens iniciados não querem outra coisa. Para além de perigoso, devido às condições climatéricas variáveis, nenhum daqueles fatos consegue transportar energia suficiente para cobrir uma distância tão grande, para já não falar na seca monumental que iríamos ter de aguentar, à velocidade que aquilo voa. Quis dizer voar, num avião. Com casa de banho, bar e atendimento personalizado. Silencioso, rápido e não poluente, como dita a modernidade. E, claro, completamente automático.

L já se tinha deixado cair para trás sobre a relva, tirando os sapatos. [Oh pá, estou a começar a gostar desta vida de conferencista do espaço]. Deixaram-se ficar por ali mais um par de horas, seguindo para o hotel ao anoitecer. Na verdade, não era bem um hotel, mas um anexo bem equipado de uma casa de um ex-funcionário da rede terrestre de exploração espacial, um amigo de longa data de C. Embora não fosse difícil arranjar sítio para ficar, era sempre bom poder contar com uma vasta rede de pessoas, ainda ou em tempos ligadas à rede espacial. Chegados ao sítio, L enfia-se no banho. Deixa-se ficar debaixo do duche, a descansar a cabeça e a massajar a barriga de três meses e meio. A imaginar aquela cabecinha de feto, com aqueles enormes olhos, a viajar pelo Universo.

Uma nova forma de inteligência a percorrer o espaço sideral. Vendo e iluminando o caminho à sua frente com o olho gigante. Como se toda a experiência e conhecimento humanos estivessem concentrados nesse olhar. Abre os olhos, por debaixo do fluxo de água, aquecida pela infinita energia do Sol. A grande bola alaranjada da qual tentamos escapar. A casa-de-banho ganha contornos mais nítidos, à medida que fecha a água. Em gestos lentos, sai do banho. Sente-se calma e saudosa. [P...]. Embrulha a cabeça numa toalha e o corpo num robe, arrastando os pés até à janela. Abre-a, deixando-se trespassar pelo ar húmido da noite tropical. Chega-lhe aos ouvidos o coachar ritmado do pântano. Vê, na sua cabeça, o céu estrelado acima das nuvens. [Em vez de estar contigo, estou aqui a dizer às pessoas que deveríamos todos ir ter contigo]. Suspira, mas logo passa a mão pela barriga, a sossegar a saudade.

- L...tens uma mensagem. Pelo título parece coisa séria.

Inspira fundo, volta para dentro e fecha a janela.

- Também tinha saudades tuas, Budge. Há uns dias que não falávamos, não era?

- Oh pá, tu tens andado ocupada...começo a ficar com ciúmes dessa criatura que carregas. Acho que também vou arranjar uma namorada. Uma qualquer info-na-morada...

- Tu és um querido, sempre. E eu adoro-te, sabes disso.

- Sei. Mas olha, lê lá a mensagem. Pode ser importante.

Era uma mensagem da rede espacial. A origem era o centro em Marte. Escrita em termos pessoais, pela coordenadora da missão. Leu: “Querida L, Gostei muito das vezes em que falámos, naqueles fugazes momentos no centro de propulsão, no dia em que eu, P e os restantes membros desta missão saímos da Terra em direção a Marte. Momentos em que me senti desafiada, em que me senti viva. Agora não é um desses momentos. Sinto-me devastada. O P era um amigo, um colega, uma força insubstituível nesta missão. As circunstâncias em que morreu são conhecidas, está tudo nos perfis públicos dos elementos da missão. Mas isso não alivia a minha dor, e suponho que não irá aliviar a tua. Sinto muito...muito mesmo. Estou disponível para o que precisares, tendo em conta a distância. I”. Voltou atrás para ler outra vez. Marte, P, morreu. E outra vez. E outra vez ainda. Aumentava a sensação de ardor no estômago. Deixou-se cair na cama, as mãos a tapar a

cara. A tristeza e a raiva a virem à superfície e a competirem pela expressão. Os dedos a ficarem brancos da força sobre as órbitas, e molhados das lágrimas silenciosas. Quando não aguentou mais o ardor no estômago, explodiu. Largou as mãos da cara e gritou. Gritou, tirou o robe, a toalha, atirou tudo para um canto. Esmurrou a parede, pontapeou a cama, gritou até as têmporas latejarem e a voz lhe sumir. Quando C entrou no quarto estava sentada no chão, agarrada aos dedos, a cara vermelha de sangue. Não foi preciso perguntar-lhe nada, C também tinha recebido uma mensagem, embora de um teor menos pessoal. Foi buscar o robe embrulhado no chão, e cobriu-a com ele. Sentou-se na cama e, em silêncio, esperou que ela reanimasse, de alguma forma. Ouvia-a a fungar de vez em quando. Esperou. O tempo que foi preciso. Uma hora. Até que L se mexeu. Voltou o pescoço, levantando ligeiramente a cabeça na direção de C, numa expressão de pura tristeza e vulnerabilidade estampadas no rosto.

- Preciso de um abraço...

C deslizou da cama e enrolou os braços em volta dela. Ouvia-a a gemer de dor. Olhou para baixo, para os dedos da mão direita, que a mão esquerda agarrava. Estavam todos inchados e vermelhos.

- Anda, temos de tratar disso.

L obedeceu como um cordeiro manso. Sentia-se exausta, incapaz de argumentar ou resistir. No centro médico, puseram-lhe a mão dentro de um anel, para a geração de um mapa tridimensional da zona afetada e de um diagnóstico. O médico não precisou de contestar o resultado automático: deslocamento de duas articulações, início de fratura numa das falanges. Origem: impacto violento, com luxação e fratura subsequente. Tratamento: reorientação no Extensor-Torsor e microinjeção de selante. Duração do tratamento: quinze minutos. Duração da recuperação: três a cinco dias. O médico despediu-se deles com um sorriso triste.

- Garanta por favor que ela não esmurre nada nos próximos três a cinco dias – dirigindo-se a C.

L limitou-se a olhar para o médico, sorrindo sem qualquer convicção. C apertou a mão ao técnico, com um ar cansado. À saída do centro de saúde, já noite alta, praticamente só se

ouviam os grilos e os sapos a coaxar. L senta-se à beira da estrada, não vendo mais nada a não ser a sua mão e a sua barriga, enquanto C chama um casulo.

- Só não quero abortar. Só...não quero abortar. Só não quero abortar – Parecia falar sozinha, com a cabeça pendurada e o queixo na direção do umbigo. Remoía a lengalenga, com a mão boa sobre a barriga. A outra, enfaixada, circulava à volta da primeira. À sua frente, como uma cortina, o farto volume das rastas cobria o seu corpo encurvado.

Vou pôr-te no Maglev de amanhã, de volta para casa. Tu precisas do conforto da família – C agacha-se à frente de L, gentilmente encontrando o seu queixo por trás da cortina de rastas e descobrindo também um rosto, que lhe devolve um olhar vazio, raiado de sangue. Sangue retirado às faces, lívidas e suadas – Se fosse possível, punha-te num avião para lá agora mesmo.

L abana a cabeça de um lado para o outro, deixando-a tombar de novo.

- Não... - a voz vem-lhe num fio, praticamente inaudível – Não quero ir para casa. O P não iria querer.

C esfrega a mão nos olhos. O cansaço, a emoção e o sono a ameaçarem levar a melhor. Percorre as sobrancelhas com a ponta dos dedos, à procura de clareza de espírito.

- Disparate – Fala para a frente, contemplando o breu húmido da noite – Não sei quando é que tu vais fazer o luto, mas garanto-te que a mãe de P já o está a fazer. Ela precisa de estar rodeada pelas pessoas que estavam mais próximas de P. Deves-lhe isso. Os afazeres da rede espacial podem esperar.

[P...estou a afundar-me. Eu...juntamente com este amor órfão. Sinto-me fraca. Nunca pensei que pudesse sentir-me tão fraca].

[X,

Fui a casa. Na viagem, só pensava no bebé. Não posso abortar, por favor, não quero abortar. Só pensava nisso. Entrei em pânico quando senti uma pontada de dor na barriga. Passei a viagem quase toda na casa-de-banho. A examinar a minha dor, a apalpar-me toda, a enfiar a cabeça no lavatório, a ver se acordava do pesadelo. Desculpa se não te fui visitar. Sei que tentaste encontrar-me, mas não queria que me visses naquele estado. Grávida e

decadente. Triste e desesperada. Eu sei que me irias apoiar e abraçar, mas estava tão em baixo que nem isso conseguia ver. Só via, e imaginava os detalhes que não conhecia, a morte de P, vezes e vezes sem conta na minha cabeça. A descida do vaivém sobre a tempestade de areia, o pânico generalizado, o incêndio que tudo consumiu depois da rotura do casco, a morte instantânea de todos os ocupantes. Os sonhos constantes, pesadelos dilacerantes em que P morria invariavelmente, comigo a acordar petrificada, banhada em suor. Senti-me melhor ao encontrar a mãe de P na reunião de família. Isso surpreendeu-me. Talvez fosse por me aperceber que havia alguém a sofrer tanto ou mais do que eu. Eu sei que parece egoísta, mas o facto é que aliviou a minha dor. Fiquei a pensar no que a minha própria mãe me disse nessa altura: é a vida que encontras, quando a morte te visita. O meu pai só me abraçou, e isso bastou. Chorei tudo, encostada ao seu peito. Chorei o passado que não ia voltar, o futuro com P que não iria ter, o amor com ele que não iria poder viver. Mas tenho este filho. E tenho-te. A ti, à T, à S...acho que nunca dei tanto valor aos meus amigos. Andei muitos dias a bater com a cabeça nas paredes. Emagreci. Quando deixei de dormir e a sentir tonturas, olhei para mim e pensei: estás a matar-te. Estás a matar-nos. Isto não és tu. Foi aí que percebi que tinha de voltar à estrada, continuar as viagens. A minha viagem. Eu e o C temos palmilhado o mundo, à medida que esta barriga cresce, para além do meu corpo. Um pequeno extraterrestre dentro de mim. Um sobrevivente. Quem sabe se será ele, ou ela, a pisar solo extraterrestre, extra solar, extra tudo aquilo que conhecemos aqui. A presenciar horizontes com os quais nós agora apenas sonhamos. Sonho que só se concretizará se acreditarmos. Porque, no limite, isto não tem nada a ver com detalhes técnicos ou se a nave viaja a maior ou menor percentagem da velocidade da luz. Quem não está motivado também não vai tentar ultrapassar os problemas técnicos, nem contribuir para que de outra forma se resolvam. P era um técnico. Ele nunca faria o que eu estou a fazer agora. Iria aborrecer-se de morte. Mas mais motivado não podia estar. Seguiu, na linha da frente, e talvez por isso tenha morrido antes de muitos outros. Nem sei bem como é que consigo falar disto com tanto à vontade. Mas dói-me, acredita. Passei de pseudo-princesa incompreendida, a amante a transbordar de desejo, a viúva, num punhado de meses. Cresci muito. Chorei muito. Estive muito perto de desistir. Mas descobri, e redescobri, que não sou de desistir. Além disso, teria sido uma desilusão, uma segunda desilusão face a P, e acho que nem morta iria aguentar isso. Tu percebes. Ah sim, por falar

L

120

em ti, estou com umas saudades tremendas. Não lhe vou mentir, mas tu serás o mais próximo de um pai que esta criança alguma vez irá ter. Tenho a certeza de que P iria aprovar. Amo-te. Até breve,

L].

Epílogo

- L, estás bem? – C levanta os olhos da chapa, ajeitando os óculos escuros por cima da cabeça – Estás um bocado pálida.

- Oh, isso deve ser de andar sempre em reuniões, em vez de estar na praia... - L ajeita-se na cadeira, a tentar ajeitar a barriga que já só movia com dificuldade. Também estava a trabalhar na chapa, a preparar respostas a comentários específicos, resultantes da última reunião.

- Não, a sério L...não estás com bom aspeto – C vê as gotículas de suor na testa de L, ainda concentrada a olhar para a chapa. Ela não descola do trabalho.

- Pois, a seguir vais dizer que estou muito grávida, e que devia ter mais cuidado, etc., que ainda me rebentam as águas e mais não-sei-quê...

- Por falar em águas, L, segundo a compilação de dados da tua gravidez, a probabilidade das tuas águas rebentarem nas próximas três horas é de setenta e seis por cento – Budgie faz notar a sua presença à mesa – pensei que gostasses de saber.

- Eu sei que estou sempre no teu pensamento, Budge – L passa as costas da mão pela testa – mas neste momento, de facto, isso era das coisas que menos jeito dava. Olha, mas já que estás aí, converte-me num documento escrito o áudio da última reunião. Obrigada.

Continuaram a trabalhar tarde dentro. A sala onde estavam era ampla, com uma larga frente envidraçada. As mesas, altas, eram servidas por também altos bancos, embora ergonómicos e confortáveis. A iluminação, acolhedora, mas com potência suficiente para afastar o sono. Outras pessoas usufruíam do espaço, conversando num registo baixo, trabalhando em silêncio ou servindo-se no bar. Lá fora chovia, escurecendo ainda mais um fim de tarde nublado. L gostava daquele edifício, que há mais de cem anos era um marco para a música, para a arte e cultura. Além disso, já lá tinha exposto. Começara por ser uma casa essencialmente de música, mas com o tempo evoluíra para um centro de arte total. Mas hoje não dava para apreciar muito, estavam com imenso trabalho e a questão da gravidez não ajudava. [Agora só me falta acabar esta apresentação e depois pedir mais dados ao centro para a próxima avaliação, e depois...] De repente L levanta a cabeça, de olhos esbugalhados. C reage com o mesmo movimento, a sua face lívida.

- Acho que me rebentaram as águas – Num reflexo, olha para baixo, constatando as calças encharcadas – Ir para a maternidade agora será provavelmente uma boa ideia...

Ajudada por C, desce com dificuldade do banco alto, todo molhado.

- Tu realmente... - C tenta segurá-la, enquanto recolhe as chapas e os restantes pertences. Estão agora em modo urgência – Vou chamar um casulo ambulância.

No tempo de saírem e descerem a escadaria exterior do edifício, aterra a ambulância. Lá de dentro sai o enfermeiro, um tipo grande com a cabeça rapada e dois piercings no nariz. Solícito e rápido, cobre imediatamente L com um impermeável e ajuda-a a entrar no casulo das emergências. Lacónico, mas eficaz, pergunta a C somente se também quer entrar. C acena afirmativamente. Entram os três na viatura alargada, que albergava maca, robot de diagnósticos rápidos, armário de primeiros socorros e lugares sentados para quatro pessoas, tudo sobre um pavimento nivelado por giroscópio. O enfermeiro indica o destino ao computador de bordo, que após cumpridas as normas de segurança faz elevar todo o conjunto no ar, e arranca à maior velocidade possível.

- Budge... - L tenta relaxar, entre contrações, enquanto a ambulância voadora inicia a manobra de aterragem no hospital – Budge, chama o X, por favor.

C tira a chapa de L para fora da sua mochila.

- Sim...não – Fecha os olhos e aguenta mais uma contração. O enfermeiro ajuda-a a respirar e a manter a calma – Diz-lhe para vir cá ter. Rápido. A urgência sabes qual é.

- Considera feito. Agora vê se te concentras apenas em pôr essa criatura cá fora.

Terminada a aterragem, os médicos vêm prontamente buscar L, levando-a para a sala de análise. Estavam bem-dispostos, apesar da chuva e da urgência. Contavam piadas e gracejavam com ela, fazendo com que tudo aquilo parecesse uma brincadeira.

- Você está com um ar bastante grave... - Um deles pisca o olho ao outro, que escreve instruções no computador, não ocultando uma vontade de rir - desculpe, bastante grávida.

Riem com gosto, mas de forma contida, pois o trabalho é para ser realizado com profissionalismo. L não consegue rir, embora também sinta vontade, porque a contração não a deixa relaxar os músculos da cara, muito menos os da barriga. Passam-lhe o scan. Fazem as coisas com o à-vontade de quem está no café, na descontração com os amigos.

- Scan feito, tudo normal. Abertura insuficiente – Os médicos olham um para o outro, em cumplicidade. O do computador vira-se para L, carinhosamente ameaçador – Agora...lá para fora! Você vai é esticar as pernas!

Estavam L e C a andar às voltas pelos corredores quando aparece X, ofegante e de roupa molhada, frenético à procura da parturiente.

- Já viste como eles me tratam, X? – Apesar das dores, L estava radiante. Antes que ele pudesse responder, ou dizer olá ou outra coisa qualquer, ela acrescenta – Olha, estou quase a adormecer aqui às voltas por estes corredores todos iguais...que tal se fôssemos para o jardim?

- L, mas está a chover a bom chover – X ainda se está a ambientar ao estado de espírito local, que é um de euforia, dor e expectativa.

- Sempre me saíste um menino, tu!...E ainda por cima estás todo molhado. Mais não ficas – Faz um gesto a C, para que não se preocupe e que fique por ali – Vá, ajuda-me a ir lá para fora, que eu ainda só molhei as pernas.

No jardim apenas se ouvia a água a cair, a bater nas folhas, nas poças e a fazer inchar a terra. Minhocas e lesmas fugiam do solo saturado. Chovia torrencialmente, agora. L sorria sempre, apesar disso, só parando de andar quando vinha a contração. Aí agarrava-se a X, que tentava dar o apoio necessário. No entanto, ele sabia que o apoio físico era apenas uma pequena parte do seu papel ali. O que L precisava principalmente era da sua presença. Precisava de sentir que não estava a ter aquele filho sozinha. Quando não aguentou mais andar, X levou-a para dentro ao colo. Os médicos apareceram logo, agora mais sérios.

- Vamos lá a isto agora – Um médico empurrava a maca, o outro limpava-lhe a testa, verificando os parâmetros no ecrã da maca – Não custa nada, isto agora é só respirar e empurrar...

- Isso é fácil diz... - Uma contração fortíssima fá-la desmaiar, a meio da frase. Já na sala de parto, os médicos aproveitam a pausa para pôr tudo em ordem.

- Acorda-a com dois mili-volts.

L desperta para mais uma onda de pressão e dor. Rolam-lhe gordas gotas de suor pelas bochechas abaixo.

- Seus cabrões!!...Uhh...Uhh!...

- Vá! Empurre! Empurre! Está a abrir, está a abrir...

- Quer alguma coisa para as dores? – O médico ao lado da maca prepara o computador para a administração do sedativo.

- Nã...Nã...Nada disso! Vamos! VAMOS! Uhh!... – L segura a maca de um lado e esmaga o braço de X do outro, com toda a sua força. Todo o seu corpo se prepara para a expulsão. Todo ele grita: nasce!

- Oh pá, já temos cabecinha! – O médico da frente expõe um largo sorriso – É agora! Mais um empurrão! – Pega na cabeça do bebé, amparando a saída.

L guincha, sua, chora, cravando ainda mais a mão no braço de X. Ele testemunha o tumulto, sente a urgência e a tensão neste momento crítico na vida de uma mulher. Este também será um filho seu. Bem-vindo ao mundo. Num esforço derradeiro, L impulsiona o bebé para o mundo e desmaia novamente.

- Já temos bebé! - O médico da frente levanta a criatura bem alto, o cordão umbilical pendurado – Olhem só para isto!!

- Grande mamã! – o outro médico pisca o olho a X e entra em modo de preparação de bebés.

- Mas então e ela? – X intervém, preocupado.

- Vamos deixá-la descansar um pouco. Está tudo bem, os sinais estão todos ótimos, tanto mãe como filha – os dois médicos atarefam-se agora à volta do bebé, depois de terem limpo a mãe e a terem transladado para outra cama. X senta-se ao lado dela, cansado também, acariciando-lhe o sobrolho desmaiado. Passam alguns minutos até L despertar. Dorida, mas aliviada, tenta levantar-se. X carrega-lhe suavemente nos ombros.

- Tu não vais a lado nenhum – Baixa-se e beija-a ao de leve nos lábios – Mamã corajosa – Diz-lhe em surdina, com os narizes encostados. Entram os médicos com o bebé.

- Da nossa parte está tudo. Agora ficam entregues aos enfermeiros – Voltam ao humor típico do serviço – Onde é que depositamos esta coisa fofa?

L

125

L desaperta a camisa de hospital, expondo as mamas inchadas de leite e a barriga ainda volumosa – Aqui.